

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS SERTÃO
CURSO DE LETRAS

DAIANA SANDERAY SILVA SANTOS

**A CONSTRUÇÃO ENUNCIATIVO-DISCURSIVA DA SECA E DO SERTÃO
ALAGOANO EM *OUTDOOR* E *FOLDER***

DELMIRO GOUVEIA – AL

2020

DAIANA SANDERAY SILVA SANTOS

**A CONSTRUÇÃO ENUNCIATIVO-DISCURSIVA DA SECA E DO SERTÃO
ALAGOANO EM *OUTDOOR* E *FOLDER***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Alagoas (UFAL-Campus do Sertão), curso Letras-Português, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Letras-Língua Portuguesa, sob orientação do Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho.

DELMIRO GOUVEIA – AL

2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S237c Santos, Daiana Sanderay Silva

A construção enunciativo-discursiva da seca e do sertão alagoano em *outdoor* e *folder* / Daiana Sanderay Silva Santos. – 2021.
89 f. : il.

Orientação: Ismar Inácio dos Santos Filho.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Linguística aplicada. 2. Estereótipo. 3. Seca. 4. Sertão.
5. Alagoas – Brasil. 6. Nordeste. I. Santos Filho, Ismar Inácio dos. II. Título.

CDU: 81'28

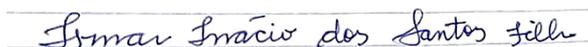
DAIANA SANDERAY SILVA SANTOS

**A CONSTRUÇÃO ENUNCIATIVO-DISCURSIVA DA SECA E DO SERTÃO
ALAGOANO EM *OUTDOOR* E *FOLDER***

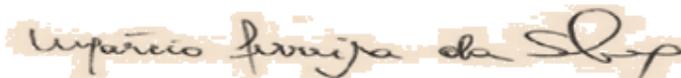
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Alagoas (UFAL-Campus do Sertão), curso Letras-Português, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Letras-Língua Portuguesa, sob orientação do Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho.

Delmiro Gouveia (AL), 29 de outubro de 2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho – Curso de Letras – UFAL-Campus do Sertão
Professor Orientador



Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva – Curso de Letras – UFAL-Campus do Sertão
Professor Avaliador Interno



Profa. Esp. Cristiana Soares de Oliveira – ProDic - UNEAL
Professora Avaliadora Externa

DELMIRO GOUVEIA (AL)
2020

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, autor do meu destino, por sempre ter me dado forças e alimentado à fé que em mim existe, para que eu pudesse trilhar este caminho de grande aprendizado, que aqui não se encerra.

À minha mãe Francisca e ao meu pai José; aos meus irmãos Natanael e Francisco e à minha irmã Diana; ao meu esposo Emanuel, e a toda minha família, por ter acreditado em mim e me incentivado nessa minha jornada.

Aos professores e professoras, que foram importantes em minha formação acadêmica e grandes incentivadores/incentivadoras.

A todo(a)s o(a)s amigo(a)s e colegas, por todo apoio e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois tudo o que vivi foi mediante sua vontade. Antes de todos, Ele acreditou que eu seria capaz de fazer esse trajeto em minha vida. Por isso, colocou em meu coração o desejo tão alimentado por mim, desde minha infância, de me formar academicamente. Iluminou meu caminho, dando a mim força e coragem para continuar, mesmo em meio a tantas dificuldades enfrentadas, que muitas vezes me fizeram fraquejar; Ele não permitiu que eu desistisse, dando-me a oportunidade de viver um novo mundo de possibilidades, e, assim, tornando-me a primeira pessoa da minha família a alcançar a formação acadêmica.

Agradeço amorosamente a minha mãe, Francisca, mulher guerreira, batalhadora, minha primeira formadora, companheira e amiga, que ao lado de meu pai sempre lutou incansavelmente para que nada faltasse para mim e meus irmãos, principalmente o amor e a educação, fruto de seus cuidados. Ao meu pai, José, que desde sempre foi meu herói e amigo, a pessoa que me formou para a vida; ele, que sempre sonhou meus sonhos comigo, foi e é meu grande exemplo de honestidade, de trabalhador, de luta, de compromisso com a família, e de humanidade, assim como a minha mãe.

Aos meus irmãos e irmã Natanael, Diana e Francisco, pelo companheirismo, amor e amizade afetuosa, que deram a mim muita força para continuar lutando por meus ideais; digo-lhes que são os melhores e a melhor! Amo vocês! Aos meus amados sobrinhos Yuri e Yan, que embora não tenham conhecimento disto, iluminaram de forma especial os meus pensamentos e toda minha vida. Titia ama vocês! E a todos os meus familiares, em especial as minhas avós Josefa e Venina (*in memoriam*), ao meu avô José, ao meu tio Lorival e a minha tia Joana (*in memoriam*).

Ao meu esposo Emanuel, que desde o primeiro momento tem me apoiado e incentivado, estando sempre ao meu lado, ajudando-me, dando-me forças para que eu pudesse superar cada e qualquer obstáculo que encontrava pelo caminho. Obrigada meu amor, por ser meu melhor amigo, e por ter demonstrado ser um grande companheiro nessa trajetória. Agradeço por toda paciência, atenção, cuidado e amor dedicados a mim, principalmente nos momentos mais turbulentos.

Ao meu professor e orientador Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho, por toda paciência, dedicação, atenção, incentivo e acolhimento que tornou possível a conclusão de minha pesquisa. Nossas discussões, a princípio em sala de aula, ampliadas no grupo de estudos

GELASAL, para além desses lugares, foram fundamentais para minha formação acadêmica, inclusive pessoal. Obrigada por ter feito de mim, enquanto estudante, uma pesquisadora!

Aos meus/minhas amado(a)s amigo(a)s Henrique, Jane Meire, Edmilson, Rafael, Cicera, dona Maria (vó), Sônia, Claudjane, Ayslan, Elaine, Aninha e senhor Pereira (*in memoriam*), que antes da vida acadêmica e, principalmente durante, sempre estiveram do meu lado, compartilhando momentos de grande afetividade e aprendizados, e mesmo em meio à distância que nos separava sempre se mantiveram presentes em minha vida; a eles e elas deixo meus sinceros agradecimentos.

Não posso deixar de agradecer à primeira pessoa que conheci a caminho da cidade de Delmiro Gouveia, lugar que até então era desconhecido para mim, mas que me permitiu conhecer uma das mais encantadoras pessoas que já tive o prazer de conhecer, minha querida Maria (Dona Galega), que tão bem me acolheu, assim como toda a sua família. De coração, muito obrigada! Não deixo de agradecer a melhor motorista do sertão, minha querida Ângela. Obrigada!

Quero agradecer também ao Curso de Licenciatura em Letras da UFAL-Campus Sertão, em especial a minha turma 2014.2, que entre um parágrafo e outro de produção, foi com quem pude compartilhar verdadeiros momentos de alegria, reflexões, aprendizados, conhecimentos, experiências e desesperos (risos) ao longo desses anos. Especialmente com meus/minhas querido(a)s amigo(a)s Rakel, Isabela, Josuel, Fernando e Ricardo. E não deixando de agradecer em especial a minha amiga Sylvania (curso Pedagogia), que desde o primeiro período foi e tem sido uma grande amiga para mim. Vocês são para toda a vida!

Ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Alagoas-UFAL/Campus do Sertão, por toda dedicação, compromisso e amor ao curso. Não deixando de agradecer especialmente aos meus professores Ismar Inácio, Márcio Ferreira, Thiago Trindade, Murilo, Cristian Salles, Marcos Paulo, Maria Aparecida e Divânia pelas contribuições em minha formação acadêmica, pedagógica e pessoal! Muito obrigada!

Ao *Grupo de Estudos em Linguística Aplicada em Questões do Sertão Alagoano* (GELASAL), nas pessoas de Prof. Dr. Ismar Inácio (coordenador) por todo conhecimento compartilhado na elaboração deste trabalho. As minhas garotas LA Rakel Teodoro, por toda sua ajuda, paciência e carinho comigo, suas contribuições em minha pesquisa foram extremamente importantes para realização. Te amo, amiga! Minhas queridas Nadine, Beatriz e Saúde, as quais compartilharam comigo verdadeiros momentos de conhecimento, aprendizado e desesperos (risos) e grandes alegrias dentro e fora do grupo. Muito obrigada, meninas!

Por fim, à Universidade Federal de Alagoas-UFAL/ Campus Sertão, e a todos aqueles e todas aquelas que fazem desta instituição um lugar de acolhimento. Desde o guarda na portaria, o corpo administrativo, o pessoal da limpeza, o(a)s bibliotecário(a)s, todo corpo docente e a direção acadêmica.

“Quando contemplamos o mundo natural que partilhamos com os outros, não perdemos o contato conosco, mas nos reconhecemos como membros de uma sociedade de mentes. [...] E essa comunidade de mentes é a base do conhecimento e a medida de todas as coisas.”

Donald Davidson

“Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto é realidade”.

Raul Seixas

RESUMO

Este trabalho provém do primeiro contato, no ano de 2017, com o *Grupo de Estudos em Linguística Aplicada em Questões do Sertão Alagoano* (GELASAL), criado pelo professor Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho, no ano de 2013, que direciona seu olhar para discursos sobre o Sertão/Semiárido/Nordeste. Assim, o objetivo deste estudo é compreender como são construídos enunciativo-discursivamente os sentidos de Sertão/Semiárido/Nordeste, a fim de refletir sobre os significados que vem sendo produzidos ao longo do tempo em torno dessa região, discurso que ainda está ligado a uma figura estereotipada de uma ‘região de “seca”, de “miséria” e “fome”, que se sustenta em vários gêneros discursivos, tais como o *outdoor*, o *folder* e a *propaganda*, entre outros. Neste sentido, podemos considerar que o fenômeno seca é o que constitui/mantém esse estereótipo empregado linguístico-enunciativamente nesses gêneros discursivos da esfera publicitária. Dessa maneira, compreendemos que a seca é construída como o mal que assola essa região. Logo, nossa pesquisa é movida pelo questionamento: “Como os sentidos sobre o sertão alagoano são construídos nos gêneros discursivos *outdoor* e *folder*, pertencentes ao evento *Seminário de Oportunidades do Semiárido Alagoano*, organizado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), que teve como tema central *O Sertão vai virar um mar de negócios*, circulados na cidade de Delmiro Gouveia-AL, em 2017?”. Ressaltamos que este evento buscou promover discussões sobre a melhoria dos eixos do agronegócio, turismo e o incentivo ao desenvolvimento das competências que envolvem terra, gente, cultura e tradições. Ou seja, busco compreender quais significados são forjados nesses textos, entendidos como enunciação sobre a ‘Seca’ (em uma perspectiva histórica e geográfica) no semiárido alagoano, a partir da leitura em perspectiva transversal, entendendo a língua como uma atividade social e política, uma vez que essa pesquisa se realiza no campo da Linguística Aplicada (LA), que tem como objetivo criar inteligibilidade a partir de seu caráter indisciplinar/transdisciplinar. Para tanto, esse estudo se dá a partir dos trabalhos de Albuquerque Júnior (2011; 2014; 2017), Bakhtin/Volochínov ([1929] 2004), Brait (2005; 2016), Bazerman (2015), Barbosa (2017), Bastos (2016), Marcuschi (2008), Moita Lopes (1996; 2004; 2006; 2009; 2010; 2015), Santos Filho (2012; 2016), Rojo; Barbosa (2015), Signorini (1998), dentre outros. Diante do que foi analisado, podemos afirmar que o sertão e o semiárido alagoano, especificamente o município de Delmiro Gouveia, nos gêneros *outdoor* e *folder* foram e continuam sendo construídos a partir do discurso da seca que construiu a região Nordeste como uma região do atraso, da improdutividade e do não desenvolvimento econômico, em que a ideia que se tem do sujeito dessa região, o(a) sertanejo(a), é a de um sujeito pobre, castigado e infeliz, pois este por séculos sofreria com a seca e, nesse sentido, é necessário que propostas de mudança social e econômica sejam ofertadas no/para semiárido alagoano, para que este possa vir a ser um “mar de negócios”.

Palavras-chave: Linguística Aplicada. Enunciação. Seca. *Outdoor*. *Folder*.

ABSTRACT

This work comes from the first contact in 2017 with the Group of Studies in Applied Linguistics in Questions of the Alagoan Sertão (GELASAL), created by professor Ismar Inácio dos Santos Filho, in the year 2013, which directs his attention to the discourses used on the Backwoods / Semiarid / Northeast. Thus, the objective of this study is to understand how the meanings of Backwoods / Semiarid/ Northeast are constructed enunciative-discursively, in order to reflect on the meanings that have been produced over time around this region. This discourse, which is still linked to a stereotyped figure of a 'drought' region, 'misery' and 'hunger', which is based on several discursive genres, such as the billboard, the folder, the advertisement, among others. In this sense, we can consider that the dry phenomenon is what constitutes / maintains this stereotype used linguistically - enunciatively in these discursive genres of the advertising sphere. In this way, we understand that drought is built as the disease that plagues this region. Therefore, our research is driven by the questioning: "How the senses about the Alagoan backwoods are constructed in the discursive outdoor and folder genres belonging to the event Seminar of Alagoan Seminar, organized by the Brazilian Service of Support to Micro and Small Companies (SEBRAE), which had as its central theme The Sertão will become a sea of business, circulated in the city of Delmiro Gouveia-AL? Emphasizing that this event seeks to promote discussions on the improvement of the agribusiness, tourism and incentive to the development of skills that involve land, people, culture and traditions. That is, I try to understand the meanings that are forged in these texts, understood as enunciation about the 'drought' (in a historical and geographical perspective) in the Alagoan semi-arid, from reading in a transversal perspective, understanding the language as a social activity and policy, since this research is carried out in the field of Applied Linguistics (LA), which aims to create intelligibility from its undisciplinary / transdisciplinary character. Therefore, this study is based on the work of Albuquerque Júnior (2011; 2014; 2017), Bakhtin/Volochínov ([1929] 2004), Brait (2005; 2016), Bazerman (2015), Barbosa (2017), Bastos (2016), Marcuschi (2008), Moita Lopes (1996; 2004; 2006; 2009; 2010; 2015), Santos Filho (2012; 2016), Rojo; Barbosa (2015), Signorini (1998), other litigants. Given what was analyzed, we can say that the hinterland and the semiarid region of Alagoas, specifically the municipality of Delmiro Gouveia, in the *outdoor* and *folder* genres were and continue to be built from the drought discourse that built the Northeast region of backwardness, of unproductiveness and non-economic development, in which the idea of the subject in that region, the countryman, is that of a poor, punished and unhappy subject, as he would have suffered from drought for centuries and, in that In this sense, it is necessary that proposals for social and economic change be offered in/ for the semiarid region of Alagoas, so that it can become a "sea of business".

Keywords: Applied Linguistics. Enunciation. Dry. *Outdoor*. *Folder*.

LISTA DAS FIGURAS

Figura 1: Mapa para a delimitação geográfica da região Nordeste como área de atuação da <i>Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS)</i>	34
Figura 2: Classificação de severidade da Seca: estágios de seca, ou categorias, as quais definem a intensidade de seca no mapa Monitor.....	45
Figura 3: Mapa do Monitor de Secas para o mês de dezembro/2016.....	46
Figura 4: Recorte do Monitor de Secas para o estado de Alagoas	47
Figura 5: Registro fotográfico do <i>outdoor</i> , em 13 de junho de 2017, posto às margens da rodovia AL-145, próximo à Universidade Federal de Alagoas-Ufal/Campus Sertão.....	61
Figura 6: Mapa Validado do Monitor de Secas do Nordeste: janeiro/2017	62
Figura 7: Mapa Validado do Monitor de Secas do Nordeste: fevereiro/2017.....	63
Figura 8: Mapa Validado do Monitor de Secas do Nordeste: março/2017	64
Figura 9: Mapa Validado do Monitor de Secas do Nordeste: abril/2017.....	65
Figura 10: Mapa Validado do Monitor de Secas do Nordeste: Abril/2019.....	67
Figura 11: <i>Folder</i> 13 de junho de 2017	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 LINGUÍSTICA APLICADA: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-METODOLÓGICA	17
2.1 “Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada indisciplinar”	17
2.2 A Linguística Aplicada: paradigma interpretativista.....	22
2.3 “Concepção de língua, sujeito, texto e sentido” em LA.....	24
3 SECA, A GÊNESE DO NORDESTE: UMA CONSTRUÇÃO DISCURSIVA	31
3.1 Do discurso da seca à “invenção do Nordeste”	31
3.2 A mitificação da Seca.....	37
3.3 Entre paradigmas: combater a seca ou conviver com ela?	43
4 A CONSTRUÇÃO ENUNCIATIVO-DISCURSIVA DA SECA E DO SERTÃO ALAGOANO EM <i>OUTDOOR</i> E <i>FOLDER</i>	54
4.1 Abordagem metodológica	54
4.2 A esfera publicitária.....	58
4.3 Leitura enunciativo-discursiva dos gêneros discursivos <i>Outdoor</i> e <i>Folder</i>	60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	82

CAPÍTULO 01

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu a partir do primeiro contato, no ano de 2017, com o Grupo de Estudos em Linguística Aplicada em Questões do Sertão Alagoano (GELASAL), criado pelo professor Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho, em 2013, que direciona seu olhar para discursos sobre o Sertão/Semiárido/Nordeste, atentando-se também para a maneira de viver das pessoas dessa região. Com base nesse interesse/nessa problemática, foram realizados estudos linguístico-discursivos para compreender essas questões.

Assim, em 2017, dando continuidade às reflexões tecidas nos anos de 2014-2015 e 2015-2016, no projeto “A construção enunciativo-discursiva da seca em Alagoas”, vinculado ao PIBIC 2017-2018, o objetivo desta pesquisa é compreender como é construído enunciativo-discursivamente o sentido de Sertão/Semiárido/Nordeste, afim de refletir sobre os significados que vem sendo construídos ao longo do tempo entorno dessa região. Considerando os estudos anteriormente mencionados, podemos perceber que esses discursos ainda estão ligados a uma figura estereotipada da região nordestina/semiárida, enquanto uma região de ‘seca’, de ‘miséria’, de ‘fome’ e de ‘mazelas’, e que se sustentam em vários gêneros discursivos como o *outdoor*, a propaganda e o *folder*, entre outros.

Neste sentido, podemos considerar que o fenômeno ‘seca’ é o que constitui/mantém esse estereótipo empregado linguístico-enunciativamente nesses gêneros discursivos da esfera publicitária e, dessa maneira, compreendemos que a ‘seca’ é construída como o mal que assola o Sertão/Semiárido/Nordeste. Ou seja, “a seca é pensada como a agonia do sertão, pois tudo morre, tudo demonstra esta agonia, tanto da natureza, como do homem [...]” (ALBUQUERQUE JR., 2014, p. 65), como descrita no cordel *Quando há seca no sertão*, do cordelista Apolônio Alves dos Santos (2014 [1981]).

Diante disso, minha pesquisa é movida pelo questionamento: “Como os sentidos sobre o sertão alagoano são construídos nos gêneros discursivos *outdoor* e *folder* pertencentes ao *Seminário de Oportunidades do Semiárido Alagoano*, evento organizado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), em 2017, que teve como tema central *O Sertão vai virar um mar de negócios*, circulados na cidade de Delmiro Gouveia-AL?”.

Mediante esse questionamento, é importante salientar que o referido evento teve realização na Universidade Federal de Alagoas-Campus Sertão, durante os dias 25 e 26 de maio de 2017, com a finalidade de proporcionar discussões sobre a melhoria dos eixos do

agronegócio, turismo e o incentivo ao desenvolvimento das competências que envolvem terra, gente, cultura e tradições.

Visando atingir um maior público para o evento, principalmente empreendedores, estando entre eles a comunidade acadêmica da UFAL/Campus Sertão, empresários da região, produtores agrícolas, artesãos e o público em geral, os organizadores não abriram mão de utilizar para a divulgação do seminário os gêneros discursivos *outdoor* e *folder* pertencentes à esfera publicitária, que, por sua vez, caracterizam-se pelo poder de persuasão sobre o outro discursivo. Neste sentido, os produtores fazem usos verbais e não verbais, bem como diversos recursos estilísticos nesses gêneros discursivos, a fim de atrair seu público alvo.

A partir do problema proposto, busquei compreender de modo específico como esses discursos são construídos, como o Sertão/Semiárido/Nordeste é designado, caracterizado e predicado enunciativo-discursivamente nesses gêneros discursivos da esfera publicitária, interpretando, desta maneira, quais significados são forjados nesses textos, entendidos como atos de fala, como enunciação sobre a “seca” no semiárido alagoano, que não acontece de maneira direta; entretanto, o discurso da ‘seca’ está presente nesses gêneros, que por sua vez, têm como objeto desse discurso o ‘semiárido alagoano’.

Destarte, a pesquisa está inserida no campo da Linguística Aplicada (LA), área do conhecimento que tem como objetivo criar inteligibilidade sobre a vida social a partir de seu caráter indisciplinar/interdisciplinar, de forma que o conhecimento desta está também baseado na interação e hibridismos de outras disciplinas (como são apresentados neste trabalho estudos da História, Geografia e Políticas públicas) (MOITA LOPES, 1996; 2006; 2010; 2015), contendo em seu campo diferentes possibilidades de discussões.

Assim, a LA se sustenta através da ideia de reinventar a teoria para poder, desse modo, estudar determinado objeto sob sua perspectiva dialógica da linguagem, não indo ao encontro de teorias previamente posicionadas; entendendo que o sujeito “utiliza-se da língua para posicionar-se sobre o mundo, à medida que constrói o mundo e a língua” (SANTOS FILHO, 2012, p. 49), e, dessa maneira, percebemos que as práticas discursivas estão relacionadas diretamente com as práticas sociais.

Portanto, não podemos “tratar o gênero de discurso independente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas” (MARCUSCHI 2008, p. 155), pois as práticas discursivas não são de caráter neutro, mas de cunho social, político e ideológico, tendo em vista que, ao utilizar-se da palavra, o sujeito assume uma posição ideológica no mundo.

Desse modo, e partindo de uma leitura em perspectiva transversal, entendendo a língua como uma atividade social e política que partem de um “eu” para o “outro”, esse estudo se dá a partir dos trabalhos de Bakhtin (2011), Bazerman (2015), Marcuschi (2008), Rojo e Barbosa (2015), Brait (2005, 2016) Santos Filho (2012), Albuquerque Jr. (2011; 2014), dentre outro(a)s, o(a)s quais possibilitaram o desenvolvimento desta pesquisa.

Sendo assim, este trabalho está dividido estruturalmente em quatro capítulos. No capítulo 01, que é introdutório, faço uma apresentação da pesquisa, expondo as motivações e finalidades que me levaram a seguir os postulados do fazer científico interpretativista, situando, desta maneira, e de forma breve, a área do saber, qual seja, a Linguística Aplicada, além do objeto e do *corpus* da minha análise.

No capítulo 02, transito pelos estudos linguísticos, a fim de explicar como estes foram sendo desenvolvidos e pautados durante o século XX, período em que os estudos linguísticos seguiam um paradigma estruturalista fortemente sustentado pelas ideias de Ferdinand Saussure. Faço esse trajeto porque considero importante explicar como a LA passou de ‘disciplina’ para ‘campo do saber’; como ela foi e tem sido repensada na contemporaneidade. Desse modo, apresento a LA como um paradigma interpretativista, o qual se caracteriza por seu caráter indisciplinar e transdisciplinar, que tem como objetivo criar inteligibilidade sobre os “problemas” sociais. Para tanto, para esse estudo, temos como aporte teórico Bakhtin/Volochínov (2004 [1929]), Moita Lopes (1994; 1996; 2004; 2006; 2013), Faraco (2001), Santos Filho (2012) e Fabrício (2006), dentre outros.

No capítulo 03, para auxiliar na análise da minha pesquisa, faço o agenciamento de trabalhos pertencentes aos estudos da Geografia, da História e conhecimentos das políticas públicas destinadas à região semiárida, que correspondem à complexidade do objeto da Linguística Aplicada. Deste modo, situo histórico e geograficamente a invenção discursiva do Nordeste/Sertão, a partir do trabalho de Molion (2016), que compreende a “seca” como fenômeno natural/climático e histórico; e Albuquerque Jr. (2011; 2014; 2017a; 2017b), que está centrado na discussão e reflexão sobre a invenção espacial e cultural da região entendida como Nordeste apenas a partir da década de 1920, partindo da repetição de determinados enunciados, que geram/podem gerar estereótipos; e Campos (2014) que reflete sobre as políticas públicas direcionadas ao semiárido nordestino.

O capítulo 04 é o da análise. Nesse, delimito o *corpus* desta pesquisa, que é constituído pelo *Outdoor* e o *Folder*, que têm como objeto de discurso o Sertão/Nordeste/Semiárido. Desse modo, identificamos a esfera da atividade comunicativa a que pertencem o *Outdoor* e o *Folder*, qual seja, a esfera publicitária; analisamos as

características e funções dos gêneros discursivos constituintes do *corpus*; e partimos para análise dos recursos linguísticos e não linguísticos, de construção multimodal discutida em Santos Filho (2016).

Nesta perspectiva, Abaurre et al. (2013) dizem que “os gêneros discursivos correspondem a certos padrões de composição de texto determinados pelo contexto que são produzidos, pelo público a que eles se destinam, por sua finalidade, por seu contexto de circulação, etc. [...]”. Ou seja, os gêneros discursivos são situados ideologicamente, isso porque há uma intencionalidade sobre os sentidos que se quer produzir e para quem se quer produzir. Posto isso, finalizo com as considerações finais e a apresentação das referências bibliográficas utilizadas ao longo da realização desta pesquisa.

Para tanto, afirmo que é muito comum ter essa perspectiva da região nordeste/sertaneja, como o “lugar da seca”, dado ao fato de que essa região foi histórica e discursivamente construída no imaginário do sujeito e pelo sujeito para permanecer como um lugar inferior, principalmente nos níveis político, econômico e social. Antes de vir morar no sertão alagoano, na cidade de Delmiro Gouveia, com o objetivo da formação acadêmica, as imagens que eu tinha eram exatamente a de um lugar extremamente quente e seco; como por mim visto nos telejornais, revistas, telenovelas, livros, entre outros meios e modos de “representação” desse espaço. Porém, vi que a realidade não era exatamente essa.

Em vista disso, afirmo ser preciso questionar-se por qual razão, mesmo depois de muito tempo e com o avanço tecnológico, ainda há o conservadorismo desse pensamento, mesmo na contemporaneidade, tendo em vista que não cabe pensar a “seca” como o único determinante desse espaço. O próprio sertão, com sua natureza e paisagem única, me possibilitou pensar por esse viés.

Sendo assim, considero a construção deste trabalho importante para que eu enquanto estudante de Letras, pesquisadora e futura professora de Língua Portuguesa, possa compreender quais discursos sobre o Nordeste/Sertão/Semiárido são forjados nos gêneros discursivos *Outdoor* e *Folder* pertencentes à esfera publicitária, bem como os discursos mantidos e reproduzidos sobre esse espaço geográfico, que atualmente ainda é compreendido por esse viés fatalista e imagético de uma região de “seca”, “fome”, “tristeza”, “miséria”, “tradicionalismo” e “atraso”, coparticipa para os estereótipos do Nordeste/Sertão na cidade de Delmiro Gouveia-AL.

Além disso, todos os estudos aqui elucidados servem para que eu não mais reforce ou reproduza esses estereótipos de um Sertão/Semiárido/Nordeste paralisado. Assim, acredito que esta pesquisa também seja importante para contribuição em outros trabalhos que possam

ser produzidos sobre essa mesma problemática. A abordagem em Linguística Aplicada me possibilitou ter esse olhar indisciplinar e interpretativista que proporciona ver além da semântica (representacional) dos nomes, percebendo a língua(gem) em seus usos efetivos, o que não seria possível em uma pesquisa de abordagem cartesiano-positivista. Por tanto, a pesquisa aqui desenvolvida torna-se pertinente para o/a estudante de Letras-Língua Portuguesa, para professoras e professores de Língua Portuguesa, bem como para o/a pesquisador(a) indisciplinar.

CAPÍTULO 02

LINGUÍSTICA APLICADA: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-METODOLÓGICA

Na Introdução deste trabalho, expliquei brevemente como se deu meu primeiro contato com a LA, bem como meu interesse neste campo do saber, além da escolha do meu *corpus* de análise. Neste segundo capítulo, faço uma abordagem histórica e teórico-metodológica da Linguística Aplicada (doravante LA), elucidando seu caráter indisciplinar, inter/transdisciplinar, aspecto que me levou a escolher esse campo do saber para minha pesquisa.

2.1 “Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada indisciplinar”

Inicialmente, é importante salientar que a LA que sigo para a elaboração deste trabalho não se refere à “aplicação de Linguística” (MOITA LOPES, 2010), ou tampouco a uma Linguística tradicional/fundamentalista ou uma “LA normal” (DAVIES [1999], 2006, p.15), mas uma LA que volta seu olhar para as práticas discursivas levando em consideração as questões sociais, políticas, culturais e históricas das pessoas (produtoras do discurso). Ou seja, a LA aqui elucidada está voltada para a vida em sociedade. Sendo assim, trata-se de um estudo no qual a pesquisa se caracteriza por seu caráter aplicado nas teorizações das ciências sociais, tendo em vista que essa postura leva em consideração os processos que envolvem o uso da língua(gem), trazendo, dessa maneira, a concepção de sujeito social, que é inserido nos estudos da LA (MOITA LOPES, 1996).

Nesse sentido, a pesquisa que se caracteriza na investigação de natureza aplicada em Ciências Sociais tem como objetivo refletir acerca das complexidades do uso da língua(gem), levando em consideração o contexto social e histórico dos falantes e, desse modo, levar seu foco tanto para o “uso” quanto para o “usuário” da linguagem no processo de interação, como visto em Moita Lopes (1996). Para essa investigação, a LA pode se dispor da mediação de outras disciplinas, assim haja necessidade, e, dessa maneira, se caracterizar como uma pesquisa de natureza interdisciplinar, já que há a possibilidade de fazer agenciamentos de outras áreas do saber, como eu faço aqui, trazendo conhecimento do campo da História e da Geografia.

Seguindo esse paradigma de fazer pesquisa, a LA se contrapõe à Linguística tradicional que conhecemos, que segue um modelo cartesiano-positivista, a exemplo do

estudo saussuriano, de fazer ciência, no qual o estudo da língua se dá apenas em si e por si, separando-se dos usos, pois, nesse modelo se compreende que a linguagem se dá fora da língua, conforme Mussalim (2008). Ou seja, anulava/anula-se toda e qualquer interação entre os falantes, inclusive anulando os próprios falantes. Essa Linguística tradicional/estrutural teve início por meio dos estudos de Ferdinand Saussure, que compreendia a língua enquanto sistema de valores constituído de elementos (os signos) e está muito presente nas várias pesquisas modernistas de caráter positivista.

A esse respeito, Fabrício (2006) aponta que a perspectiva representacional e determinista da linguagem tem dado espaço para que novos conceitos, contrários a essa ótica, sejam desenvolvidos. Essas novas perspectivas são identificadas como “paradigma socioconstrucionista”, que, por sua vez, entende que não há uma indissociabilidade de práticas discursivas, teorias e realidade social, tendo em vista que estas ocorrem no âmbito linguístico-semântico.

Em vista disso, outros estudos linguísticos foram desenvolvidos, mas com uma nova epistemologia, um novo olhar para os estudos da língua(gem), no qual a interação entre os falantes mediada pelo diálogo é viabilizada. Um novo estudo nessa abordagem foi iniciado pelo filósofo Mikhail Bakhtin, juntamente com o linguista Valentin Volochínov, que faz críticas aos estudos estruturalistas de Saussure, que entendia a língua como um sistema autônomo, em que o falante não passava “de uma superfície linguística plana” (FARACO, 2001, p.3).

De acordo com Santos Filho (2012), para Bakhtin/Volochínov (2004 [1929]), os estudos saussurianos não tinham a língua como algo vivo, uma vez que não levava em consideração o contexto histórico e social dos falantes, isso porque via a língua como homogênea, imutável e, dessa maneira, tinham uma concepção abstrata da língua, pois, “para Saussure a mudança é compreendida, na lógica racionalista, como ‘a lógica dos erros individuais ou dos desvios’, não havendo vínculo entre a lógica da língua como sistema de formas e a lógica de sua evolução histórica” (SANTOS FILHO, 2012, p. 46).

Desse modo, Bakhtin/Volochínov (2004 [1929]) apresentam uma outra proposta para os estudos da linguagem, entendendo a língua(gem) como um processo contínuo de interação entre os falantes, contrapondo-se, dessa maneira, à corrente de pensamento saussuriano que via a língua de forma abstrata. Com isso, os estudos bakhtinianos foram considerados revolucionários no século XX, no que se referiam aos estudos linguísticos, conforme Santos Filho (2012), pois eles entendiam a linguagem numa perspectiva dialógica, que leva em conta

a enunciação concreta (o texto) e a relação entre os falantes. Ou seja, compreende a linguagem em uso para além da “materialidade linguística” (BRAIT, 2016).

Considerando o uso da língua em enunciados concretos, orais ou escritos, podemos entender que “os sentidos do texto não estão presos às palavras ou às estruturas da língua, diferentemente, os sentidos são forjados na relação entre os sujeitos que ‘dialogam’ naquele texto ao mesmo tempo em que dialogam com outros textos”, segundo Santos Filho (2012a, p. 33), que concorda com a perspectiva dialógica bakhtiniana. Nesse sentido, de acordo com Brait (2016),

[...] Entender o texto, suas formas de existência, suas relações com os seres sociais e históricos, tanto na vida, como na arte e na pesquisa, significa, em última análise, aceitar, com Bakhtin, que essa manifestação da linguagem viva envolverá no mínimo duas consciências, dois sujeitos [...] (BRAIT, 2016, p. 17).

Ao assumir essa nova postura para o estudo da linguagem, Bakhtin/Volochínov (2004 [1929]) visam substituir a linguística vista em Saussure pela chamada “metalinguística”, situando seu objeto de estudo, qual seja, as relações dialógicas, levando em conta o “eu” e o “outro” discursivos, entendendo, portanto, a língua como um elemento vivo. Contrapõem-se à imagem cristalizada de língua(gem). Desse modo, vai-se além das nomenclaturas, onde os sujeitos são limitados às regras e normas de determinada língua. Isto é, se para a linguística interessa estudar a linguagem como um sistema que usa a língua para descrever a língua, como explica Saussure, à metalinguística, ao contrário da linguística, interessa estudar a linguagem em uso, ou seja, as relações dialógicas entre os falantes, o discurso (BRAIT, 2016).

Tomando como base os novos caminhos que estavam sendo traçados pelos estudos linguísticos no século passado, a LA vai aparecer como campo que concordará com as ideias de Bakhtin e Volochínov, traçando caminhos onde o modo de produzir conhecimento seguirá uma postura interpretativista de fazer pesquisa, mas não de modo linear, como a princípio parecer ser. No entanto, seu percurso histórico-metodológico mostra que a LA teve várias compreensões no que se referia a sua atuação e ao seu objeto de estudo e, da mesma maneira que em outros campos do saber, a compreensão que se tinha sobre LA ia de acordo com a época e principalmente com o pensamento de seus pesquisadores, conforme aponta Moita Lopes (2010).

Assim, podemos argumentar que quando a LA começou a fazer suas primeiras manifestações, em 1947, de acordo com Pap (1992 [1972]), e, neste momento como uma “disciplina” (SCHMITZ, 1992), atuava apenas como um lugar de investigação em contextos

de ensino e aprendizagem, principalmente ligada ao ensino de línguas estrangeiras, em especial à língua inglesa, como visto em Schmitz (1992) e Moita Lopes (2010). A partir dessa abordagem, muitas atribuições foram dadas ao que veio a ser a LA indisciplinar, passando a atuar não só com o ensino/aprendizagem de língua estrangeira, mas também como aplicação de Linguística, além do ensino de técnicas de tradução.

Desde então, muitos trabalhos foram sendo desenvolvidos internacionalmente para se referir à atuação da LA, que teve sua maturidade datada em 1948, “quando foi publicada pela primeira vez a revista *Language Learning: A Quarterly Journal of Applied Linguistics*”, de acordo com Schmitz (1992, p. 216). Até aparecer as pesquisas em Linguística Aplicada no Brasil, trabalhos como a publicação, na Inglaterra, dos livros “*Readings for Applied Linguistics*, (Bloomfield, 1973) (vol. I), *Papers in Applied Linguistics*, (Alien e Davies, 1975) (vol.II), *Techniques in Applied Linguistics* (Alien e Davies, 1974) (vol.III) e *Testing and experimental analysis* (Alien e Davies, 1975a) (vol. IV)” (SCHMITZ, 1992, p. 219) foram muito importantes, pois exerceram grande influência no que se refere à aplicação de linguística.

O linguista aplicado brasileiro Moita Lopes (2010) afirma que é engrandecedor examinar os sumários desses livros para compreender como esses pesquisadores atuavam dentro do paradigma de aplicação de Linguística. No Brasil, nos anos de 1980-90, a LA começou a ter suas primeiras aparições a partir das publicações de trabalhos de linguistas aplicados como Gomes de Matos, Celani (1988), Cavalcanti (1986), Moita Lopes e Kleiman (1990), assim como as publicações das “revistas *Trabalhos em Linguística Aplicada* (TLA, IEL, UNICAMP), *The Specialist* (PUC-SP) e DELTA (ABRALIN), revista de excelente nível onde se publicam também artigos nesta área” (SCHMITZ, 1992, p. 233).

Mesmo ainda restrita ao ensino/aprendizagem de língua estrangeira na pesquisa modernista, a Linguística Aplicada abandona essa predominância que estava voltada apenas para essa especificidade, de ensinar um idioma, para ter seu estudo voltado para o campo dos letramentos, no ensino/aprendizagem de língua materna (MOITA LOPES, 2010). Passa a receber, desta maneira, contribuições dos estudos socioculturais de Vygotsky e Bakhtin nessa nova fase da LA; nos anos de 1990, no Brasil, situando seu estudo nas relações sociais por meio da linguagem a partir do seu olhar interdisciplinar, volta-se para estudos contemporâneos, já que para essa área importava o campo das Ciências Sociais.

Esse olhar interdisciplinar permitiu à LA possuir um caráter indisciplinar, por não se constituir mais como uma *disciplina*, mas como um *campo de saber* que visa entender o mundo contemporâneo. Por ir além das teorias já postas e por não se limitar ao caráter

determinista/solucionista das pesquisas cartesiano-positivistas, que por muito tempo fizeram parte da LA, torna-se “transdisciplinar”, no sentido de ir além e reinventar novos modos de produzir conhecimento, já que a transdisciplinaridade nos permite transitar em vários campos do conhecimento, além do de estudos linguísticos (MOITA LOPES, 2010).

Sendo assim, Moita Lopes (2015) explica que

A Linguística Aplicada Indisciplinar não se prende a/não se confina a limites disciplinares nem tampouco teóricos, metodológicos ou analíticos. Além disso, constrói como questão de investigação tópicos normalmente desprezados e considerados ilegítimos. Especialmente, interessam questões que focalizem a vida social por meio do estudo da linguagem e práticas de significação que sejam fonte de sofrimento humano (MOITA LOPES, 2015, p. 334).

Por possuir este caráter de indisciplinaridade e de transdisciplinaridade, a LA busca sempre uma relação entre diversos campos do conhecimento, se sustentando, assim, através da ideia de reinventar a teoria para poder, assim, estudar determinado objeto sob uma perspectiva dialógica da linguagem, que compreende a linguagem como constituinte e constituída por sujeitos.

Desse modo, a LA tem como objetivo criar inteligibilidade a partir da compreensão de seu aspecto indisciplinar e interdisciplinar, onde as práticas discursivas estão relacionadas diretamente com as práticas sociais. Marcuschi (2008, p. 155), em perspectiva bakhtiniana, afirma que “não se pode tratar o gênero de discurso independente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas”, tendo em vista que esses refletem de maneira direta as mudanças que ocorrem na vida social, e que logo a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos, que a realizam. Assim, compreendemos que as práticas discursivas não são de caráter neutro, mas de cunho social, político e ideológico.

Portanto, esta área indisciplinar da ciência linguística é um campo de estudos que constrói seu conhecimento baseado na interação do “eu” com o “outro”, que, de acordo com Brait (2016), na perspectiva dialógica bakhtiniana, o texto só ganha vida e existência quando consideramos que há uma interação verbal entre os interlocutores que estão situados histórica, cultural e socialmente. Baseia-se também no hibridismo de disciplinas, o qual auxiliará para responder questões concernentes aos fatos da linguagem, abrangendo, assim, muitos assuntos e diversas discussões, apresentando, portanto, um caráter interpretativista de fazer pesquisa, mantendo como base uma concepção “etnolinguística da fala viva” (SANTOS FILHO, 2012). No próximo tópico, partimos para compreensão da LA como paradigma interpretativista.

2.2 A Linguística Aplicada: paradigma interpretativista

A LA, como um novo paradigma, vem se constituindo ao longo dos anos por um viés interpretativista de fazer pesquisa, porque a produção de conhecimento nesse campo do saber se dá a partir da investigação de base epistemológica diferente, aquela que não visa determinações ou generalizações como nas produções de base cartesiano-positivista. Essa outra busca interpretar os fenômenos sociais contextualizados e, dessa maneira, se constitui como um campo revelador do conhecimento, tendo em vista que não segue uma tradição positivista na produção do conhecimento, como explica Moita Lopes (1994).

Nesse sentido, como uma área que estuda a linguagem, a LA busca a partir de seu caráter interpretativista entender/interpretar os sentidos propostos em um enunciado e, para isso, não basta conhecer apenas o sistema linguístico, porque para o pesquisador aplicado a língua não é algo abstrato, não é morta ou muito menos independente dos seus falantes. Para esse pesquisador, a língua é construída por meio da interação entre os sujeitos e, desse modo, a produção do conhecimento em LA se constitui qualitativa, pois busca compreender os fenômenos sociais situados em um determinado contexto, sejam eles social, histórico, político ou ideológico. Bortoni-Ricardo (2008) explica que

[...] na pesquisa quantitativa, trabalha-se com variáveis procurando estabelecer uma relação entre elas. A variável dependente é a que é explicada; a variável independente é a explicação. Na pesquisa qualitativa, não se procura observar a influência de uma variável em outra. O pesquisador está interessado em um processo que ocorre em determinado ambiente e quer saber como os autores sociais envolvidos nesse processo o percebem, ou seja, como o interpretam (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34).

Embora os modos de fazer ciência tenham suas predominâncias em bases positivistas, a LA tem cada vez mais ganhado espaço e reconhecimento, mesmo que ainda haja um estranhamento por parte de alguns pesquisadores que buscam quantificar seus dados de pesquisas, ou seja, aqueles que buscam uma verdade sobre e a partir de determinado objeto estudado. Acerca disso, Moita Lopes (1994) discute que isso ainda acontece porque muitos pesquisadores consideram os procedimentos de base positivista a maneira “legítima” pela qual deve-se produzir ciência.

Frente a isso, a Linguística Aplicada caracteriza-se como um lugar de “desaprendizagem” (FABRÍCIO, 2006) do que é considerado como conhecimento irrefutável, solidificado, que é alicerce de muitas teorias modernistas. Por voltar seu olhar para questões

sociais através da linguagem em uso imbricada a fatores contextuais, a LA está conectada à produção de estudos contemporâneos, os quais percebem as mudanças que estão acontecendo no mundo e como as coisas estão se desenvolvendo e se organizando, justamente para pôr fim ao ideal fundamentalista de essência e de pureza que nos acompanha na chamada “modernidade recente”, na qual tais ideais são responsáveis por muitos dos sofrimentos que ainda a sociedade vive, como por exemplo, o estereótipo sobre nós nordestinos e nordestinas, quando é dito que falamos errado, que resulta no preconceito linguístico¹, pois parte de um ideal de língua pura; como também epistemologias que não condizem ao modo que o mundo está organizado, conforme esclarece Moita Lopes (2013).

Desse modo, percebemos que a visão modernista sobre a linguagem está por trás de concepções sobre sociedade, política, natureza e ciência, todas estas elencadas ao ideal fundamentalista de pureza, de forma que essas concepções funcionaram e ainda funcionam para alimentar e produzir preconceitos, tais como a diferença de gênero, de raça, de classe social etc., por meio do ideal da língua pura, autônoma, homogênea, neutra, imutável e representacional (MOITA LOPES, 2013). Isso, portanto, nos leva a refletir sobre os discursos emergentes, o domínio daquilo que Moita Lopes (2013) chama de “tópicos inimagináveis, transgressores ou indisciplinados”, questões que ainda são escondidas e rejeitadas na/pela modernidade. Em conformidade com esse pensamento, Rajagopalan (2016) explica que,

Com as rápidas transformações a que vem sendo submetido o mundo contemporâneo, os pesquisadores precisam renovar constantemente as ferramentas em seu arsenal e, de tempos em tempos, forjar novas ferramentas capazes de lidar com as exigências novas, totalmente inimagináveis em épocas passadas (RAJAGOPALAN, 2016, p. 9-10).

Partindo das ideias aqui postas, podemos acreditar que pensar uma base epistemológica diferente, como a LA, é compreender que o mundo científico precisa fazer algo novo, pois, esse campo do saber possibilita a nós pesquisadores e pesquisadoras refletir os vários modos de produzir conhecimento ao que concerne aos estudos linguísticos, percebendo que quando se faz estudos sobre língua(gem) não há e nem deve haver a possibilidade de desenvolver esse estudo ignorando os discursos, os fatos sociais, os falantes, pois estaríamos secundarizando as interações humanas, como esclarece Faraco (2001). Ou seja, é preciso repensar a necessidade de uma nova abordagem para os estudos linguísticos, para que assim possamos repensar teoria e prática, como explica Rajagopalan (2003) e Moita

¹ Acerca do que é o preconceito linguístico, temos uma melhor compreensão a partir das discussões feita por Marcos Bagno, na obra “Preconceito linguístico: o que é, como se faz”, publicada pela primeira vez em 1999.

Lopes (2009). É pensando nessa **nova abordagem**, que se faz necessária, que minha pesquisa foi desenvolvida, pois acredito, assim como Moita Lopes (2013, p. 109), que língua(gem), as práticas discursivas “envolvem identidades em continua construção, sempre se fazendo e refazendo [...]” na vida e no mundo, como vemos nos dois últimos capítulos desse trabalho.

Tendo em vista todo processo percorrido pela LA, suas transformações, configurações, redefinições etc., que teve início no interior da Linguística, passando a LA ser entendida como Aplicação de Linguística, com os estudos e práticas do ensino/aprendizagem de língua estrangeira, nos deslocamos para refletir sobre a concepção de língua, sujeito, objeto e sentido neste campo do saber, o qual Signorini (1998) considera como “complexo”, pois a análise se dá a partir da problematização, reflexão e interpretação da “função dos meios, interesses e obstáculos em jogo” (SIGNORINI, 1998, p.104).

2.3 “Concepção de língua, sujeito, texto e sentido” em LA

Buscando criar inteligibilidade a partir da compreensão de seu aspecto indisciplinar, inter/transdisciplinar, a LA, enquanto campo do saber, que se centra nas questões linguísticas, entende que tanto o(a) pesquisador(a) como o objeto e as práticas sociais são situados em um dado momento, que é cultural, político e ideológico, podendo se reinventar, ressignificar, transformar por meio do uso da língua(gem) e dos processos interativos que acontecem por meio dos enunciados em função de interesses novos e específicos, como argumenta Signorini (1998).

Diferentemente dos objetos presentes em outras frentes, construídos tradicionalmente na episteme positivista, o objeto da LA está situado nas relações do “eu” com o “outro”, nas relações sociais, rompendo com conceitos metodológicos pré-montados, tradicionais e totalizantes nos estudos da língua(gem), que buscam explicar a realidade através do objeto estudado, como enfatiza Signorini (1998). Assim, para estudá-lo, é preciso compreender sua hibridez, dado que todos os elementos constituídos socialmente estão em interação, buscando, a partir deste, compreender como as enunciações, os discursos, são forjadas nos vários gêneros discursivos que circulam nas várias esferas da atividade humana, entendidos como enunciados concretos. Nesse sentido, os textos tornam-se o objeto de estudo do paradigma epistemológico interpretativista. Com isso, a LA se diferencia da episteme positivista porque não interessa a ela quantificar dados, mas buscar construir conhecimento a partir da interpretação, dos questionamentos. Por exemplo, estando a pesquisa situada no campo da

LA, o(a) pesquisador(a) pode optar por escolher apenas um texto como *corpus* para análise, bastando esse conter todas as características necessárias para a pesquisa, como explica Nascimento (2018).

No meu caso, para desenvolver esta minha pesquisa, fiz a escolha por dois textos da esfera publicitária como *corpus* da minha análise, como dito na Introdução deste trabalho, e que está melhor explicado no quarto capítulo. Esses são textos que me possibilitam refletir acerca da construção da região Nordeste, o Semiárido e o Sertão, a partir do discurso da seca, problematização discutida na obra *A invenção do nordeste e outras artes*, pelo historiador Albuquerque Jr. (2011), que compreende essa região como uma construção histórica, via língua(gem), pelos sujeitos dessa região, mediante as relações de poder. Essa é uma questão que entendemos melhor no terceiro capítulo. Por seguir essa vertente, a LA me possibilita me envolver com a minha pesquisa, me aproximando do meu objeto. Esse envolvimento se dá porque “o pesquisador tem corpo, raça, desejo, classe social, gênero, etc., enfim, tem história” (MOITA LOPES, 2004, p. 166). Nesse sentido, eu como mulher, parda, de classe baixa, nordestina, alagoana, estudante de uma universidade pública, localizada no sertão alagoano, busco compreender a partir da minha análise os discursos que ainda constroem a região Nordeste, mas especificamente a cidade de Delmiro Gouveia-AL e seus habitantes a partir do fenômeno “seca” nos gêneros discursivos *outdoor* e *folder*.

No tocante ao que diz respeito ao objeto de base interpretativista, Brait (2016) traz uma reflexão a partir da ótica de Bakhtin e do Círculo². Na visão destes pesquisadores, o “texto”, entendido pela “perspectiva dialógica”, é um “evento da vida da linguagem”. Este, por sua vez, está situado em um contexto, sempre dialogando com interlocutores anteriores, presentes e futuros, e, desse modo, o “texto” é visto em sua complexidade. Se para analisar meu objeto eu somente partisse da dimensão linguística, eu estaria presa a analisar o *corpus* do meu trabalho de maneira abstrata, entendendo a língua(gem) apenas enquanto sistema, e não a linguagem em uso, a língua viva, sem contemplar a interação entre os sujeitos. Ao entender que o *texto* é um “enunciado concreto e situado”, que parte de um “eu” para o “outro”, e que esse “eu” só existe em relação ao “outro”, eu também compreendo que esse texto é carregado de valores que imprimem uma posição no mundo e sobre o mundo – ideologias; que há um enunciatador e coenunciador que participam de forma ativa na construção dos sentidos naquele texto em que “os significados são construídos

² Grupo em que Mikhail Bakhtin (1895-1975) e outros intelectuais, principalmente Valentin N. Volochínov (1895-1936) e Pavel N. Medviedev (1891- 1936) refletiam acerca da linguagem. Ver Bazerman (2015), Brait (2016) e Santos Filho (2012).

situacionalmente pelos participantes na interação, na medida em que interpretam a intenção nas palavras proferidas pelos outros” (BAZERMAN, 2015, p.163).

Nessa perspectiva, a noção de “sentido” de um texto dependerá das concepções de língua e de sujeito em que o próprio conceito de “texto” é dependente, como explica Koch (2011). Logo, a nossa concepção de língua tem como base a concepção “etnolinguística³ da fala viva” proposta por Bakhtin/Volochínov (2004 [1929]), que ao contrário do que propõe a Linguística estrutural, a língua é estudada nas relações dialógicas, nos processos interativos entre os sujeitos que estão situados em um determinado contexto, seja ele histórico, social, cultural, etc. Nesta, entendemos que quando utilizamos a língua(gem) construímos a nós, o outro e tudo que está ao nosso redor. Volochínov ([1929] 1993), citado por Santos Filho (2012), acerca disso explica que

[...] em meio às relações sociais, as palavras do “eu” passam através da orientação social e histórica, por um processo de refratação, que é ideológica. Ou seja, o sentido que uma expressão de um “eu” passa a ter nas relações sociais depende da época, do ambiente social, da posição de classe do falante e do ouvinte, e da situação real e concreta na qual a expressão surge (VOLOCHÍNOV, [1929] 1993 *apud* SANTOS FILHO, 2012, p. 47).

Todavia, é importante ressaltar que, por eu seguir esse paradigma não quer dizer que não mobilizarei estudos pela ótica da Linguística tradicional, pelo contrário, essa também se faz importante em minha pesquisa, tendo em vista que para prover a leitura do *corpus* deste trabalho é preciso descrever os usos linguísticos, analisá-los para depois interpretá-los, e, assim, ir além da materialidade linguística, mas não sem ela. Com relação a essa combinatória, Bakhtin (2008, p. 207 *apud* BRAIT, 2016, p. 16) explica que “a Linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso – mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. [Nesse sentido, elas] devem completar-se e não fundir-se”. Ou seja, enquanto a Linguística me possibilita analisar meu objeto em sua materialidade, o sistema linguístico, a LA me permite ir além, me concedendo ver a singularidade deste, o texto como pertencente a um contexto, situado socio-historicamente.

³ Etno- do grego *éthnos*.eos – elemento de composição que denota uma ideia de etnia, de povo, de indivíduos mais Linguística – ciência que estuda a linguagem humana. Dessa maneira, a etnolinguística pode ser compreendida como um procedimento que estuda, a partir de uma perspectiva enunciativa, as relações entre língua, cultura e sociedade, focalizando especialmente as questões do relacionamento entre língua e visão de mundo, e entre estruturas linguísticas e estruturas sociais (NASCIMENTO, 2018, p. 29).

Por esse ponto de vista, o sujeito da LA é entendido em sua complexidade, seus “entrelaçamentos/atravessamentos identitários”, que são forjados via práticas discursivas (MOITA LOPES, 2006). Ou seja, a linguagem não só constrói a vida social, mas o próprio sujeito. É por isso que as práticas discursivas não podem ser separadas das práticas sociais. Mas quem é esse sujeito? Como seguimos uma perspectiva dialógica da linguagem, entendendo a língua como algo vivo, não estando essa limitada a um idioma, e o texto como um enunciado concreto (seja ele oral ou escrito), logo, o sujeito da enunciação é um sujeito social, que está situado ideologicamente em um determinado momento histórico, dentro de um determinado contexto social, que por meio da interação verbal, ao utilizar a língua, o “eu” se constrói na medida em que constrói o “outro” e o mundo por meio dos processos enunciativos. Nesse sentido, o sujeito da enunciação é sujeito ativo, heterogêneo e político, pois ao utilizar a palavra assume uma posição no mundo e sobre o mundo de acordo com seus interesses, como explicam Santos Filho (2012) e Brait (2016).

Por essa perspectiva, entendemos a língua como um mundo complexo, e dada a sua complexidade, essa necessita que o(a) pesquisador(a) a estude em seus usos reais, as práticas discursivas em vários contextos, não obscurecendo a “[...] heterogeneidade de seus participantes nas condições reais do uso da língua e as relações entre o uso da língua e (re)produção, tanto na esfera pública quanto na privada [...]”, como afirma Signorini (1998, p. 105).

Nessa perspectiva, podemos perceber que a LA não se preocupa com o hegemônico; que não é de seu interesse o discurso da língua pura, homogênea, como sistema autônomo – discurso de uma essencialidade, visão que ainda impera em trabalhos linguísticos nos moldes positivistas, aqueles que partem de uma “linguista modernista”, que entende a língua por um ideal de pureza, como explicam Moita Lopes (2013), a qual Moita Lopes e Baynham (2017) chamam de “vozes da modernidade”, em que o “centro” é entendido como a normalidade e a “periferia” como desvio. Ainda de acordo com Moita Lopes (2013, p. 108), “essa posição só continua existindo no campo de estudos linguísticos pela dificuldade comum em nossa área de operar indisciplinadamente”. Por esse viés, é necessária essa reflexão para podermos entender como a língua contribui para formação de espaços sociais.

Nessa direção, é uma preocupação da LA os discursos emergentes, dadas as tensões e desigualdades que uma pesquisa nos moldes positivista (re)produzem social, política e culturalmente, ignorando a pluralidade da vida social, causando as “desigualdades estruturais” (MOITA LOPES e BAYNHAM, 2017, p.12) entre raça, gênero, classe social etc. Sendo assim, “[...] É crucial pensar formas de fazer pesquisa que sejam também modos de fazer

política ao tematizar o que não é tematizado e ao dar a voz a quem não tem [...]” (MOITA LOPES, 2010, p.22), porque se entende que fazer pesquisa não está separado de fazer política, tendo em vista que o(a) pesquisador(a) se posiciona ideologicamente.

Assim, como pesquisadora situada em um campo “mestiço e ideológico” (MOITA LOPES, 2006), o meu objeto também é visto em sua complexidade, pois entendo que a esse objeto são atribuídos vários significados, tendo em vista que o uso que fazemos da língua(gem) dialoga com o contexto em que estamos inseridos. Logo, meu objeto “complexo”, que é híbrido, e situado em um tempo/espaço, é a “seca” e o “sertão” enunciados em gêneros discursivos da esfera publicitária, quais sejam, o *outdoor* e o *folder*, como já mencionados, nos quais busco compreender quais significados, conceitos e sentidos são forjados nesses textos, entendidos como atos de fala, como enunciação concreta, sobre a “seca” e o “sertão” (em uma perspectiva histórica e geográfica) do semiárido alagoano, a partir da leitura em perspectiva transversal, entendendo a língua como uma atividade social e política, pois,

[...] entendemos que o homem utiliza-se da língua para posicionar-se sobre o mundo, à medida que constrói o mundo e a língua. Dessa maneira, pensar sobre o valor é pensar na posição assumida na utilização da palavra, percebendo que cada palavra é uma arena; é através da palavra que diferentes grupos significam e ressignificam o mundo, de acordo seus interesses (SANTOS FILHO, 2012, p.49).

A LA como um campo in/interdisciplinar, que estuda as práticas discursivas em meio às práticas sociais, necessita de uma metodologia híbrida, pois se estamos aqui estudando a linguagem em uso, levando em consideração o papel dos sujeitos em se utilizar da língua(gem) na construção de sentidos no e sobre o mundo, entendendo que esse sujeito é situado sócio-historicamente, é importante que esse estudo se filie a outros campos do saber, pois, assim como Moita Lopes (2004), acreditamos que só os estudos do campo linguístico não dariam conta dessa complexidade. Nesse sentido, o estudo da língua(gem) não deve ser isolado de outros campos do saber, pois

(...) esse campo precisa se aproximar de áreas que focalizam o social, o político e o histórico. Caso contrário, continuaremos a focalizar a linguagem e quem a usa em um vácuo social, sem vida cultural, histórica e política, i.e., um sujeito associal, apolítico e ahistórico (MOITA LOPES, 2004, p. 164).

Nesse sentido, para auxiliar em nossa análise, tornam-se relevantes os trabalhos da Geografia, da História e conhecimentos das políticas públicas destinadas à região semiárida, correspondendo à complexidade do objeto da Linguística Aplicada. Nesse sentido, temos como embasamento os estudos de Albuquerque Jr. (2011), centrados na discussão e reflexão sobre a invenção espacial e cultural da região entendida como Nordeste apenas a partir da década de 1910, invenção instituída partindo da repetição de determinados enunciados, que geraram, geram e podem gerar estereótipos. Discussão que é aqui realizada no próximo capítulo.

Assim, compreendendo os textos do nosso *corpus* enquanto enunciados concretos, que partem de um “eu” para o “outro” a fim de produzir determinados efeitos de sentido, levamos em consideração que o produtor do enunciado faz determinadas escolhas para efetivar a enunciação, o que me leva a refletir sobre as relações de poder a partir o uso da língua(gem), que se efetiva nos mais variados gêneros discursivos, das várias esferas de atividade humana e, nessa perspectiva, entendemos que esses não são inertes, tendo em vista que eles podem mudar em função de determinadas necessidades. Nesse sentido, compreendemos que os gêneros discursivos são situados ideologicamente, isso porque há uma intencionalidade sobre os sentidos que se quer produzir e para quem se quer produzir, pois “cada gênero do discurso em cada área de comunicação discursiva tem sua própria concepção típica do destinatário, e isto o define como um gênero” (BAKHTIN *apud* BAZERMAN, 2015, p. 168).

Por esse viés, compreende-se que os gêneros *Outdoor* e *Folder* são gêneros secundários, ou seja, complexos, pois “[...] surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente os escritos) – artístico, científico, sociopolítico, etc [...]”, como explica Bakhtin (2011, p. 263). Por isso, a necessidade de identificar o gênero de um texto, suas características e sua funcionalidade, pois assim podemos levantar inferências sobre o “outro” para quem esse texto está endereçado. Essa reflexão que é retomada no capítulo da análise.

Desse modo, nesse segundo capítulo, como foi visto, eu pude refletir um pouco sobre a Linguística Aplicada (doravante LA), partindo de um percurso histórico-metodológico traçado para poder compreender e explicar como a LA, essa área híbrida e ideológica formada nas ciências sociais, veio a se constituir como um campo do saber indisciplinar, inter/transdisciplinar. Neste também foi refletido acerca da concepção de língua, a qual partimos de uma abordagem metodológica da “etnolinguística da fala viva” em que língua(gem) é entendida como uma atividade humana; em que a noção de sujeito que seguimos é de um sujeito social, político, ativo – produtor de sentidos, que se constrói a

medida que constroem o mundo e que por esse é construído; de texto como “enunciado concreto” e situado, que para se realizar necessita de pelo menos dois interlocutores em conexão com discursos que estão situados histórico, social e politicamente, sendo esse texto entendido além da sua materialidade linguística, em que a noção de sentido deste não está preso às palavras.

Sendo assim, partimos para o terceiro capítulo para refletir e entender a construção da região Nordeste via processos discursivos, que se deu partir do fenômeno climático “seca”, observando como esse foi imprescindível para essa construção.

CAPÍTULO 03

SECA, A GÊNESE DO NORDESTE: UMA CONSTRUÇÃO DISCURSIVA

Neste terceiro capítulo, faço uma reflexão acerca da invenção/construção da região que hoje entendemos como Nordeste. Neste, apresento como os discursos sobre a “seca” e o “sertão” construíram a imagem dessa região como o lugar da seca, do sofrimento e das mazelas, assim como a seus habitantes, o(a)s nordestino(a)s, que por sua vez, são compreendido(a)s a partir da estereotipia do ser sertanejo(a), composta pela imagem do pobre, sofredor, retirante, jagunço, dentre outras imagens que foram construídas no nosso imaginário para que tomássemos essa construção estereotipada como uma realidade da região sertaneja e nordestina.

Nesse sentido, a discussão que eu faço aqui complementa a do capítulo anterior, no sentido de que nós, enquanto sujeitos sociais e políticos situados em um dado momento, que é histórico, social, cultural e ideológico, fazemos uso da língua(gem) para significar e ressignificar as coisas, as pessoas, o mundo em que vivemos e a própria língua. Neste caso, nós, mulheres e homens, sertanejas e sertanejos, nordestinas e nordestinos, alagoanas e alagoanos, a partir da nossa visão de mundo, nos utilizamos da língua(gem) para construir e reconstruir a partir de enunciados concretos o que entendemos como Nordeste, Sertão e Semiárido. Logo, esse estudo se faz importante para minha pesquisa porque ele me conduzirá a entender como os discursos sobre “a(s) seca(s)” e o “sertão” contribuíram para a criação do Nordeste e unificação de estereótipos que nos generalizam e nos marcam como sujeitos tristes sofredores, pobres e infelizes, e como tais discursos sobre a seca(s) são construídos nos gêneros discursivos *outdoor* e *folder* (discussão feita no quarto capítulo deste trabalho).

3.1 Do discurso da seca à “invenção do Nordeste”

Sabe-se que até a década de 1910, a região hoje conhecida como Nordeste era apenas Norte, isto é, não se falava ou se pensava em Nordeste, muito menos nos sujeitos dessa região, o(a)s nordestino(a)s. Eles/Elas não eram assim caracterizado(a)s ou subjetivado(a)s, ou melhor, não existiam (ALBUQUERQUE JR., 2011). Ainda sob o ponto de vista de Albuquerque Júnior (2011; 2014; 2017a; 2017b), o Nordeste foi inventado a partir da repetição de enunciados tidos como determinantes dessa região, tendo a seca como o principal elemento dessa construção discursiva, partindo da fala daqueles que detinham o maior poder

econômico da/na região, a elite nortista. Trata-se de uma criação espacial, de ideias, de imaginário estereotipado do Nordeste, como também da instituição cultural e social do(a)s nordestino(a)s.

Sendo assim, entende-se que “o Nordeste nasce onde se encontram poder e linguagem, onde se dá a produção imagética e textual da espacialização das relações de poder”, (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 33). Ou seja, o Nordeste (parte do antigo Norte) nasceu da construção humana, onde a linguagem é produto de sua criação, situando historicamente essa região, assim como os seus atores/produtores discursivos (os nortistas), partindo de características fundamentadas na estereotipia, concedendo, dessa maneira, várias características culturais, morais, simbólicos, sexualizantes, às vezes, “enervantes” a essa região e a seus habitantes (ALBUQUERQUE JR., 2011).

Para que parte da região Norte fosse nomeada Nordeste, ou seja, para que essa região se constituísse, foi preciso que diversas práticas políticas, culturais, econômicas e discursivas se entrelaçassem em um jogo de interesse que dizia respeito a um determinado grupo, o das elites agrárias e pecuaristas da região, que passava por um declínio político. Foi com a perda do domínio econômico e político das elites agrárias e pecuaristas do antigo Norte para as elites do Centro-Sul do país, as quais passaram a ser dominantes tanto no ponto de vista econômico, como no ponto de vista político, com ascensão da produção cafeeira, que os discursos generalizadores foram sendo produzidos, materializados e reproduzidos pelos nortistas e em seguida por sujeitos de outras regiões.

Dessa maneira, podemos entender que “o Nordeste nasce do reconhecimento de uma derrota, é fruto do fechamento imagético-discursivo de um espaço subalterno na rede de poderes, por aqueles que já não podem aspirar ao domínio do espaço nacional” (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 83). A decadência da região Norte na produção de cana-de-açúcar e algodão trouxe a necessidade das elites locais de se imporem frente ao crescimento político e econômico da região Sul, levando os sujeitos dessa região, os nortistas, a produzirem discursos que teria a estiagem, entendida como “seca”, como determinante para a ruína dessa região e dos demais problemas pelo qual o Norte passava.

Sendo assim, foi a partir da seca de 1877-79 que as elites nortistas passaram a construir discursos estereotipados e a produzir sentidos sobre o Nordeste/Sertão/Semiárido em que a estiagem, entendida como ‘seca’, era apontada como a maior responsável pelos problemas enfrentados, principalmente por marcar a morte de milhares de pessoas nessa época. De acordo com Campos (2014) e Magalhães (2016), ambos citando o jornalista americano Herbert Smith, afirmam que só no estado do Ceará cerca de 500.000 pessoas

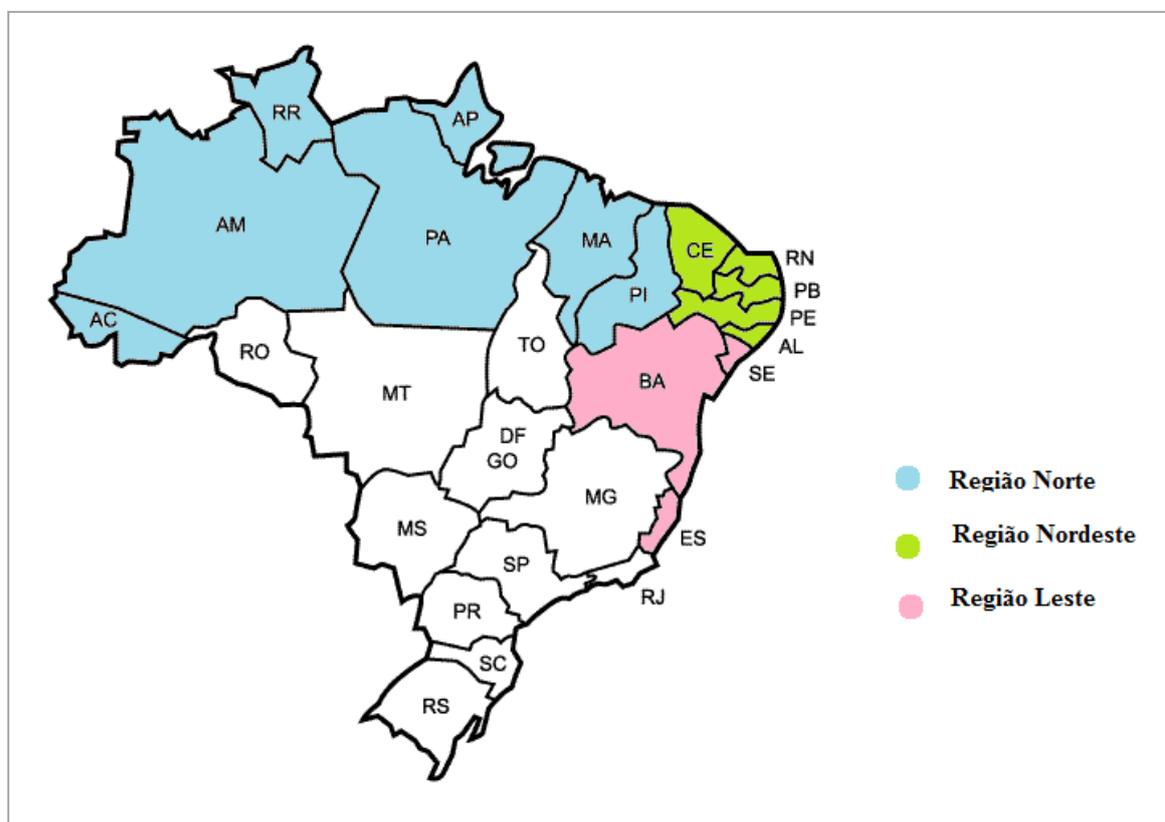
morreram com a referida seca, “[...] 4% da população brasileira da época” (LIMA; SANTAELLA, 2017) tanto de fome e de sede, como de doenças patológicas. Com efeito, a seca passa a ser “o primeiro traço definidor do Norte [...]”, conforme Albuquerque Júnior (2011, p.81), e logo o conceito de Nordeste surge vinculado às secas.

Um problema que até então era vivido pelo nortista, antes mesmo deste primeiro marco regional, a “seca” (a estiagem) é vista como o principal motivo da miséria, da fome e do sofrimento acometido a essa região. Com a falta de chuva, a “seca” (a estiagem) é entendida como castigo e logo se cria uma visão tradicional do(a) homem/mulher nordestino(a), como do próprio território, sendo entendida como o “[...] elemento constitutivo do seu próprio espaço [...]” (ALBUQUERQUE JR., 2014, p. 61), marcando e determinando uma imagem regional, uma cultura e o modo de ser e de existir de um povo.

De acordo Albuquerque Júnior (2011; 2017a; 2017b), esse “conceito” de Nordeste, apareceu inicialmente no documento da *Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas* (IFOCS), em 1919, que foi uma reformulação do documento *Inspetoria de Obras Contra as Secas* (IOCS), de 1909, que atualmente é conhecido como *Departamento Nacional de Obras Contra a Seca* (DNOCS), de 1945, sendo este supervisionado pela *Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste* (SUDENE), instituída no ano de 1959, como mostra Passador et al. (2007), Silva et al. (2016) e Magalhães (2016). Ou seja, a região entendida como Nordeste passa a existir quando a estiagem se torna um problema político, social e econômico, principalmente para as elites regionais. Ou seja, quando a estiagem se torna a “seca”, tornando-se, dessa maneira, um determinante do meio, um problema dito climático, mas social.

Todavia, é importante salientar que, antes da região Nordeste aparecer delimitada no mapa como uma área de localização geográfica para a atuação da *Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas* (IFOCS), em 1919, o nordeste (com n minúsculo) era apenas uma localização geográfica da região Norte que ficava entre as regiões norte e leste, indo do Estado de Alagoas até o estado do Ceará, de modo que ainda não agregava os estados de Sergipe, Bahia, Piauí e Maranhão (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2017b, parte I). Como mostra a **Figura 1**.

Figura 1: Mapa para a delimitação geográfica da região Nordeste como área de atuação da *Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS)*.



Fonte: Mapas do Brasil (colorido pela autora). Disponível em: < <http://www.fotos-imagens.net/mapa-do-brasil.html> >

Como podemos perceber na **Figura 1**, o Nordeste emerge como apenas uma parte da região Norte, e toda essa área é aquela que sofre com as estiagens prolongadas, de modo a “sensibilizar” o governo federal para uma possível solução de “combate” à seca, a qual passou a ser o principal problema dessa área. Além da seca de 1877-79, ainda ocorreram outras duas grandes secas, uma no ano de 1915 e outra em 1919 (MAGALHÃES, 2016; ALBUQUERQUE JR., 2017b), que foram instrumento para intensificação e unificação dos discursos sobre esse fenômeno climático, pois essa área “devia ser vista e lida numa só direção para que seu efeito de verdade fosse eficiente politicamente” (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 8).

Sendo assim, a seca deixou de ser apenas vivida, para então ser representada e a representar a partir dos discursos e por meio da língua(gem). Acerca disso, podemos citar o discurso literário, pelos quais a instituição do Nordeste se deu. As artes (música, cinema, pintura, dentre outras) como um todo teve um papel fundamental para e na

construção/repetição e manutenção da ideia de seca como vilã, principalmente nas obras da segunda fase do Modernismo no Brasil, a chamada *Geração de 30* (mas não somente nesta). Como exemplo, podemos citar a obra literária realista-regionalista *O quinze* (1977 [1930]), de Rachel de Queiroz. Nesse discurso literário, bem como na música, na pintura e no cinema, o Nordeste era criado pelo que Albuquerque Jr. (2011) veio chamar de “política das artes”.

Em *O quinze*, por exemplo, a autora “mostra” a vida de sertanejos e de sertanejas marcada pela presença da seca no ano de 1915, no estado do Ceará. Embora sua obra seja uma denúncia social às transformações trazidas pelo capitalismo, como a diferença entre as classes sociais em que refletiam a miséria, a fome, a pobreza; a seca acometida em 1915 emerge como um determinante do meio que reflete a miséria e acarreta o sofrimento, sugerindo a falta de perspectiva, que resulta na migração dos sertanejos (os retirantes) para outra região em que a seca supostamente não existisse.

Nesse romance, há um momento em que Chico Bento⁴ diante da fome, durante a retirada, vai procurar algo que pudesse comer com sua família. Logo encontra uma cabra e a mata. No entanto, o dono do animal aparece e fica enfurecido com o que vê: “– Cachorro! Ladrão! Matar minha cabritinha! Desgraçado!” (RACHEL DE QUEIROZ, 1977, p. 48). Mesmo com Chico Bento contando que passava fome com sua família, e implorando por um pedaço de carne, o dono da cabra ainda enfurecido joga as vísceras do animal para Chico: “– Tome! Só se for isto! A um diabo que faz uma desgraça como você fez, dar-se tripas é até demais!...” (RACHEL DE QUEIROZ, 1977, p. 49).

De acordo com Albuquerque Jr. (2011), a seca retratada na obra de Rachel de Queiroz “[...] aparece como uma fatalidade que desorganiza toda a rotina da sociedade sertaneja, que leva ao dilaceramento das relações tradicionais de produção e de poder, bem como dos códigos sociais e morais” (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 161-162). Como podemos observar, a fome, a miséria e a pobreza eram/são tidas como consequências da seca, que refletia em desigualdade social. Ao “retratar” a seca de 1915, Rachel de Queiroz faz uma denúncia social, e para isso era preciso trazer um fato, algo real, assim sua obra se caracteriza como algo “original”, pois seu discurso resgata discursos anteriores em que o Nordeste é pensado a partir das secas.

Com relação ao discurso literário, Albuquerque Jr. (2011, p. 215) diz que o artista “toma a mimese como serva do referente e a arte como um reflexo da realidade. A arte se torna um discurso ético mais do que estético; torna-se parte de uma pedagogia política para a

⁴ Vaqueiro sertanejo. Personagem do romance *O quinze*, de Rachel de Queiroz (1977 [1930]).

formação de ‘subjetividades revolucionárias’”. Neste caso, Rachel de Queiroz ao visar “retratar” a seca de 1915 na obra *O quinze*, mesmo querendo fazer uma denúncia social, cria uma ideia de nordeste, mas um Nordeste como “território da revolta”, que mescla com a ideia de nordeste saudosista das produções de Gilberto Freyre, como enfatiza Albuquerque JR. (2011), pois retrata sujeitos que contestam uma ordem capitalista. Entretanto, para “retratar” seus personagens, a autora resgata uma imagem idealizada do homem do sertão nordestino, o sertanejo retirante, o pobre, o miserável, que por sua vez é moldado pela seca.

Assim, as secas (as estiagens), como consequência da escassez de chuva, foram vistas como marcando um quadro de intensa tragédia na região Norte, no final do século XIX e início do século XX, ocasionando, por esse olhar, não só a degradação do espaço, mas a migração de muitas famílias para as áreas litorâneas e para as serras em busca de refúgio. Muitos dos sujeitos que migravam para outras áreas morriam de fome, sede e até mesmo de doença pelo caminho.

A descrição desse quadro cataclísmico marcado pela seca de 1877-79 alcançou grande repercussão no território nacional, tornando-se uma grande arma discursiva para a elite regional nortista, visto que caracterizar essa área como um lugar de miséria, degradação e morte chamaria a atenção da atuação do Estado para o direcionamento de verbas que investiriam “[...] na modernização da área, numa política de imigração, numa série de medidas para ‘solucionar’ o problema das secas” (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 75).

Assim, no discurso tradicional, a estiagem, agora “seca”, apresenta-se como um conceito determinante de uma região considerada homogênea em sua totalidade, onde os sujeitos estão subordinados à miséria, à derrota, à pobreza e, conseqüentemente, a um sofrimento inesgotável. Por esse viés, a seca torna-se a grande vilã que se abate sobre a região nordestina/sertaneja/semiárida, transformando esse espaço em um lugar impróprio à vida. Em vista disso, o que permanece é uma visão fatalista e determinista de um território agregado a um discurso discriminatório acerca do Nordeste/Sertão/Semiárido, a partir da grande seca de 1877. Por tanto, concordamos com Barbosa (2017), quando afirma que

O processo de construção discursiva é algo que realmente tem um poder incrível, pois é através dele que conseguimos compreender que, assim como todas as práticas sociais, a região Nordeste foi construída como o sertão do país. Isto fez com que os sujeitos dessa região também acabassem sendo vistos e construídos de acordo com um modo de ser e de viver característico, pois acabaram sendo tomados com embrutecimento, como coitados, como os diferentes, os distantes do resto do país (BARBOSA, 2017, p.16).

Nesse sentido, os discursos sobre a seca deram visibilidade a uma região construída a partir do imaginário, (des)construindo identidades para potencializar uma imagem concebida por circunstâncias históricas, ocultando, dessa forma, os mecanismos de dominação e poder de uma elite latifundiária que, durante séculos, tem se utilizado do discurso da seca para não só desviar a atenção dos demais problemas da região (como a queima e o desmatamento do bioma Caatinga), como também para angariar investimentos financeiros, porque assim essa elite pode preservar seus bens, bem como aumentá-los por meio do capital que era investido na construção de açudes, cisternas, poços e barragens. Segundo Magalhães (2016, p. 28), “esse problema de apropriação pelas elites continuou em secas seguintes”.

Sendo assim, nos tópicos que se seguem, vemos como o “mito da seca” se perpetuou, e como o poder público lidava com o problema da seca no território nordestino, como por exemplo o desenvolvimento de políticas públicas de convivência com o semiárido/seca, discussão feita no tópico 3.2. É importante que tenhamos esse conhecimento, pois, assim compreenderemos o discurso repetitivo em torno da(s) seca(s), principalmente quando este é utilizado visando obter verbas para a região Nordeste.

3.2 A mitificação da Seca

No tópico anterior *Do discurso da seca à “invenção do Nordeste”*, vimos a construção do Nordeste via linguagem, datada a partir da década de 1910, uma construção moldada em discursos atrelados a conceitos estereotipados sobre nordestino(a)s e sertanejo(a)s, tendo a seca como a determinante dos modos de ser, de viver e de toda a região nordestina e sertaneja; discursos que se intensificaram a partir da década de 1920, momento em que o conceito “Nordeste” ganha uma nova roupagem a partir dos discursos de políticos, intelectuais e artistas da época, que até o atual momento têm se repetido, sendo utilizado para construção de enunciados que ainda têm o fenômeno climático “seca” como causador dos problemas sociais e econômicos da região semiárida.

A construção ideológica de um espaço sem vida por consequência da seca fez com que conceitos como “sertão” e “semiárido” fossem também construídos a partir desse fenômeno. Por exemplo, o verbete de dicionário “sertão”, analisado por Barbosa (2017, p. 12), apresenta definições como “[...] região pouco habitada, afastadas de povoações”, e “região mais seca que a caatinga”. Porém, de acordo com Magalhães (2016, p. 21), o semiárido brasileiro é uma sub-região de 982.563 quilômetros quadrados, onde vivem 22, 6 milhões de pessoas”. A

região também é um espaço de “[...] significativa produção de alimentos, especialmente feijão, milho e mandioca, e uma pecuária tradicional, incluindo bovinos, ovinos e caprinos” (MAGALHÃES, 2016, p.21).

Assim como Magalhães (2016), no que se refere ao bioma Caatinga, o pesquisador Castro (2017) afirma que a Caatinga

[...] é um ambiente natural que predomina no semiárido brasileiro, tornando-o um dos mais ricos em biodiversidade no planeta. Ocupa aproximadamente 10% do território nacional e nele vivem 28 milhões de brasileiros que direta ou indiretamente dependem dos seus recursos naturais. [Porém], [...] existe um conhecimento superficial da sociedade em relação à biodiversidade da Caatinga. Infelizmente ainda tem prevalecido no imaginário das pessoas a imagem da Caatinga sendo pobre, sofrida, degradada, seca e sem potencialidades. O maior papel da educação ambiental em prol deste ambiente natural talvez seja ajudar a mudar esse estigma e mostrar à sociedade que também existe um outro lado dessa história (CASTRO, 2017, p. 42-43).

Em vista disso, podemos compreender que os conceitos de “sertão” encontrados por Barbosa (2017), em dicionários, mostram-nos acepções/definições que ainda estão presas a uma visão tradicionalista, que foi construída imagética-discursivamente a partir de um dado momento histórico, a seca de 1877-79. Ou seja, o verbete “sertão” nos dicionários analisados aparece como um sinônimo de/para “seca” e traz toda uma construção simbólica constituída com referida à seca. É o que Albuquerque Jr. (2011) chama de “ilusão referencial”.

Desse modo, podemos afirmar que as enunciações trazidas nos dicionários analisados por Barbosa (2017) ainda mantêm uma visão abstrata e mitológica construída da região sertaneja em torno da seca, baseada na falta de conhecimento sobre a realidade climática dessa região, trazendo em seus “significados” o “êxodo rural” ou “os êxodos” (CAMPOS, 2014; LIMA e SANTAELLA, 2017; MARTINS et al., 2016 e SILVA et al., 2016), o que reafirma a fala de Schistek (2017, p. 49), quando diz que “a seca na cabeça das pessoas é a pior das secas”.

Diante do que aqui é discutido, é importante salientar que

A seca é um fenômeno físico natural, recorrente e aparentemente cíclico. [...] ela se [configura] pelo estabelecimento acumulativo de condições climáticas adversas, tendo a frequência, a intensidade e a distribuição espaço-temporal das chuvas como principais indicadores [...] Por ser físico, natural e resultante da configuração climática global, a seca é um evento regular, frequente e, há quem diga, cíclico, principalmente nas regiões áridas e semiáridas (LIMA e SANTAELLA, 2017, p. 26).

Sendo assim, entendendo que a seca é um fenômeno natural, podemos considerar a argumentação de Schistek (2017, p. 46), quando diz que “não existe seca no semiárido”. Nesse mesmo raciocínio, o meteorologista/pesquisador Molion (2016) afirma que o sintagma “seca no Nordeste” ou “seca no Sertão” é pleonástico, pois essa é uma região semiárida. Logo, a seca faz parte dela. Tanto para este meteorologista como para Albuquerque Jr. (2011) e Magalhães (2016), a seca não é um fenômeno ocasional, pelo contrário, a seca é um fenômeno histórico que precisa ser entendida como uma característica do clima semiárido e não apenas como um *déficit* hídrico, como recorrentemente a seca é abordada.

Ainda sob a ótica de Molion (2016), pensando nos municípios como Delmiro Gouveia e Mata Grande, do estado de Alagoas, o meteorologista afirma que a média de precipitação pluviométrica para essas localidades é de 600mm anuais, tendo em vista que o cálculo pluviométrico no semiárido do Nordeste brasileiro é em média de 500mm a 800mm anuais, com taxa de evaporação de 2.500mm. Ou seja, em uma região de temperatura elevada, onde a taxa de evaporação é maior que a da chuva, logo a seca não é algo imprevisível “[...] podendo ser prevista com bastante antecedência” (PASSADOR et al., 2007, p. 06).

Porém, o fenômeno seca sempre esteve interligado à chuva, neste caso, à falta dela. Todavia, para além de fenômenos climáticos na região Nordeste, tal como já problematizamos, estes são vistos como intrínsecos à vida, ao modo de pensar e agir de determinados sujeitos, o(a)s nordestino(a)s, sertanejo(a)s alagoanos(a)s. Nesse sentido, por mais de um século o discurso repetitivo sobre seca como um elemento mal e traumático tem moldado características singulares de uma identidade cultural como tradição, de um povo pobre e sofredor, porém forte (devido ao seu convívio com a seca), de uma região considerada como um todo, homogênea.

No que se refere ao sujeito da região Nordeste, por exemplo, Albuquerque Jr. (2017a; 2017b) argumenta que o nordestino é a composição de várias figuras regionais, tais como o cangaceiro, o sertanejo e o jagunço, entre outras figuras e imagens masculinas que formaram o sujeito do Norte e que reafirmam e compõem a figura do nordestino como um sujeito forte e masculinizado, macho. Essa imagem é desenhada no imaginário das pessoas em virtude da relação do homem/mulher dessa região com uma natureza de aparência segregada e hostil, sendo visto, por vezes, como uma espécie de “cacto” ou “mandacaru”, que, de acordo com o dicionário Ruth Rocha (2005), são plantas de folhas reduzidas a espinhos característica das caatingas e do sertão brasileiro, pois o(a) nordestino(a) seria parte dessa natureza.

Nesse sentido, tais discursos alimentam a ideia clichê que muitas pessoas têm sobre o Nordeste/serão/semiárido, como um lugar parado, sem vida, sem a presença do moderno, ou

seja, um lugar que nunca sofreu mudanças em nenhum pilar. Aliás, tudo o que se criou em torno das secas tem sido tomado como uma verdade generalizada, por exemplo: as paisagens secas por completo, solos rachados pela terra quente, a fome, a miséria, entre outros, como se fosse um dado de toda a região. É o mito da seca!

Com efeito, ao longo do tempo, todas essas imagens foram sendo reforçadas pela mídia, em obras literárias, em músicas e em vários outros gêneros discursivos de diferentes esferas da atividade humana, sendo predominantes até a atualidade. Além disso, o fenômeno seca sempre apareceu nesses discursos como um elemento mal, perverso, “[...] a agonia do sertão, pois tudo morre, tudo demonstra essa agonia, tanto da natureza, como do homem [...]” (ALBUQUERQUE JR., 2014, p. 65). Ou seja, linguisticamente, nesses discursos, a seca se configura como um ser que pratica uma ação sobre o outro, neste caso, a ação de “secar”, secar a natureza, a vida humana, secar o Nordeste/sertão.

Como exemplo, podemos considerar a reportagem do programa de TV, Câmera Record (2017), disponível em < <https://noticias.r7.com/camera-record/videos/camera-record-19112017-bloco-1-20022018> >, que trouxe como tema de sua matéria *A estrada da Seca*, que reporta alguns dos municípios do semiárido de três estados do Nordeste brasileiro, sendo eles o estado do Ceará, Pernambuco e Piauí. Entre as falas do repórter, aparecem nos discursos: “a falta de chuva **assola** os municípios que vivem em estado de emergência, no Ceará”; “a população é **expulsa** pela seca”; “os **sobreviventes** do semiárido”; “a **resistência** do sertanejo”, entre tantas outras que responsabilizam o fenômeno climático “seca” como a principal vilã do sofrimento ambiental, social e econômico dessas regiões.

Além disso, a reportagem é desenvolvida a partir de uma narrativa literária-regionalista/naturalista e musical, invocando imagens que nos remete às produções literárias do ‘romance de 30’ com os autores regionalistas, que, por sua vez, retrataram/construíram a região sertaneja a partir da miséria, dos flagelos, da seca, idealizando também um passado idílico, das produções de cana de açúcar, o “Norte Paraíso” das produções de Gilberto Freyre (ALBUQUERQUE JR., 2011; 2014), como discutido no tópico 3.1 *Do discurso da seca à “invenção do Nordeste”* deste capítulo.

O repórter ao fazer essas escolhas, busca gerar noções de sentido de e sobre a região Nordeste; o Nordeste por ele apresentado é como um todo ‘sertão’. Um lugar inerte condenado pela seca, apresentando os sujeitos dessas regiões como “os sobreviventes do semiárido”, referindo-se aos sertanejos como “resistentes”, já que parte da população dessas regiões foi “expulsa pela seca”. Logo, isso nos remete à frase tão conhecida e citada quando se quer referir ao nordestino: “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”, da obra *Os sertões*, de

Euclides da Cunha; um escritor referência entre os quais incorporou a ideia de sertão via estereótipos, partindo de um imaginário depreciativo de sertão e do sertanejo.

No decorrer da matéria, o repórter faz questão de contar os “quatorze” cadáveres de animais mortos na *Estrada da Seca*; não satisfeito com as imagens, o “eu” enunciador faz usos de recursos sonoros que acompanham o linguístico, colocado ao fundo da entrevista a música *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga, cantor referência da música nordestina. *Asa Branca*, uma música operada no saudosismo com “[...] imagens já cristalizadas, ligadas à própria produção popular: a seca, as retiradas, as experiências de chuva, a devoção aos santos [...]” (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 181). Ou seja, a reportagem é permeada por discursos, imagens, textos e musicalidade que reforçam os estereótipos do Nordeste/Sertão/semiárido; reforçam o mito da seca.

Ainda referente à música, podemos fazer as seguintes inferências: por que a escolha dessa música? A escolha foi feita só por que ela invoca apenas as imagens referente aos sertanejos e sua relação com o seu espaço? Sim! Mas não só, e como podemos ver, essa escolha não foi aleatória. A música por ser operada no saudosismo, como dito anteriormente, invoca imagens de dois Nordeste que se opõe, mas que convivem lado a lado de uma forma “ambivalente”. A música *Asa Branca* apresenta um Nordeste saudosista, aquele de Gilberto Freyre e, o outro Nordeste é aquele apresentado como o “sertão nordestino”, os das secas, como o de Celso Furtado. Gilberto Freyre e Celso Furtado foram importantes intelectuais brasileiros que se concentraram em pensar a região Nordeste.

Para entender o sentido de “ambivalência” entre essas duas noções de Nordeste, recorreremos ao que diz Calazans (2007, p. 75), citando Zygmunt Bauman (1999), quando ele fala que “[...] a ambivalência decorre de uma das principais funções da linguagem, qual seja, a de nomear e classificar”. Ou seja, Tanto Freyre quanto Furtado nomearam a região Nordeste a partir de suas perspectivas de espaço geográfico e social, classificando-a a partir de suas visões de Nordeste, a partir de seus posicionamentos políticos e ideológicos.

Assim, voltando à reportagem do programa *Câmera Record*, observamos também a denúncia pela falta de políticas públicas de convivência com a seca nos municípios do Ceará, Pernambuco e Piauí, dentre as que foram direcionadas e que tiveram início, como a perfuração de poços e o abastecimento com carros pipa, não foram concluídas, assim como muitas outras, e a população não sabe ao menos para onde vão as verbas que são direcionadas pelo Governo Federal para a manutenção de municípios como o de Salitre, no Ceará. De fato, há o sofrimento da população pela falta d’água, porém, é perceptível que a situação seria amenizada ou dirimida com políticas públicas efetivas de convivência com a seca,

principalmente nos períodos de maior estiagem. Em vista disso, Lima e Santaella (2017) afirmam que

[...] além do problema da escassez hídrica ainda não resolvido, a falta de saneamento básico (e aqui se considera como saneamento básico a água para abastecimento público; a coleta, o tratamento e a disposição adequados de esgoto; a drenagem de águas pluviais; e a coleta, o transporte, a disposição e o tratamento de resíduos sólidos), além do manejo inadequado das bacias hidrográficas do Estado do Ceará, resulta na degradação progressiva dos recursos hídricos e pode comprometer a qualidade da água para o abastecimento humano. Talvez, tão angustiante quanto a seca climática [...] (LIMA; SANTAELLA, 2017, p.38).

Embora a reportagem venha denunciar a negligência do Governo Municipal dos estados do Ceará, Piauí e Pernambuco, com relação às regiões semiáridas, frente a políticas públicas que não são efetivadas, ainda que recebam verbas para isso, o discurso construído na/pela reportagem ainda remete a um recorte espacial que se fez a base de estereótipos que reforçam os estigmas, o que é um perigo, pois é preciso compreender que não cabe fazer um discurso em que a “seca” é entendida como algo ocasional. Entretanto, para a mídia e para os Governos estaduais e municipais, é mais conveniente o discurso argumentativo da seca, já que esse gera mais lucros para elite, ao pedir verbas na promessa de melhorias, que não acontecem.

Um outro exemplo que podemos citar é uma propaganda de TV do governo de Alagoas exibida em 2018, disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ec-HK0ZvDD0> > , em que aparece um menino no sertão alagoano. Nessa, podemos perceber que a propaganda não foge da (re)produção dos estereótipos do Nordeste/sertão, pois o produtor do vídeo, estrategicamente, faz uso de recursos audiovisuais que reforçam os sentidos que já foram forjados historicamente no imaginário social, remetendo à imagem de uma região parada no tempo, (re)afirmando o que muitos já tomaram como verdade sobre o Nordeste, o sertão e o semiárido.

No vídeo, percebemos que a câmera sempre enquadra imagens estratégicas, tais como o sol forte, o menino que procura por água e a terra seca onde a única vegetação que aparece são as figueiras da índia, mais conhecida na região Nordeste como “palmas”; a câmera também enquadra os pés da criança que aparece na imagem, pés sujos do barro vermelho, seco do sertão; outro enquadramento é na casa simples, possivelmente feita de taipa, ou de pau-a-pique, construções feitas de barro e madeira desde o período colonial. Enfim, imagens

são retomadas para “mostrar” um lugar parado no tempo, imagens que precisam ser trazidas para “mostrar” a ‘verdadeira face’ do sertão e do semiárido, do sertão alagoano.

Voltando para o discurso feito pelo estado de Alagoas, percebemos que na propaganda o semiárido alagoano ainda é pensado como um lugar sem grandes mudanças e perspectivas, mesmo diante dos avanços tecnológicos, nos remetendo ao que discute Albuquerque Jr. (2014), acerca do discurso tradicional, no qual, para ele, a seca aparece como um determinante da região Nordeste, logo, do sertão de Alagoas. No final do vídeo, há a fala: “mais do que obras, o governo está levando água e dignidade para o sertão alagoano”. Com essa argumentação, podemos pensar que mesmo que o acesso à água seja o básico para os/as alagoanos e alagoanas sertanejos e sertanejas terem uma vida digna, que é um direito da população, a água torna-se um recurso de domínio do Estado e, conseqüentemente, a dignidade de alagoanos e alagoanas, sertanejos e sertanejas, de modo que o governo segue atuando como um mecanismo de controle não só do acesso à água, mas também do crescimento desse estado e da dignidade dos/das alagoanos/alagoanas, sertanejos/sertanejas.

Nesse sentido, concluímos com a propaganda de TV do governo de Alagoas, a seca aparece como instrumento de estratégia política dentro de operações sistêmicas que atuam para a manutenção do poder político que por séculos se utiliza do discurso repetitivo da seca para caracterizar e justificar os problemas sociais enfrentados no estado de Alagoas, e, como percebemos, o mito da seca ainda é muito presente nos discursos sobre a seca, principalmente quando esses dizem respeito aos interesses políticos. Posto o que já foi discutido até aqui, no próximo tópico discuto como os Governos lidavam com a seca nos estados do Nordeste, se políticas públicas eram direcionadas, e se essas eram de convivência ou de combate à seca.

3.3 Entre paradigmas: combater a seca ou conviver com ela?

Como visto nos tópicos anteriores, durante séculos a região entendida como Nordeste/Sertão, a partir dos discursos da seca que se mantiveram e ainda se mantém na estereotipia, tem se constituído historicamente como um espaço-problema, a região das secas. O discurso-imagético é fruto do julgamento superficial sobre a realidade do semiárido e dos interesses políticos das elites regionais (latifundiárias e políticas) que apontavam a fome, a pobreza e o atraso como produtos de condições naturais adversas, do clima, da terra e da formação dos próprios sujeitos dessa região.

Dessa maneira, o Nordeste/Sertão se constituiu enunciativamente nos discursos da seca, pela falta da chuva, dando contraste ao semiárido como a “[...] terra do fogo e da morte, [...] onde o sofrimento do homem era o sofrimento da própria terra, identificados na mesma desgraça” (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 134). Além disso, a região também foi permeada pela religiosidade, a crença em Santos padroeiros. Os camponeses (antes da nomenclatura “nordestino”) acreditavam que a seca (e não a chuva) caía sobre eles como punição para os pecados, um castigo divino proveniente de Deus.

Nessa relação, a chuva no Sertão era/é vista como sinônimo de fartura, de abundância, pois, ela trazia a vida novamente para o semiárido, visto que quando chovia se produzia o alimento, os camponeses não sofriam, não faltava trabalho, o gado não morria, pois a chuva era vida. De acordo com Albuquerque Jr. (2014), esse contraste espacial teve sua construção principalmente nas produções literárias nortistas que marcaram a estética do homem/mulher do campo, que acreditavam que

Um dia bonito no Norte era um dia de chuva, um dia feio era um dia de sol. Um céu medonho e triste era um céu puríssimo, sem nuvem a manchar-lhe o azul, um céu bonito era um céu carregado de nuvens escuras, prestes a se precipitarem em forma de chuva (ALBUQUERQUE JR., 2014, p. 69).

Essas construções enunciativo-discursivas, textuais, “caíram como luva” nas mãos da elite nortista, pois os efeitos de sentido que os discursos causavam eram suficientes para encobrir os mecanismos de domínio e poder que a elite latifundiária, e hoje a elite política, tinha e tem sobre o sujeito pobre do campo, bem como a exploração de mão de obra barata e econômica que manteve por séculos a concentração do patrimônio do poder político, gerando a miséria, principalmente a dependência dos sertanejos e das sertanejas à classe dominante.

De certo, o fenômeno seca sempre esteve e estará presente na vida de nordestino(a)s e sertanejo(a)s, dada a região semiárida. Porém, o que se sucedeu com a mitificação das grandes secas foi uma transformação imaginária de um elemento natural do semiárido como um agente determinante de seu próprio espaço.

O problema desse discurso é que as pessoas não compreendem que, por ser um fenômeno climático, a seca sofre variabilidade de intensidade, variando entre a menos intensa (S1) e a mais intensa (S4), que, dependendo de sua ocorrência na região, pode ser classificada entre os níveis fraca (S0) ou excepcional (S4). Ou seja, a ocorrência da seca dependerá de “um índice de disponibilidade de água natural abaixo da média devido à variabilidade climática, resultando em taxas de precipitação baixas e/ou taxas de evaporação altas”

(MAGALHÃES, 2016, p. 19). Sendo assim, vejamos a **figura 2**, na qual podemos observar melhor as categorias de intensidade da seca, bem como os impactos que pode ou não acontecer na região Nordeste em períodos de seca. Vejamos.

Figura 2: Classificação de severidade da Seca: estágios de seca, ou categorias, as quais definem a intensidade de seca no mapa Monitor.

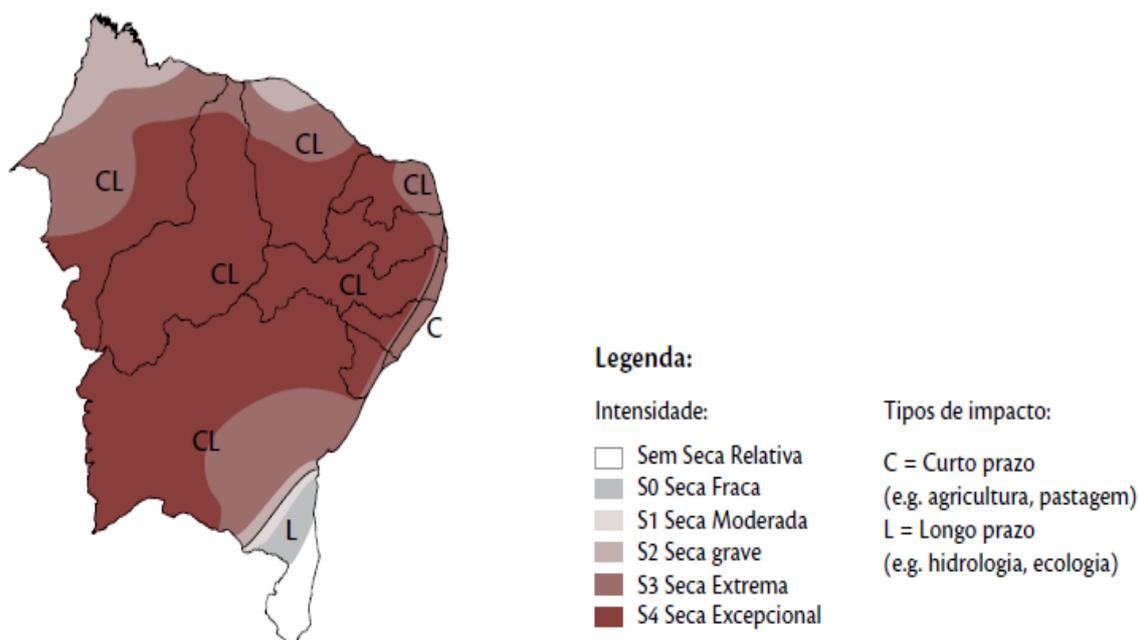
Categoria	Percentil	Descrição	Impactos Possíveis
S0	30 %til	Seca Fraca	Entrando em seca: veranico de curto prazo diminuindo plantio, crescimento de culturas ou pastagem. Saindo de seca: alguns déficits hídricos prolongados, pastagens ou culturas não completamente recuperadas.
S1	20 %til	Seca Moderada	Alguns danos às culturas, pastagens; córregos, reservatórios ou poços com níveis baixos, algumas faltas de água em desenvolvimento ou iminentes; restrições voluntárias de uso de água solicitadas.
S2	10 %til	Seca Grave	Perdas de cultura ou pastagens prováveis; escassez de água comuns; restrições de água impostas.
S3	5 %til	Seca Extrema	Grandes perdas de culturas / pastagem; escassez de água generalizada ou restrições
S4	2 %til	Seca Excepcional	Perdas de cultura / pastagem excepcionais e generalizadas; escassez de água nos reservatórios, córregos e poços de água, criando situações de emergência.

Fonte: Adaptado do Nacional *Drought Mitigation Center*, Lincoln, Nebraska, U.S. In.: Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos, 2018.

Sendo assim, a tabela explica por que em alguns anos acontecem secas mais prolongadas e, em outros, secas mais fracas, pois “cada ano possui um padrão de chuva diferente” (SCHISTEK, 2017, p. 49). Ou seja, os padrões de variação temporal do clima, o nível de aridez e os usos sociais e ambientais da água condicionam o impacto das secas (FILHO et al., 2016, p.75).

Por exemplo, vejamos **Figura 3** para entender a evolução do percentual de área em nível de severidade de seca para a região Nordeste em dezembro de 2016, observando em especial o estado de Alagoas.

Figura 3: Mapa do Monitor de Secas para o mês de dezembro/2016



Fonte: Agência Nacional das Águas (ANA) in Martins, 2017.

Como podemos observar no mapa, toda a região Nordeste marca um quadro de seca em que a ocorrência nos estados da região varia entre Seca Grave (S2) e Seca Excepcional (S4). No entanto, 65,64% da área está com Seca Excepcional. No estado de Alagoas, como podemos observar, há dois níveis de severidade da seca, em que a Seca Excepcional (S4) acontece na maior parte dos municípios do Sertão, Agreste, Sertão do São Francisco e Zona da Mata, aproximadamente 62% do estado de Alagoas, e Seca Extrema (S3) nos demais municípios da região. Esse quadro permaneceu por quase todo o ano de 2016, mudando apenas a partir do mês de maio de 2017. Vejamos agora, a **Figura 4:**

Figura 4: Recorte do Monitor de Secas para o estado de Alagoas



Fonte: Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos, 2018

O Monitor de Secas do Nordeste, observando o Estado de Alagoas, para o mês de dezembro de 2017, em contraponto ao mês de dezembro de 2016, anos que compõem um quadro de uma grande seca (retomaremos sobre esse mais à frente), mostra que uma área de cerca de 65% do estado encontra-se sem seca de grandes impactos, consequência das chuvas intensas dos meses de maio a agosto, período em que ocorreu recarga hídrica substancial em parte considerável do estado. Entretanto, uma área de 28% do estado de Alagoas (área em amarelo) está com seca de intensidade fraca (S0), dado “característico de região que está saindo da seca e uma faixa de 7% no extremo oeste do estado, no Alto Sertão, ainda se encontra com seca moderada” (PINHO et al., 2018, p. 5), como mostra a **Figura 4**.

De acordo com essa mapa de monitoramento das Secas no Estado de Alagoas (**Figura 4**), podemos observar que os municípios Pariconha, Delmiro Gouveia, Água Branca e Mata Grande são regiões mais propensas às secas, que variam entre Seca Moderada (S1) (área em laranja claro) e Seca Grave (S2) (área em laranja escuro), com duração de impacto de Curto e Longo prazo (CL), com diminuição ou perda das culturas, ao contrário da metade do leste do estado (área em branco), que teve os impactos de curto prazo excluídos da região semiárida. Conforme Pinho et al. (2018, p. 5), os dados acima mostram que “os volumes de chuvas que foram registrados nos meses de inverno foram suficientes para excluir as áreas de secas com intensidades moderada (S1) e fraca (S0)”. Trouxe aqui esses exemplos porque acredito ser

importantes para entendermos que a seca não é um evento ocasional, mas que ela existiu e sempre existirá no Nordeste e sertão, e que, ser um fenômeno climático, sofrerá variabilidade em seus níveis de intensidade de severidade à medida que ocorrer. Partindo dessa compreensão, podemos entender como o discurso da seca e do sertão é construído nos gêneros que compõem o *corpus* deste trabalho.

No tocante ao Monitor de Secas, Martins et al (2016) esclarecem que esse visa

[...] tanto à preparação como à resposta aos efeitos das secas, a partir da indicação da severidade da seca e sua tendência de duração [...]. Este processo serve como base e mecanismo de apoio à política de seca proativa e de gestão. Na sua forma mais visível, o monitor tem a intenção de produzir, neste primeiro momento, um mapa mensal que descreve o estado atual da seca em toda a região de acordo com as categorias de seca apresentadas na Tabela. Este processo fornece uma definição mais sutil e objetiva de seca de acordo com um protocolo que pondera diferentes indicadores em um índice composto para todo o Nordeste, sendo o nível de severidade da seca objeto de validação local (MARTINS et al., 2016, p. 67).

É importante salientar que há vários fatores além do climático (como a baixa incidência de chuva) para agravar os níveis de intensidade de uma seca, ocasionando que esta se prolongue por muito tempo. Entre os muitos problemas estão o aumento da população no semiárido nordestino brasileiro, as queimadas da vegetação, que resultam na desertificação do bioma Caatinga, e a falta de políticas públicas efetivas de convivência com a seca, assim como medidas de conscientização destinadas à população para o manejo racional dos bens naturais.

Como a seca é um fenômeno climático, com maior incidência na região Nordeste, essa por sua vez está ligada também ao fenômeno *El Niño*, que tem como uma de suas características alterar os fatores climáticos, como, por exemplo, os índices pluviométricos, podendo intensificar os efeitos da seca no nordeste brasileiro, principalmente nas regiões semiáridas. Ou seja, a presença do fenômeno *El Niño* tem como efeito causar o aquecimento fora da normalidade, inibindo “a produção de chuva no Nordeste brasileiro” (COSTA et al., p. 17). De acordo com Costa (2017),

[...] a mudança nos padrões de precipitação não apenas aponta no sentido de que as chuvas se concentrem em poucos eventos com grande precipitação concentrada, mas também que se aponte para uma tendência de prolongamento dos períodos secos. [...] Políticas públicas devem evidentemente ser construídas de forma coerente com esse quadro, especialmente em regiões mais vulneráveis como é o caso do semiárido nordestino (COSTA, 2017, p. 12).

No tocante às políticas públicas, de acordo com Campos (2014, p. 65 *apud* HEIDMANN, 2006, p. 29), essas “são as ações, práticas, diretrizes fundadas em leis e empreendidas como funções de Estado por um governo, para resolver questões gerais e específicas da sociedade”. No entanto, as políticas públicas que dizem respeito ao semiárido nordestino durante décadas foram produzidas como alternativas de **combate à seca**. O “combate à seca” estava diretamente vinculado ao imaginário dos nordestinos, pois se acreditava que a presença da seca era a ausência da chuva. Sendo assim, essa ideia serviu como mote para que as elites locais solicitassem o agenciamento do Estado para solucioná-las.

Todavia, é importante salientar que a seca só foi entendida pelo governo e a sociedade como um problema nacional a partir do registro da grande seca de 1877-79, que foi vista como tendo ocasionado, por si só, a morte de grande parte da população na época, embora existam registros de seca desde o período colonial, que datam dos anos de 1551, 1552 e 1583 (PASSADOR et al., 2007; LIMA e SANTAELLA, 2017). Em seguida, outras secas com mais intensidade foram sendo registradas, datando dos séculos XVII, XVIII, XIX, XX e XXI (SILVA et al., 2016; MAGALHÃES, 2016).

No período de 2009 a 2017, por exemplo, a região Nordeste vivenciou um quadro de uma grande seca, com índices de precipitação abaixo da média, com grandes impactos para região. A seca então foi registrada com maior intensidade nos anos “2012, 2014, 2015, 2016 e 2017” sendo esses considerados como anos secos, 2009, 2010 e 2011 sendo considerados como anos chuvosos e 2013 sendo considerado como um ano normal, ou seja, em que não houve grandes impactos da seca, segundo Martins et. all (2017). Ainda de acordo com o mesmo autor, essa seca, denominada de ‘plurianual’, marcou o “quadriênio mais crítico em termos de totais de chuva” no Nordeste, indo de 2012 a 2015, desde 1911 (MARTINS e MAGALHÃES, 2015, p. 108). Considerando esse período, Martins et al. (2017) explicam que

[...] apenas em 2011 houve índices pluviométricos que não seriam enquadrados em uma condição de seca meteorológica em boa parte dos Estados do Nordeste, tendo as maiores chuvas ocorrido nas unidades da Federação localizadas na porção norte daquela área do País (MARTINS et al., 2017, p. 19).

Voltando ao que diz respeito às políticas públicas no semiárido/sertão/Nordeste, de acordo com Campos (2014), ao longo do tempo, desde a grande seca de 1877-79, as políticas públicas destinadas a essa região foram sempre de combate à seca, não de convivência com a

seca. Sendo assim, para um melhor entendimento, a história das políticas públicas foi dividida por períodos por alguns autores, a fim de entender os processos dos agenciamentos. Nesse sentido, para que possamos compreender tais processos, trago a proposta de periodização de Campos (2014), na qual as políticas públicas estão divididas em 5 períodos. O primeiro é denominado *Defrontando-se com as secas* (1583-1848), ainda no período Brasil Colônia, e marca o momento no qual o governo e a sociedade reconhecem as secas como um ‘problema’. Esse período é importante no sentido de que ele marca os primeiros registros de seca na região. No entanto, é importante frisar que nesse período ainda não havia uma preocupação em desenvolver políticas públicas destinadas às secas, entretanto o problema das secas foi reconhecido, principalmente pelo o aumento da população. De acordo com Campos (2014, p. 68), “com a ocupação dos sertões surgem os registros das secas com maiores impactos sociais e econômicos”.

O segundo período “*A busca do conhecimento*” (1849-1877) é marcado por buscar conhecer o problema da seca, que se dá em 15 de dezembro de 1849, momento em que o imperador Dom Pedro II abre o Paço Imperial para que a elite e o mais alto poder político do país pudessem discutir os problemas brasileiros nas sessões do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). De acordo com Campos (2014), muitos eram os focos discutidos nas reuniões do IHGB. No entanto, primeiramente foi discutido se as secas eram, ou não, um problema nacional que carecia de políticas públicas. Conforme o autor, a aceitação da tese que entendia a seca como um problema só veio a ser aceita depois das tragédias que ocorrem com a grande seca de 1877-79.

O terceiro período chamado de *A hidráulica da solução* (1877-1958) é marcado pela política de aumento de oferta de água. Nesse, durante o período republicano, o governo federal executava ações propostas pela Comissão Imperial que pudessem combater a seca na região. No entanto, foi a criação de instituições federais que representou um grande avanço na busca de soluções para o problema da seca. Tais instituições discutiam o desenvolvimento da sociedade ‘nortista’ e o fornecimento de água na região, sendo considerado um grande marco a criação da Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), em 1909. Assim, para desenvolver ações na e para a sociedade eram indispensáveis o fornecimento de água. Entre as ações direcionadas à região duas eram consideradas principais: 1) a açudagem e 2) a importação de rios perenes, no caso o São Francisco. No entanto, segundo Campos (2014), a segunda alternativa na época não era viável por falta de recursos, ficando em segundo plano.

O quarto período marca *A política do desenvolvimento em bases regionais* (1959-1991). Nesse momento, buscou-se repensar as políticas públicas contra as secas e, como

resultado das discussões que permeavam essa problemática, foi fundada a Superintendência de desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), em 1959, por Celso Furtado, para discutir o problema do desenvolvimento regional, refletindo a questão estrutural da terra e das desigualdades regionais, assuntos debatidos por cientistas, técnicos, políticos e empresários.

Já o quinto e último período, *O gerenciamento das águas e as políticas sociais* (1992), foi o momento em que se formulou a Agenda 21. De acordo com Campos (2014), esse foi o período em que a formulação das políticas públicas passou a sofrer influências dos grandes eventos mundiais, consensos de associações técnicas e científicas. Tendo em vista os problemas que a sociedade vinha enfrentando com os desastres ambientais que estavam ocorrendo, o tema “meio ambiente” passa a integrar os debates mundiais sobre o desenvolvimento e, assim, passam a ser abordadas as mudanças e variabilidades climáticas; a desertificação e a gestão racional das águas. Nesse período, é criada pela Organização das Nações Unidas (ONU) a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD).

Conforme Campos (2014) explica, a questão do semiárido brasileiro foi incorporada na Conferência Internacional sobre Variações Climáticas e Desenvolvimento Sustentável em Regiões Semiáridas (ICID), uma reunião que aconteceu em Fortaleza, no ano de 2012, que gerou documentos que passaram a integrar a Agenda 21. De acordo com Campos (2014), as políticas das secas são abordadas na Agenda 21 em três capítulos 1) O Capítulo 3, que trata do combate à pobreza, 2) o Capítulo 12, que aborda o manejo de ecossistemas frágeis e a luta contra a desertificação e a seca, e 3) o Capítulo 18, que trata da proteção da qualidade e do abastecimento dos recursos hídricos com aplicação de critérios integrados no desenvolvimento, manejo e no uso da água.

Conforme esse percurso traçado por Campos (2014), o que se percebe é que todas as ações que eram direcionadas para a região Nordeste e o semiárido eram sempre pautadas em um discurso de combate ao fenômeno seca, não refletindo em nenhum momento políticas públicas de convivência com o semiárido.

Como dito anteriormente, o discurso da seca é uma construção imagética instituída historicamente por uma parte privilegiada da população da região Nordeste. Assim, as políticas públicas destinadas, a princípio, para o combate à seca, passavam pela supervisão das elites locais, quando não eram por elas formuladas, pois, era (ainda é) importante que essas políticas privilegiassem principalmente os grandes produtores locais de cana de açúcar e algodão, já que seus bens eram, em grande medida, maiores e precisavam ser mantidos, conservados e, principalmente, expandidos. Assim, as políticas de combate à seca vêm

somando ao longo do tempo títulos de ineficiência. Desde o período colonial, o tratamento com as políticas públicas tem seguido uma dinâmica hegemônica, no modelo “moeda de troca” político-eleitoral, predominante até os dias atuais.

Seguindo sempre o plano de combater à seca no semiárido nordestino, programas como PROTERRA (1971), PROVALE (1972), POLONORDESTE (1974), PROJETO SERTANEJO (1976), PROHIDRO (1979), PROINE (1986) (PASSADOR et al., 2007), entre outros, que se seguiram ao longo dos anos, indicam que a intervenção do Estado tem se mostrado ineficiente, isso porque o plano sempre esteve voltado para o combate ao fenômeno seca e não para o de convivência com o semiárido. Aliás, as intervenções se davam apenas durante os períodos de calamidade climática, isto é, durante os anos de seca forte na região, pois não se via/vê ações de políticas públicas destinadas para a prevenção durante os períodos de menor estiagem, como observado em Campos (2014).

Sendo assim, quando passado o período de seca forte, tudo voltava à “normalidade”. Os produtores voltavam a plantar, a criar rebanhos etc., e as obras que foram iniciadas, tais como as escavações de poços, açudes e irrigação, entre outras, e não concluídas durante o período de seca, eram totalmente esquecidas, mostrando a negligência por parte dos governos; e as verbas destinadas às obras eram desviadas pelo poder público com o auxílio da elite local, como ocorrido com a *Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste* (SUDENE), que “foi extinta em 2001, após denúncias de desvios de dinheiro (R\$ 2,2 bilhões) destinado a projetos de desenvolvimento da região, conforme matéria publicada pela Folha de São Paulo, em 28 de julho de 2003” (LIMA e SANTAELLA, 2017, p. 29).

O discurso da seca é válido até os dias atuais porque atribui ao poder público local um grande investimento em capital, investimentos que são distribuídos em vários projetos que deveriam, por sua vez, assistencializar a camada popular. Porém, durante décadas, têm só beneficiado um grupo abastado da sociedade nordestina. Com base na pesquisa de Bastos (2016, p. 187), analisando recursos destinados ao pacote renovado de políticas de combate à seca, a partir de abril 2013, foi constatado investimentos nos valores de 643, 5 milhões na Operação de Carros Pipa; 640,000 milhões em Cisternas de Produção; 804,1 milhões na ação Bolsa Estiagem, entre tantos outros investimentos que somaram ao todo 9,043 bilhões de reais.

No tocante a isso, é provável nos perguntarmos: como tanto investimento é destinado à região Nordeste para o combate à seca e a seus efeitos, desde o final do século XIX até o século XXI, e, até agora, a seca não foi combatida e ainda milhares de famílias, em vários municípios dos estados nordestinos, se veem na miséria? É simples: a seca não pode ser

combatida porque ela é uma característica do semiárido nordestino, um fenômeno natural. Logo, ela sempre fará parte da rotina do(a) nordestino(a), do(a) sertanejo(a) e do(a)s alagoano(a)s, ou em seus níveis mais fracos ou em seus níveis mais elevados. Ou melhor, em uma região semiárida a “seca” não existe, dada à natureza do espaço.

Nesse sentido, o discurso da seca sempre esteve ligado às relações de poder desde o período Brasil Colônia. Entretanto, a grande seca de 1877 foi o estopim para que as oligarquias fizessem com que o povo nordestino se constituísse como eternos dependentes do poder público, gerando, assim, os estereótipos de um lugar pobre, miserável, de gente atrasada, infeliz, dependente do outro; o lugar das secas e das mazelas.

Portanto, não podemos ficar presos aos dados pluviométricos, considerando a seca um elemento perverso que destrói a vida humana. Não é a seca que precisa de políticas públicas, mas o *déficit* hídrico, para que com ele possa haver convivência. Os dados alocados até aqui mostram que não devemos ignorar o histórico da seca, em especial a seca de 1877-79, e os discursos que se construíram em torno desta, os quais até os dias atuais narram por um viés fatalista a realidade do Nordeste/Sertão/Semiárido. Nys et al (2016, p. 53) afirmam que se faz necessário “uma abordagem mais proativa e um arcabouço institucional mais estável para lidar com esse fenômeno”.

Sendo assim, vimos neste capítulo que a região Nordeste nasce a partir de uma construção imagético-discursiva permeada por relações de poder em que o discurso da seca manteve e ainda mantém estereótipos que constroem o Sertão/semiárido/Nordeste, bem como os nordestinos(as) e sertanejos(as) nas várias esferas da atividade humana. Neste também refletimos acerca das políticas públicas e como essas são importantes não para combate à seca, mas para o convívio com o fenômeno no semiárido, tendo em vista que tais políticas ajudariam em uma mudança de concepção de Nordeste/sertão e dos nordestinos/sertanejos e conseqüentemente de alagoanos(as)/delmirenses. Para minha pesquisa, foi imprescindível fazer esse percurso para compreendermos quais concepções de Nordeste/Sertão/semiárido estão sendo construídas nos gêneros discursivos *outdoor* e *folder* aqui em análise, já que se trata de enunciados que constroem uma visão de mundo, logo, uma visão de alagoano(na)/delmirense.

CAPÍTULO 04

**A CONSTRUÇÃO ENUNCIATIVO-DISCURSIVA DA SECA E DO SERTÃO
ALAGOANO EM *OUTDOOR* E *FOLDER***

Como dito nos capítulos anteriores desse trabalho, o *corpus* construído para análise dessa pesquisa é constituído por dois gêneros discursivos: o *outdoor* e o *folder*. Com essa escolha, busco entender como a seca é nomeada e caracterizada e quais os sentidos de sertão são construídos nesses gêneros discursivos, buscando sempre compreender quais as intenções do sujeito que enuncia (o “eu”) e para quem enuncia (o “outro”), em que tempo e espaço esses discursos foram construídos e quais intenções de sentido sobre Sertão/Semiárido/Nordeste são mobilizadas nesse gênero, observando se e quais discursos anteriores sobre a seca, o sertão, o semiárido e o nordeste são mobilizados nesses gêneros.

Sendo assim, neste *quarto capítulo*, o último deste trabalho, é feita a análise do *corpus*, a qual segue um paradigma epistemológico interpretativista, que possibilita me aproximar do meu objeto de estudo. Antes das inferências, é relevante lembrar como já mencionado anteriormente, a importância de reconhecer o gênero discursivo de um texto, quais suas características e qual a sua finalidade, quais sejam, quem está enunciando e para quem enuncia, qual a função social desse gênero e quais usos linguísticos foram empregados. Busco tratar dessas características no decorrer deste capítulo.

4.1 Abordagem metodológica

Inserida no campo da Linguística Aplicada (LA), guiada pelo paradigma interpretativista de fazer pesquisa, que não busca generalizações ou mesmo estabelecer relações de causa e efeito, mas interpretar fenômenos sociais contextualizados, minha pesquisa caracteriza-se como qualitativa, contrapondo-se ao modo quantitativo, cartesiano-positivista, de fazer ciência, tal como já discutimos em capítulos anteriores.

Sendo assim, é importante salientar que meu procedimento de análise considera a língua(gem) numa perspectiva bakhtiniana de enunciação, que leva em conta o “eu” e o “outro” discursivos, que são considerados situados histórica, cultural, política, social e ideologicamente. Meu procedimento segue orientado pela concepção dialógica da linguagem,

partindo da ideia da *etnolinguística da fala viva*, que não considera a língua como algo abstrato, cristalizado e morto.

Nesse sentido, sigo os passos metodológicos de análise linguístico-discursiva em perspectiva bakhtiniana, descritos por Rojo e Barbosa (2015), quais sejam: 1) identificar as condições concretas em que se realiza a interação verbal e não verbal; 2) verificar as formas de enunciação, ou seja, os gêneros discursivos e 3) examinar as formas de uso da língua. Ainda levo em conta a discussão feita por Rajagopalan (2003), no que se refere às noções de designação, caracterização, nomeação e predicação na produção de sentido e na construção discursiva sobre a ‘seca’, entendendo com esse pesquisador que o ato de nomear implica posições de sujeitos situados histórica, cultural, social, política e ideologicamente, que implica, conseqüentemente, que esses sujeitos possuem diferentes visões de mundo, o que resulta em nomeações também diferentes. Desse modo, o ato de nomear já atribui características e acarreta predicações.

Como problematizada nos capítulos anteriores, a “seca”, para além de um fenômeno climático, é uma construção discursiva, construída historicamente no imaginário da população, principalmente nordestina/sertaneja, como mecanismo de manutenção do poder do Estado (poder local), para dominação desse grupo social, como visto em Albuquerque Jr. (2011; 2017a; 2017b). Essa operação discursiva e performativa⁵ por anos foi se materializando e sendo (re)produzida em vários gêneros discursivos das mais variadas esferas da atividade humana, sendo sempre reforçada, principalmente pelo discurso midiático.

Por meio desses discursos, a região Nordeste/sertaneja passou a ter características marcantes, que conseqüentemente resultam em juízo de valor sobre essa região e aos sujeitos que nela residem, como, por exemplo, o aspecto de uma região extremamente seca; seca pela ausência de água, pela falta de chuva, pelo sol escaldante e castigador que reflete em sua vegetação, no desenvolvimento social e econômico e, principalmente, refletindo diretamente na vida de nordestinos/as e sertanejos/as, de maneira física e psicológica.

Nos discursos tradicionais a respeito do Nordeste e seus sujeitos, a seca sempre apareceu e aparece como uma vilã, não como um fenômeno climático da região semiárida, que, por sua vez, sofre variações de intensidade como vimos na **Figura 2** presente no terceiro

⁵ Para compreender a noção de performatividade ver “Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade”, de Judith Butler (2017 [1990]). A autora usa a noção de performatividade para compreender gênero e sexualidade como atos performativos como construções históricas, sociais e discursivas. Para ela, “sexo passa a ser também uma categoria social e culturalmente construída, e gênero, uma categoria performativamente construída”. Ver também Moita Lopes (2013) “Como e por que teorizar o português: recurso comunicativo em sociedades porosas e em tempos híbridos de globalização cultural”, trabalho em que o autor reflete a noção de *performances identitárias* como “construídas no aqui e agora” (p.109), partindo da compreensão de “performatividade”, vista em Butler (1990).

capítulo deste trabalho. Nas enunciações discursivas orais e escritas, a ‘seca’ é a própria personificação do ‘mal’ e a sua imagem só retrata a morte, a miséria, o sofrimento, a fome, a sede e a tristeza; e todas essas imagens definem, nesses discursos, o sertão e os/as sertanejo/as de maneira estereotipada. Nessa perspectiva, Albuquerque Jr. (2011) explica que, “[...] o estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo” (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 30).

Sendo assim, é importante continuarmos a nos questionar a quem interessa o insistente e repetitivo discurso da seca. A fim de responder a essa indagação, foi escolhido como *corpus* para análise deste trabalho dois gêneros discursivos, quais sejam o *outdoor* e o *folder*, ambos pertencentes à esfera publicitária, com o propósito de compreender como se dá (ou não) a construção dos discursos sobre a ‘seca’ em enunciados concretos. Estes gêneros, por sua vez, caracterizam-se como gêneros secundários, dado a sua complexidade, tendo em vista que estes “[...] surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o “escrito”) [...]” [aspas nossas] (BAKHTIN, 2011, p. 263).

Para tanto, a fim de compreender o *corpus* em análise, foi preciso fazer um recorte na definição territorial onde se deu a ocorrência desse fenômeno climático. Sendo assim, observamos a cidade de Delmiro Gouveia, localizada no alto sertão de Alagoas, na qual os gêneros *outdoor* e *folder* circularam. O objetivo de fazer esse recorte territorial é delimitar o objeto para compreender este fenômeno produtor de efeitos de sentido nas variadas conjunturas dos mecanismos de poder econômico, cultural e social por meio da língua(gem).

Destarte, esta pesquisa, ao buscar analisar a construção linguístico-enunciativo-discursiva do fenômeno “seca”, permite-nos o acesso à compreensão de como os produtores dos discursos, a partir de seus enunciados, se constroem e se relacionam com/no mundo partindo do uso da língua(gem), que está diretamente relacionada com as práticas sociais, no caso relacionada à (re)construção e à (re)produção ou não de estereótipos sobre a região Nordeste/sertaneja/semiárida, especificamente sobre o sertão alagoano.

Desse modo, identifico a esfera da atividade comunicativa a que pertencem o *outdoor* e o *folder*, qual seja, a esfera publicitária (como mencionado anteriormente); faço a análise das características e funções dos gêneros discursivos constituintes do *corpus* a partir dos trabalhos de Abaurre et al (2013), Rojo e Barbosa (2015); e sigo para análise dos recursos linguísticos e não linguísticos, de construção multimodal, discutida em Santos Filho (2016) e

Dionísio (2007), a fim de compreender a construção de efeitos de sentido sobre a região em que esses gêneros circulam; e Bakhtin (2011) para o estudo da complexidade do meu *corpus*.

É por esse viés que podemos compreender as práticas discursivas como enunciações concretas, pois “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos)” (BAKHTIN, 2011, p. 261). Assim, é importante salientar que os gêneros discursivos não são inertes, isto é, eles podem mudar em função de determinadas necessidades, compreendendo-se, então, que estes, por sua vez, são situados ideologicamente, posto que há uma intencionalidade sobre os sentidos que se quer produzir e para quem se quer produzir. Em vista disso, Rojo e Barbosa (2015) esclarecem que as práticas discursivas, as práticas sociais e as atuações humanas não acontecem na sociedade de forma desorganizada. Pelo contrário, estas se dão de maneira organizada, de forma diversificada em esferas da atividade humana, que por sua vez são esferas de valor diferente, principalmente as que se referem aos “princípios éticos e aos valores”.

Nesse sentido, é importante que saibamos com qual gênero discursivo estamos nos deparando, pois cada gênero tem sua função social, ou seja, gêneros diferentes possuem características diferentes, que por sua vez estão situados em esferas distintas. Ou seja, cada gênero discursivo “corresponde a certos padrões de composição de texto determinados pelo contexto em que são produzidos, pelo público a que eles se destinam, por sua finalidade, por seu contexto de circulação, etc. [...]” (ABAURRE et al., 2013, p. 308). Ao ter esse conhecimento, entendemos quais as intenções do “eu” que enuncia e para quem enuncia, e assim, podemos levantar inferências sobre os sentidos que ali foram propostos, observando suas escolhas, o porquê delas e não de outras.

Sendo assim, para a compreensão da análise do nosso *corpus*, é importante considerar o que nos direciona Santos Filho (2012), em perspectiva bakhtiniana, percebendo que esse pesquisador também dialoga com os passos metodológicos citados anteriormente, em Rojo e Barbosa (2015). De acordo com este autor, é importante entender que o texto é um enunciado, ou seja, uma ‘fala’ que parte de um ‘eu’ para um ‘outro’. Sendo assim, é imprescindível identificar também este ‘outro’ com quem o ‘eu’ dialoga, ou seja, identificar seu “perfil psicossocial”. Para isso, é importante sabermos qual o “gênero discursivo”, sua “função” e o “veículo de circulação do texto/enunciado/gênero”, pois, só assim podemos compreender os usos linguísticos utilizados pelo enunciador.

Posto isso, se faz necessário para uma melhor compreensão dos gêneros discursivos aqui escolhidos, a reflexão da esfera da atividade humana a qual esses gêneros estão situados. Como mencionado anteriormente, cada gênero discursivo possui características distintas, logo

a sua função social também é diferente e, conseqüentemente, as esferas pelas quais o discurso da seca circula também são diferentes, podendo este aparecer na esfera literária, midiática, publicitária, entre outras. Sendo assim, no próximo tópico discuto a respeito da “esfera publicitária” e, por fim, realizo a análise do *corpus*.

4.2 A esfera publicitária

Na sociedade contemporânea, são diversas as esferas da atividade humana nas quais circulam e são produzidos os mais variados gêneros. Estes podem estar presentes em jornais, revistas, cartazes informativos, *outdoors*, internet entre outros.

Sendo assim, primeiramente é importante salientar que os gêneros que compõem o *corpus* desse trabalho pertencem à esfera publicitária. Posto isso, no tocante à esfera de comunicação, entende-se com Trindade (2005) que desde o século XIX a publicidade tem nos acompanhado, sendo ela propulsora no processo de expansão da economia em escala global. Por isso, observa-se que o discurso nos gêneros dessa esfera se dá de maneira variada, sempre divulgando um produto, um evento, uma marca, entre outros, objetivando sempre persuadir e convencer o “outro” com quem fala.

Tendo em vista que o discurso publicitário visa estimular a produção de consumo de algo (produto, serviço, marca entre outros), logo a linguagem publicitária geralmente visa ser clara e objetiva, para uma fácil leitura, podendo comportar linguagem verbal e não-verbal, permitindo aquele que enuncia fazer uso de imagens, cores, formas etc. Geralmente, nesses textos, a linguagem não-verbal predomina, podendo também fazer parte da composição de tais gêneros recursos estilísticos como metáforas e hipérboles, linguagem figurada, entre outras, para gerar diferentes efeitos de sentido para quem está se direcionando tais enunciados.

Nesse sentido, Trindade (2005) reflete sobre o poder da linguagem da publicidade, explicando que a linguagem publicitária por combinar vários signos (o verbal e não-verbal) possibilita, no caso da linguagem não-verbal, “[...] formas universais de comunicação, como as imagens que, de certa forma, garantem maior possibilidade de chegar-se a um código comum entre consumidores de culturas e línguas distintas (TRINDADE, 2015, p. 88).

Ainda de acordo com o mesmo autor, embasado nas ideias de Mattelart (1989),

[...] a publicidade como um discurso ficcional cria representações da realidade, mas também constrói realidades que cercam os indivíduos,

submetendo-os a um bombardeio de marcas, produtos, serviços, *slogans*, imagens que estão em toda parte nos espaços coletivo e privado (TRINDADE, 2005, p. 88).

Logo, ao tratarmos dos discursos sobre a seca e o sertão nos gêneros discursivos *outdoor* e *folder*, compreendemos que os enunciados estudados não representam, mas constroem o sertão/sertanejo, os alagoanos/as e os delmirenses, tal qual como foi o Nordeste construído, a partir de estereótipos vinculados ao discurso da seca. Tal reflexão feita por Trindade (2005) dialoga com a nossa concepção de língua discutida no segundo capítulo, em que entendemos que por meio da língua(gem) construímos a nós, o outro, o mundo e tudo que está a nossa volta, inclusive a própria língua, pois se entende que a língua(gem) contribui para a formação de espaços sociais. Assim, ao enunciar sobre o sertão e o semiárido alagoano, o enunciador constrói para si e para o outro aquilo que ele já tomou como realidade por meio das várias construções e reconstruções de Nordeste via diversos discursos, neste caso, aquilo que ele entende que é o Nordeste, o sertão, o semiárido e os sujeitos desse espaço e, assim, reconstroem realidades.

Entendemos que os discursos em seu processo de construção (enunciação) são produzidos na articulação das categorias sujeito, espaço e tempo, compreendendo que aquele que enuncia (o “eu”), enuncia algo a alguém (o “outro”) na tentativa de gerar efeitos de sentido sobre a vida e o mundo e que tais enunciações estão situadas em um determinado contexto histórico, social, cultural e ideológico. Assim, Trindade (2005) argumenta que

o discurso publicitário, mais do que os outros discursos, ao ganhar materialidade nas categorias descritas, consegue traduzir no seu universo representativo novas formas e valores simbólicos atribuídos a essas categorias, que remetem ao estado atual de valores e da estética vigente no sistema capitalista global, que se refletem na cultura, na vida cotidiana, ou seja, no redimensionamento da dinâmica social do indivíduo/sujeito nos espaços e no seu tempo do mundo contemporâneo (TRINDADE, 2005, p. 83).

Neste sentido, entendemos que na esfera publicitária a linguagem que predomina é a do mercado, pois sempre se está buscando vender um produto, uma ideia, uma marca, entre outras. Os textos dessa esfera têm como finalidade produzir efeitos de sentidos específicos em quem os lê, que neste caso é convencê-los a “comprar” aquele produto que está sendo divulgado. Uma observação sobre os gêneros discursivos dessa esfera é que os enunciados sempre comportarão características, aspectos, sobre o público a qual se dirige. Sendo assim,

partimos agora para análise do *corpus* que compõem minha pesquisa para que possamos melhor entender tais aspectos.

4.3 Leitura enunciativo-discursiva dos gêneros discursivos *Outdoor* e *Folder*

Os gêneros discursivos aqui analisados foram selecionados em junho de 2017, a partir de alguns critérios que seriam pertinentes para esse estudo, no caso, o discurso da seca, do sertão, do semiárido e do Nordeste, bem como pela presença de recursos linguísticos e não linguísticos utilizados no texto que me chamaram a atenção.

Dessa maneira, seguindo a perspectiva de leitura enunciativo-discursiva, analiso textos publicitários que se constituem como parte do *corpus* deste trabalho. Essas enunciações circularam no município de Delmiro Gouveia-AL, sertão alagoano, pertencentes ao evento **Seminário de Oportunidades do Semiárido Alagoano**, organizado pelo *Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas* (SEBRAE), que teve como tema central **O Sertão vai virar um mar de negócios**.

Logo, é importante salientar que esse evento teve realização na Universidade Federal de Alagoas-Campus Sertão, com início no dia 25 de maio, das 18h às 22 horas e com término no dia 26 de maio de 2017, das 8h da manhã às 13horas da tarde, com a finalidade explicitada de proporcionar discussões sobre a melhoria dos eixos do agronegócio, turismo e o incentivo ao desenvolvimento das competências que envolvem “terra”, “gente”, “cultura” e “tradições”. É importante ressaltarmos também que o mês de realização do seminário antecede as festas juninas na região; logo, o momento torna-se propício para os produtores do evento sua divulgação, tendo em vista a temática proposta.

Iniciando as inferências, tratando do discurso publicitário, este pertencente aos gêneros *outdoor* e *folder*, que visa atingir um maior público para o evento, principalmente empreendedores, estando entre esses empresários da região, comunidade acadêmica da UFAL/Campus Sertão, produtores agrícolas, artesãos e o público em geral. Cabe o importante questionamento: quem é o “eu” que enuncia? O “eu” enunciador, aqui é identificado como o SEBRAE, tendo em vista que esse é quem propõe o evento. Nesse sentido, percebemos que o “eu” não abre mão de utilizar enquanto meio para a divulgação do seminário, além dos *folders* distribuídos, o gênero discursivo *outdoor*, que tem como suporte a placa e, que por sua vez, caracteriza-se pelo poder de persuasão sobre o outro discursivo. Vejamos a **Figura 5**:

Figura 5: Registro fotográfico do *outdoor*, em 13 de junho de 2017, posto às margens da rodovia AL-145, próximo à Universidade Federal de Alagoas-Ufal/Campus Sertão.



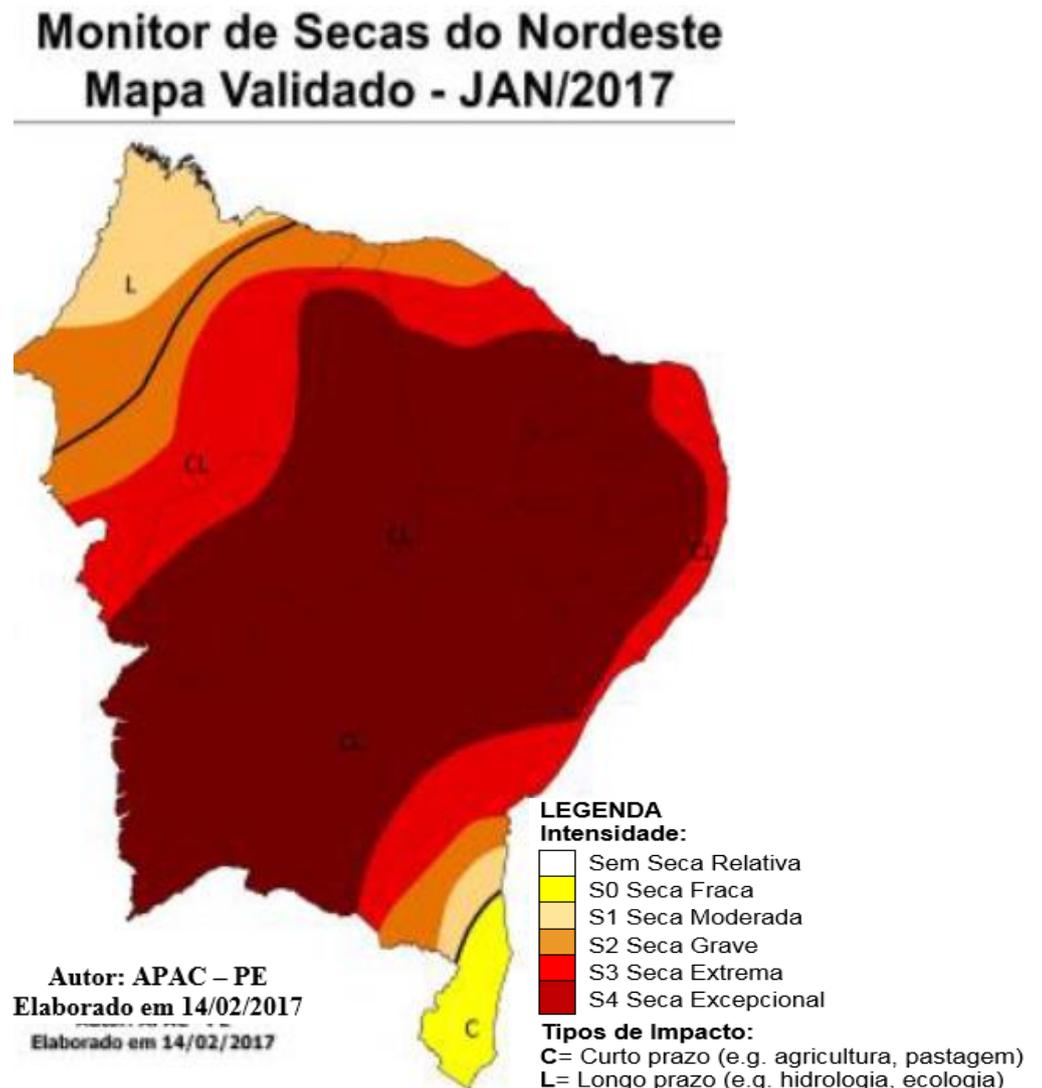
Fonte: Acervo particular do Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho.

Esse registro fotográfico do *outdoor* foi feito em 13 de junho de 2017, quando o *outdoor* estava posto às margens da rodovia AL-145, próximo à Universidade Federal de Alagoas-Ufal/Campus do Sertão. Nesse contexto social, o sertão/semiárido e, conseqüentemente, o Nordeste é pensado via estereótipos. Mesmo passando-se muito tempo desde a grande seca de 1877-79, marco histórico em que começaram a se utilizar do discurso das secas para o agenciamento financeiro, o qual instituiu a região Nordeste, de acordo com Albuquerque Jr. (2011; 2017), podemos perceber que o sertão alagoano, especificamente a cidade de Delmiro Gouveia-AL, é imaginada como um lugar de seca, de improdutividade, de pobreza e sofrimento. Logo, os habitantes dessa região também são encarados como pessoas sofridas, pobres e sem perspectivas, características retomadas e que remetem aos retirantes das grandes secas, os êxodos rurais, como na discussão feita no terceiro capítulo deste trabalho.

Como evidenciado no capítulo anterior, e aqui é importante ressaltar, para uma melhor análise do *corpus*, o Nordeste, no ano de 2017, sofria de uma seca plurianual, uma das maiores dos últimos anos, de 2010-2012 a 2015-2017, desde o século XIX, momento em que se iniciaram os registros do fenômeno seca. Sendo assim, posto o que até aqui foi salientado, vemos a partir de alguns registros do Monitor de Secas do Nordeste, os níveis de precipitação ocorridas na região Nordeste, analisando os meses de janeiro, fevereiro, março e abril de 2017

e abril de 2019, com foco para o estado de Alagoas. Assim, observamos os níveis de severidade da seca, considerando a seca física, ou seja, aquelas com impactos nas culturas, pastagens e reservatórios. Vejamos as figuras do Monitor de Secas (2017) que seguem

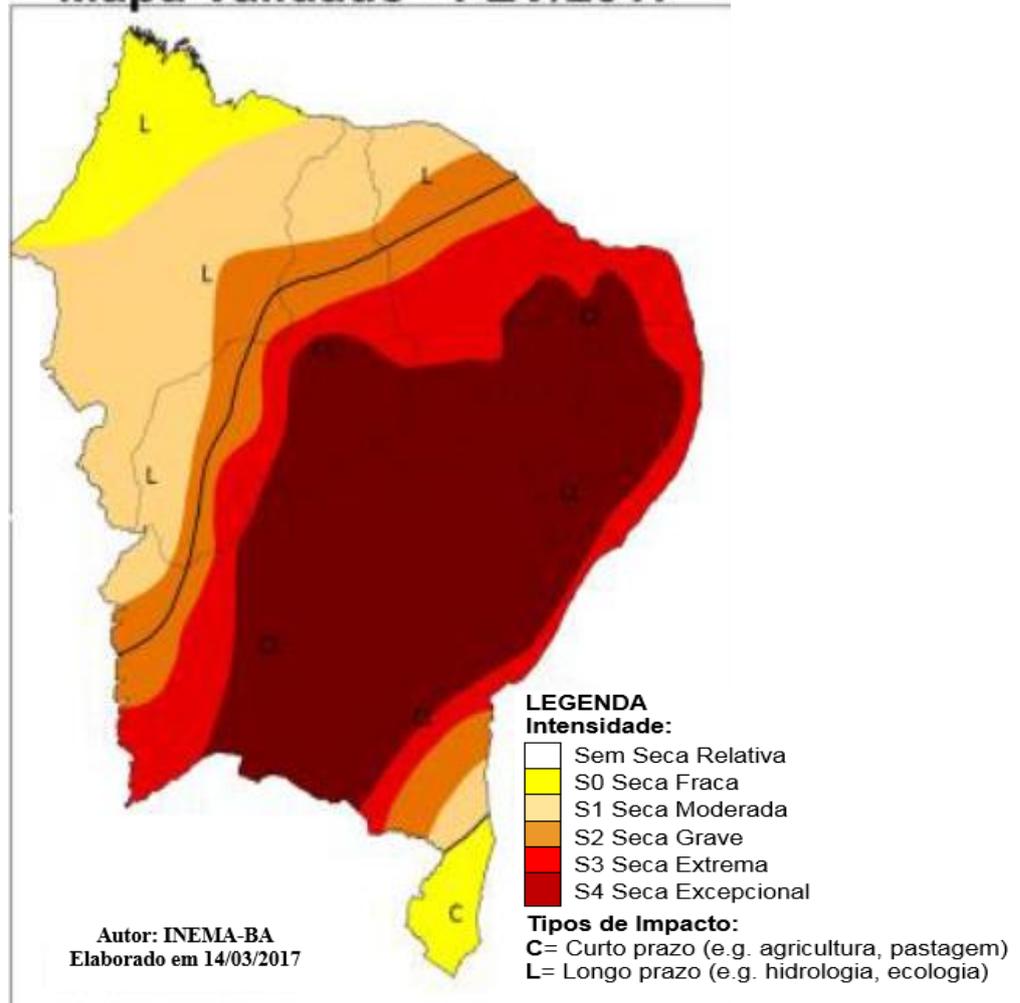
Figura 6: Mapa Validado do Monitor de Secas do Nordeste: janeiro/2017



Fonte: < <https://www.nugeo.uema.br/?p=7746> >

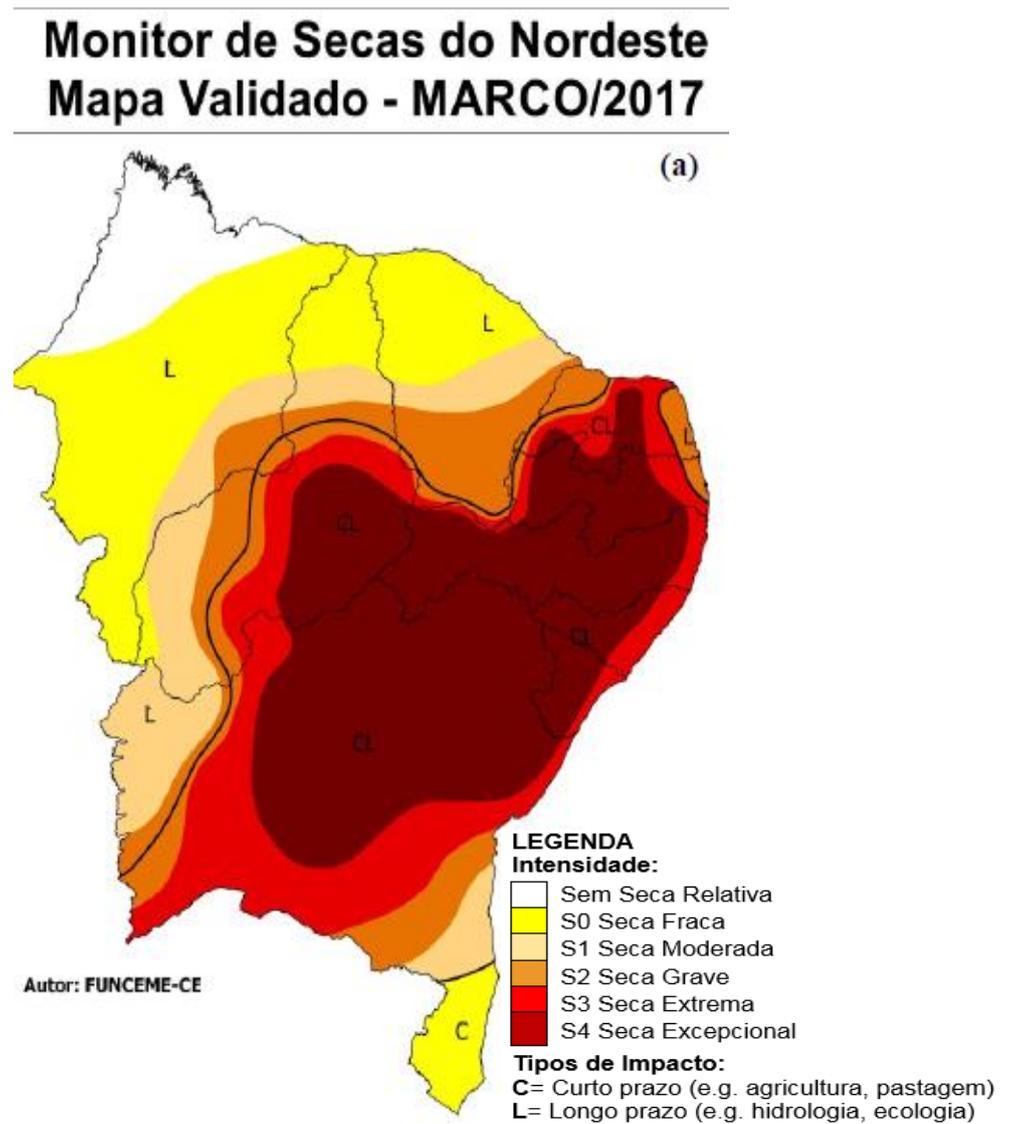
Figura 7: Mapa Validado do Monitor de Secas do Nordeste: fevereiro/2017

Monitor de Secas do Nordeste Mapa Validado - FEV/2017



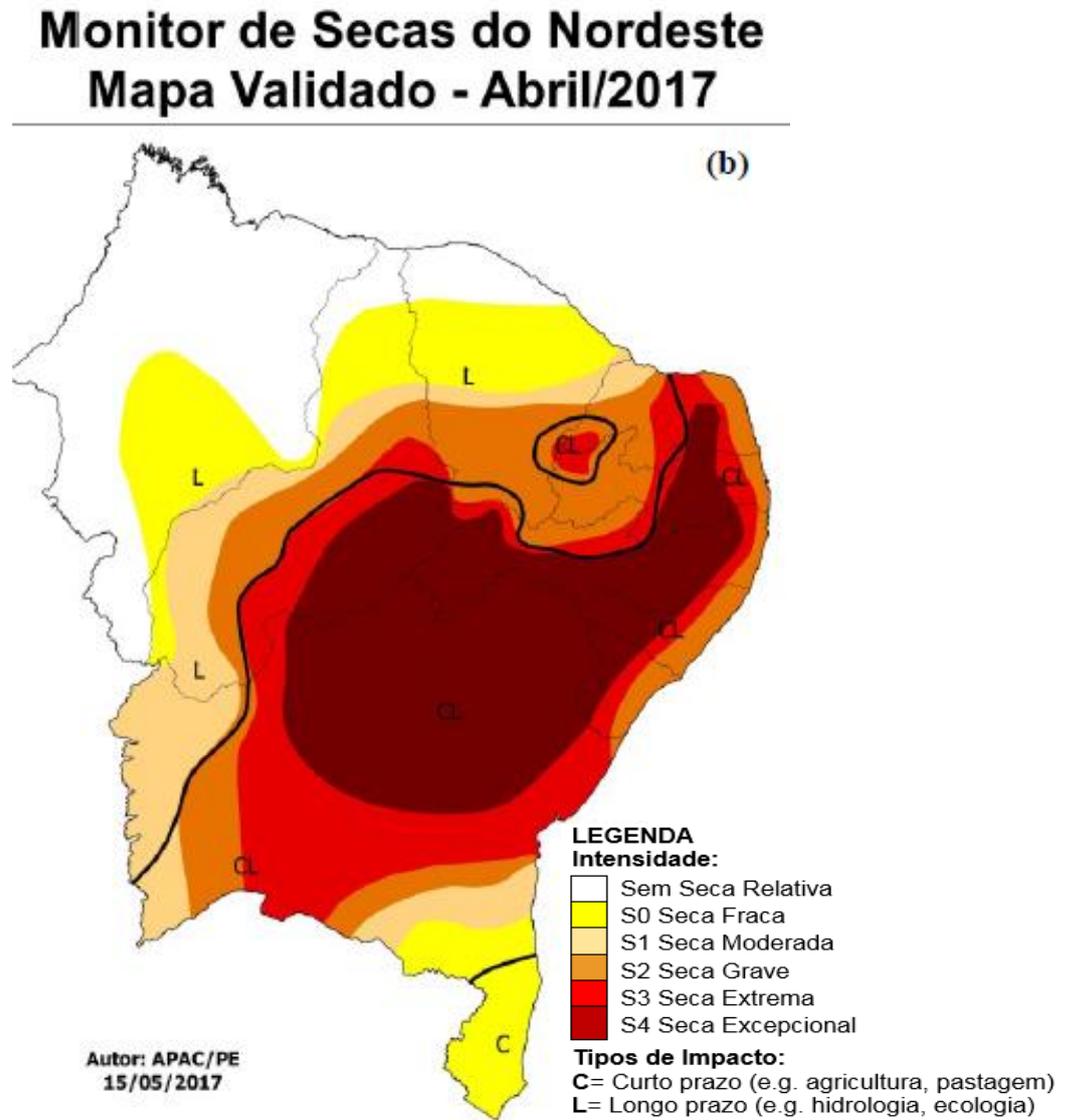
Fonte: <<https://www.nugeo.uema.br/?p=7746>>

Figura 8: Mapa Validado do Monitor de Secas do Nordeste: março/2017



Fonte: < <https://www.nugeo.uema.br/?p=9872> >.

Figura 9: Mapa Validado do Monitor de Secas do Nordeste: abril/2017



Fonte: < <https://www.nugeo.uema.br/?p=9872> >.

De acordo com a narrativa do Monitor de Secas (2017), o mês de janeiro em 2017 é considerado como o mês que mais chove em algumas regiões do Nordeste, como no Maranhão, Piauí, e oeste e sul da Bahia, variando os valores pluviométricos entre 150 mm e 300 mm, ocorrendo variabilidade de 75 a 150 mm no Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco e oeste da Paraíba. Entretanto, os menores índices são registrados em algumas regiões no leste do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, com volumes inferiores a 25 mm. Se comparado ao mês de dezembro de 2016, janeiro de 2017 não

apresenta mudanças nos níveis de severidade da seca em Alagoas, que continua com intensidade de seca Extrema no litoral (S3), e de seca Excepcional (S4) no Agreste e Sertão, tendo impacto de curto e longo prazo (CL) em todo o estado alagoano.

No mês de fevereiro daquele ano, o estado de Alagoas registrou os menores volumes de chuvas, com acumulados inferiores a 50 mm em toda a área do estado. Ao compararmos com o mês anterior, foi observado que algumas mudanças de modo geral ocorreram, como por exemplo, uma redução da área com seca Excepcional (S4) e ampliação da área com seca Moderada (S1). Como tivemos chuvas insuficientes nesse mês, foi observado que para o estado de Alagoas nenhuma mudança ocorreu na severidade da seca, se comparado ao mês de janeiro. Sendo assim, o mês de fevereiro permanece mostrando um quadro de seca Extrema no litoral (S3) e de seca Excepcional (S4) com impactos de curto e longo prazo (CL) em todo o território alagoano.

De acordo com os registros que já foram feitos, historicamente o mês de março apresenta os maiores índices pluviométricos, registrando precipitações acima de 300 mm em grande parte dos estados do Nordeste. Entretanto, os menores volumes pluviométricos com registros inferiores a 125 mm, historicamente, ocorrem em Alagoas, em Sergipe, na parte central da Paraíba, em grande parte do estado da Bahia e em grande parte do estado de Pernambuco. Em março de 2017, de acordo com o que apresenta o Monitor de Secas, os índices de precipitações pluviométricas, em todo o estado de Alagoas, não ultrapassaram 50 mm. Sendo assim, entendemos que as chuvas ocorridas no mês de março de 2017, no território alagoano, não foram suficientes a ponto de minimizar o grau de severidade da seca na região, permanecendo, dessa maneira, o quadro de seca Extrema (S3) e seca Excepcional (S4) nas demais áreas.

No tocante ao mês de abril (2017), que é considerado como um dos meses mais chuvosos nos estados do norte do Nordeste, sendo esperado chuvas de 300 mm no norte do Maranhão, do Piauí e do Ceará e também no oeste na Paraíba, segundo os dados da climatologia, as chuvas que acontecerem nesses meses, somadas com as precipitações dos meses precedentes, ajudaram para que ocorresse a redução da intensidade e também da área de abrangência da seca, especialmente nos estados localizados mais ao norte da Região. Ao observarmos o mês de abril de 2017 e o mês de março de 2017, foi percebido que para o estado de Alagoas ocorreu uma redução da área da seca Excepcional (S4) e Extrema (S3) no Litoral e na Zona da Mata, onde a seca era de intensidade Extrema (S3), passando a ter seca de intensidade Grave (S2), graças à ocorrência de chuvas no respectivo mês. No entanto, o Sertão alagoano permaneceu com seca de intensidade Excepcional (S4) com impactos de

curto e longo prazo (CL) em todo o estado. Sendo assim, vejamos agora a Narrativa do Monitor de Secas para o mês de abril de 2019

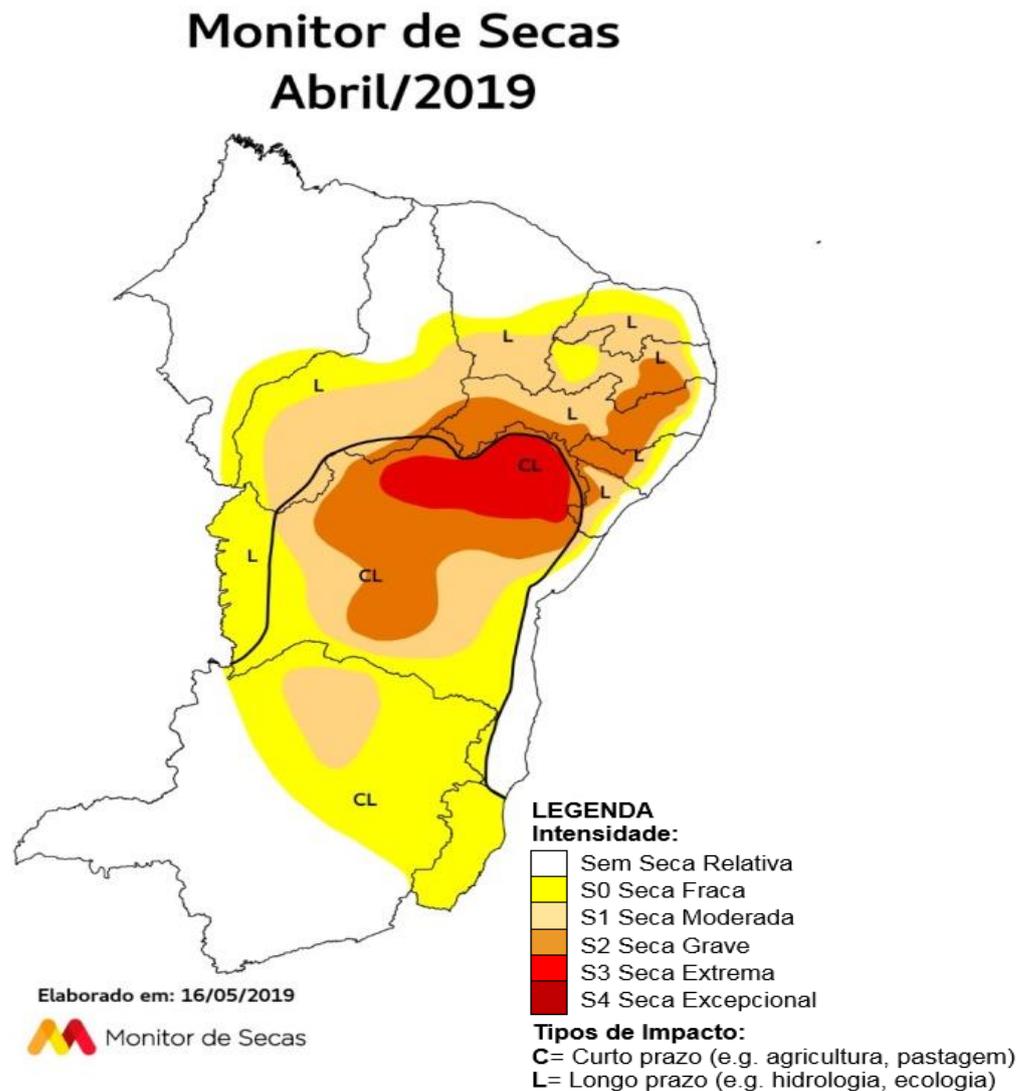


Figura 10: Mapa Validado do Monitor de Secas do Nordeste: Abril/2019

Fonte: < <https://www.nugeo.uema.br/?p=20537> >.

Se observarmos o monitor de seca de abril de 2017, comparado com o de abril de 2019, podemos perceber uma grande mudança nos níveis de intensidade de seca no Sertão alagoano, em que o Sertão marcou um quadro de seca de intensidade Excepcional (S4). Em abril de 2019, com base no Monitor de Secas, o Sertão registrou um quadro de intensidade de seca em Moderada (S1), com impactos apenas de longo prazo (L), em que o estado de

Alagoas registrou no respectivo mês precipitação entre 70 mm a 250 mm, com acumulados no trimestre (fevereiro, março e abril) entre 150 e 500 mm. Trago essas informações para que possamos compreender que a seca sempre vai existir no sertão/semiárido, pois ela faz parte da natureza da região, a diferença é que esta sofrerá mudanças em seu grau de intensidade, como podemos observar na **figura 2**. Nesse sentido, percebemos que a seca não é um fenômeno ocasional, mas um fenômeno climático (e histórico) que necessita ser entendido como um dado da região semiárida e não apenas como um *déficit* hídrico, como explica Molion (2016).

Mas por que eu trago esses dados? É importante trazê-los porque a partir deles podemos entender a necessidade do SEBRAE de propor o evento *Seminário de Oportunidade do Semiárido alagoano*. Dado esse contexto social, no qual o evento foi proposto, o sertão alagoano em 2017, como evidenciado, passava por uma seca considerada uma das maiores nos últimos anos desde 1911, com intensidade Excepcional (S4), em que os impactos possíveis são: perdas de culturas/pastagens excepcionais e generalizadas; escassez de água nos reservatórios, córregos e poços de água, criando situações de emergências. Logo, o sertão alagoano, a cidade de Delmiro Gouveia no sertão alagoano, é pensada como a região da seca, da miséria, da sede, da fome, da improdutividade e, conseqüentemente, do desemprego. Por essa perspectiva, podemos entender a necessidade do SEBRAE em propor o “seminário de oportunidades”, tendo em vista que tal contexto permitiu tais enunciados, pois esses aparecem como posicionamentos frente à seca.

Sendo assim, podemos inferir que o “eu”, SEBRAE, busca por meio desses enunciados “convencer” os sertanejos de que há uma “preocupação” com o sertão e o semiárido alagoano e com a população dessa região, considerando-se que as temáticas tratadas no respectivo evento dizem respeito aos eixos do agronegócio, turismo e o incentivo ao desenvolvimento das competências que envolvem terra, gente, cultura e tradições, e que tais discussões, supostamente, atrairiam grandes investimentos para a região sertaneja e, se esse objetivo fosse alcançado, ele traria o progresso e uma grande mudança de vida, tanto para o sertanejo, como para o sertão, logo para cidade de Delmiro Gouveia. No entanto, esses discursos estão filiados a uma visão determinista do sertão/semiárido, baseados em estereótipos construídos sobre o Nordeste, os quais também construíram os sertanejos (antes camponeses), que construíram a todos nós nordestinas e nordestinos via generalizações. Logo, tais enunciados atuam como manutenção para os estereótipos no/sobre o Sertão/Nordeste, como enfatiza Oliveira (2016).

Dadas essas informações, faz-se importante o questionamento: para quem esses enunciados estão direcionados? Ou seja, quem é o “outro” para quem o “eu” enuncia? Antes

de responder a essa pergunta é importante entender que “O gênero *outdoor* apresenta um discurso publicitário que atinge um público heterogêneo de grande proporção” (SANTOS et al. *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 39). Sendo assim, deduzimos que o “outro” para quem o “eu” enuncia se constitui de um público diversificado, visto que o gênero discursivo *outdoor* possui um suporte que não tem mobilidade, ou seja, que não se movimenta. Logo, não há circulação desse gênero, permanecendo fixo num mesmo local. Entretanto, à medida que as pessoas circulam pela localidade, seja a pé ou com transporte (dado o fato de estar posto às margens de uma rodovia) tem a possibilidade de visualizar os enunciados que ali estão situados, tendo em vista que a dimensão física do suporte do *outdoor* atrai a atenção de quem transita pelas imediações, por isso a necessidade do “eu” enunciador em escolher esse gênero discursivo.

Nesse sentido, sendo o “outro” constituído por um público heterogêneo, inferimos que esse seja composto pelas pessoas que transitam pelo local em que o enunciado está situado, podendo essa ser a comunidade acadêmica UFAL-Campus Sertão (local em que aconteceu o seminário); empresários da cidade (mas não somente), artesãos, moradores das proximidades, ou até mesmo as pessoas que estejam passando de viagem, tendo em vista que a Rodovia AL-145 em que o *outdoor* está posto às margens faz ligação com outras cidades, a exemplo de Água Branca-AL. Ou seja, esse “outro” tanto pode ser sujeitos alfabetizados, como não alfabetizados, moradores da cidade ou não. Com isso, entendemos que as escolhas na enunciação não foram aleatórias, pois o suporte desse gênero foi posto próximo à Universidade Federal de Alagoas-UFAL/Campus Sertão, espaço no qual estava para acontecer o seminário. Ou seja, o *outdoor* não só informava que aconteceria um evento no e para o sertão alagoano, mas que ele aconteceria em universidade localizada no próprio sertão, lugar estratégico e de grande mobilização de público, abrangendo toda a comunidade acadêmica, além dos demais grupos para o qual o evento estava sendo direcionado.

Iniciando as inferências, percebemos que pelas escolhas de composição dos gêneros pelo “eu” enunciador, podemos levantar as inferências de que este ainda parte de uma visão estereotipada de Nordeste, Sertão e semiárido, lidando com essa região de forma abstrata, entendendo-a como um lugar parado no tempo, uma região tomada pela seca, lugar castigado, sofrido, improdutivo e atrasado. Tais características refletem na construção do(a) sujeito(a) nordestino(a)/sertanejo(a)/alagoano(a), reforçando por meio da linguagem não-verbal a ideia do que foi construído anteriormente sobre esses sujeitos, em que esses eram e ainda são caracterizados como um sertanejo pobre, infeliz, que sofre com a fome, com a falta de água, que é consequência da falta de chuvas no semiárido, dialogando com enunciados anteriores que circularam e ainda circulam nas várias esferas da atividade humana. Nesse sentido, o

sertanejo é apresentado como alguém sempre preso ao seu lugar, como afirma Albuquerque Jr. (2014)

Já identificados o “eu” e o “outro” enunciativos, se faz necessário também compreender: que texto estou lendo? E qual a sua função social? Como já mencionado anteriormente, é o gênero *outdoor*, uma propaganda ao ar livre, composta por cartazes de grandes proporções, de tamanho padronizado, composto por 16 ou 32 folhas que são afixadas em painéis montados nas ruas (ABAURRE et al., 2013). Ainda de acordo com as respectivas autoras, o gênero *outdoor* tem como objetivo divulgar uma campanha, um evento, uma mensagem publicitária com função persuasiva, geralmente apresentando uma imagem a um texto curto. Logo, entendemos que esse gênero discursivo tem como função social chamar a atenção do “outro” para quem se direciona, informando-o que naquele município, em Delmiro Gouveia, aconteceria um evento com objetivos voltados para o sertão alagoano. Isso nos direciona a sua esfera de atividade humana, qual seja, a esfera publicitária. Com efeito, por meio do objeto de discurso, o seminário, o “eu” vai marcando para o “outro” e para si a importância do evento, dado que o “eu” ao enunciar afirma que “o sertão vai virar um mar de negócios”, caso as propostas dadas pelo SEBRAE sejam alcançadas.

Dada a imobilidade do gênero *outdoor*, o “eu” discursivo adota outro gênero da mesma esfera, que por sua vez, e ao contrário do *outdoor*, tem circulação social, qual seja, o *folder*, que tem como suporte um folheto com um tipo de papel específico, assim como a sua dimensão física. A sua função social consiste em divulgar um produto, um evento, um acontecimento etc., assim como o gênero *outdoor*. Sua circulação se deu a partir da distribuição em lugares objetivos, como na Universidade Federal de Alagoas/Campus Sertão, em empresas, escritórios e, a partir desses lugares, teve circulação em variados ambientes como casas e lojas, por exemplo, tendo chegado ao nosso grupo de pesquisa, o GELASAL, momento a partir do qual se torna objeto de investigação.

Desse modo, podemos inferir que a escolha desse gênero não se deu aleatoriamente, tendo em vista que o *outdoor* por sua imobilidade talvez não alcançasse uma grande quantidade de leitores atentos ao enunciado, ao contrário do *folder*, que possui variados veículos de circulação. Outro ponto a se observar nesse gênero discursivo é que em seu suporte podem ser utilizadas ambas as faces, possibilitando um maior agenciamento de recursos linguísticos/semióticos. Sendo assim, também é utilizado o verso do folheto para passar informações que não constam no *outdoor*, como por exemplo, o horário e todas as temáticas abordadas no evento, como podemos ver nas respectivas imagens (**figura 9**).

Figura 11: Folder 13 de junho de 2017

SEMINÁRIO DE OPORTUNIDADES DO SEMIÁRIDO ALAGOANO

O Sertão vai virar um mar de negócios

25 e 26 de maio de 2017 - UFAL - Campus Delmiro Gouveia/AL

Evento gratuito. Vagas Limitadas
Faça sua inscrição antecipada:
0800 570 0800 ou 3641-5615

PROGRAMAÇÃO

Dia 25/05

18h - Credenciamento
18h30 - Cerimonial
19h - Cenários e Perspectivas para o Desenvolvimento do Semiárido Alagoano
Palestrante: Cláudia Masinho - Coordenador e Diretora do Porto Marinho e Credenciado SEBRAE/PA
20h30 - Lançamento do Prêmio Celso Furtado de Desenvolvimento Regional, Região Nordeste - 4ª Edição: Homenagem a Milton Santos - Ministério da Integração Nacional

Dia 26/05

1 PAINEL - AGRONEGÓCIO

08h - Oportunidades de negócios agrícolas na região do Semiárido um olhar para as demandas do mercado.
Palestrante: Dr. Alberício Pereira de Andrade, UFPE - Universidade Federal de Pernambuco
08h40 - A diversidade no Semiárido: novas possibilidades, desafios e experiências.
Palestrante: Msc. Roseane Lima - UFPA - Universidade Estadual da Paraíba
Moderador: Luiz Carlos de Lima, Secretária de Desenvolvimento Regional - Ministério da Integração Nacional.
09h30 - Banco do Nordeste: ETENE - Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste.
10h - Apresentação do Banco de Oportunidades do Sertão Alagoano.

2 PAINEL - NEGÓCIOS SUSTENTÁVEIS E INOVADORES

11h - A Melhoria do Ambiente de Inovação: Criatividade, Empreendedorismo e Tecnologias.
Palestrante: Ana Roberta Souto, Superintendente de Empreendedorismo do Perno Digital, Pernambuco.
11h40 - Turismo e Natureza: Um Brasil de Oportunidades.
Palestrante: Luiz Del Vigna - Vice-presidente e sócio-fundador da ABETA - Associação Brasileira de Ecoturismo e Turismo de Aventura.

Logos: ALAGOAS, EMATER, SEBRAE, etc.

Fonte: Acervo particular do Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho.

Assim, analisando a linguagem mobilizada pelo *Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas* (SEBRAE), é possível interpretar que os produtores do evento a partir de suas propostas, de perspectivas positivas com relação aos investimentos nessa região, visam o progresso e o crescimento econômico, logo, qualidade de vida dos sujeitos dessa região. Entretanto, é importante ressaltar que, mesmo dialogando com um público diversificado, o perfil do “outro” enunciativo diz respeito a sujeitos alfabetizados, empreendedores, produtores rurais, ou seja, a um grupo com considerável capital econômico para poder investir no projeto que visualiza alternativas socioeconômicas para o semiárido, com ênfase nas potencialidades e nas vocações regionais.

Ainda no tocante ao enunciado “o Sertão vai virar um mar de negócios”, podemos perceber que o “eu” enunciativo, ao fazer uso da locução verbal “vai virar”, em que o verbo “ir” aparece flexionado na 3ª pessoa do singular (ele), do presente do indicativo, mais o verbo “virar” no infinitivo. Logo, podemos inferir que estes recursos linguísticos são utilizados para construir uma marcação de futuro, para indicar uma “transformação do sertão” no setor econômico e social. Nesse sentido, o “eu” marca para o “outro” que o sertão alagoano ainda permanece no plano do não desenvolvimento econômico, pois o sertão ainda “vai” vir a ser

um “mar de negócios”, um lugar de produtividade, mas que ainda não é, afirmando que essa região ainda permanece sem desenvolvimento no eixo financeiro e social. Sendo assim, acaba dialogando com enunciados anteriores, que construíram a imagem de um lugar parado no tempo, reforçando o que muitos sujeitos já tomaram e ainda tomam como verdade sobre o Nordeste, o sertão e o semiárido.

Ao fazer uso da metáfora “o Sertão vai virar um *mar de negócios*”, o “eu” estabelece uma comparação implícita entre o “sertão”, que no discurso é considerado como um espaço ‘seco’, ‘sem vida’ e ‘improdutivo’ e “mar”, que no sentido literal indica grande extensão de água; a “água”, por sua vez, representa para o sertanejo a vida, já que a seca ocasionaria a morte. A água é o “ouro” do sertanejo, pois se chove se produz alimento que não só será consumido por ele, mas que também será comercializado; o gado não morre, a vegetação permanece verde, viva. Por isso, a escolha pela expressão “mar de negócios”, pois “mar” remete à água, logo, indica produtividade no setor do agronegócio e, conseqüentemente, desenvolvimento no setor econômico e social.

Dessa forma, podemos pensar na nomeação: “Sertão”, seguido de um determinante que o singulariza e o especifica; “o Sertão” é então trazido como mesorregião que se diferencia de outras por seu sentido estar vinculado a significados social, histórica e culturalmente situados. A nomeação “mar” é antecedida pelo artigo indefinido, pois “um mar” pode existir mesmo havendo outros mares, ao contrário de “Sertão”, que parece ser único. Esse “mar” indefinido passa a ter uma restrição: trata-se de “um mar de negócios”; a locução adjetiva “de negócios” é utilizada para caracterizar e, possivelmente, indicar que não existe “mar” de água salgada no sertão, dado que não é possível, porém é viável que se crie “um mar de negócios”. Nesse jogo de contrapontos, “sertão” e “mar” são ligados pela predicação: “vai virar”; a locução verbal já não modaliza a transformação nesse espaço, entendido como seco e improdutivo, através do empreendedorismo, mas enfatiza um futuro certo, pois afirma sem dúvidas que “o Sertão **vai virar** um mar de negócios”.

Sendo assim, o SEBRAE objetiva que o “outro” para quem enuncia veja, a partir da marcação desse discurso, uma oportunidade de melhoria, mediante às propostas vinculadas ao evento que, por sua vez, traz em seu texto, ao enunciar “seminário de oportunidades”, produzindo efeitos de sentido de uma possível e grande mudança dessa região, já que a expressão “mar” denota abundância, também fazendo referência à falta de água, que nos discursos estereotipados e generalizados é o maior problema dos/as sertanejos/as. Essa expressão, por ora, também contrasta com a figura do Canal do Sertão, que está em segundo plano nos dois gêneros discursivos, aparecendo atrás da figura da artesã. Faço essa inferência

do canal do sertão porque essa é considerada a “[...] maior obra de infraestrutura hídrica da região [em que] o Governo Federal e o Estadual investiram milhões para a concretização [...]” [inserção nossa] (OLIVERA, 2016, p. 37). Logo, os efeitos de sentido que o “eu” quer produzir para “outro” é de que como o Canal do Sertão trouxe benefícios para o sertanejo por trazer água para essa região, o “seminário de oportunidades” também trará benefícios a partir de investimentos financeiros e, como resultado, desenvolvimento social e econômico e qualidade de vida para os sertanejos/as, caso o objetivo proposto seja alcançado.

Com isso, podemos perceber que as escolhas enunciativas do “eu” que enuncia seu discurso não se deram de maneira aleatória e sem intencionalidade de causar efeito(s) de sentido(s) no “outro” discursivo. Sendo assim, o significado da palavra “mar” enquanto símbolo representacional só terá (ou não) esse sentido para o “outro” discursivo se a enunciação se der num ato dialogicamente interpretável, como afirma Bazerman (2015). Nesse sentido, pelos recursos linguísticos utilizados pelo o “eu”, podemos pressupor que tais escolhas são interpretáveis para os interlocutores e as interlocutoras, mesmo que esses não sejam sujeitos alfabetizados, tendo em vista que o enunciador, por meio da linguagem não-verbal traz a figura do Canal do Sertão, que tem 250 km de percurso, e assim como o “mar” comporta uma grande dimensão de água, subentende-se que aquele evento vai tratar da seca que tanto atormenta os sertanejos/as. É nesse sentido que podemos levantar a hipótese de que tais escolhas podem ser interpretáveis.

Como a análise de aspectos de multimodalidade, podemos compreender a construção de efeitos de sentido sobre a região em que o *outdoor* e o *folder* circulam, dadas as escolhas verbais e não verbais que compõem os enunciados em questão. Nesse aspecto multimodal, Dionísio (2007) explica que os gêneros discursivos, sejam eles falados ou escritos, são multimodais porque são construídos por diversos recursos semióticos, podendo ocorrer no mínimo dois modos de representação quando falamos ou escrevemos. No caso dos gêneros aqui analisados, temos a linguagem verbal e a não-verbal. Ou seja, tais gêneros são compostos não somente por palavras, mas por imagens, figuras, cores, fontes, entre outras.

Sendo assim, as figuras de pessoas que compõem ambos os gêneros revelam expressões de satisfação e alegria, produzidas com a intenção de convencer a população sobre benefícios do empreendedorismo na região. Tais recursos não-verbais/semióticos são constituídos por elementos dispostos em primeiro plano, que trazem a repetição discursiva e imagética sobre o sertão: o sertanejo/alagoano/delmireense, a sertaneja/alagoana/delmireense.

Quando se fala de Nordeste/Sertão/semiárido muitas imagens definidoras são evocadas no sentido de criar uma materialidade para essa região, para que ela seja entendida

como a região da seca, do coronelismo, do povo sofrido e pobre, entre tantas outras que foram molde para a construção do Nordeste/Sertão e dos nordestinos(a)/sertanejos(a), pois tais imagens me parecem ser consideradas imprescindíveis ao tratar dessa Região. Essas imagens emergem do discurso regionalista, o qual não mostra a verdade da região, mas a institui, como afirma Albuquerque Jr. (2011).

No caso do *corpus* aqui em análise, observamos em ambos os gêneros a presença da figura do “político”, que está em um plano primário nos gêneros. Tal inferência é possível dado a um acessório em específico, utilizado por governantes e presidentes, a faixa governamental. Tal figura pode ter sido trazida pelo enunciador para dialogar com a figura de uma pessoa muito importante na história da cidade em que tais gêneros circulam, o industrial e empreendedor Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, mais conhecido como Delmiro Gouveia, sujeito considerado pioneiro da industrialização do Brasil e que construiu a primeira usina hidrelétrica do Nordeste, a Usina Angiquinho. Assim, podemos compreender que as escolhas do produtor do enunciado são contextualizadas, situadas social, cultural, política e historicamente, tendo em vista o “outro” discursivo, que pode ser presumido como políticos e empreendedores da região que conhecem a história de Delmiro Gouveia e que anseiam por crescimento econômico, tendo em vista que o “eu” enuncia que o “Sertão vai virar um mar de negócios”.

A presença, nos dois gêneros, da imagem do sertanejo sorridente e feliz com seu chapéu de couro, acessório que retoma à imagem do cangaceiro construída por outra já dada, a do “Rei do cangaço”, Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, figura emblemática do sertão, assim também como a figura do músico Luiz Gonzaga, cantor referência ao falar de Nordeste e nordestinidade, que tinha esse acessório como uma marca registrada de suas origens; o caixote cheio, remetendo a sua colheita e a fartura, nas mãos do sertanejo, retratam aquele discurso tradicional do “espaço da saudade”, o “Norte paraíso”, visto em Albuquerque Jr. (2011; 2014), que traz a imagem de um Norte produtivo, um espaço social que se desenvolveu a partir da tradição das produções de cana de açúcar e de algodão pelo sistema patriarcal nordestino, idealizado por Gilberto Freyre, pois para ele foi com os senhores de engenho que se construiu esse sistema econômico, social e político.

A figura da sertaneja, por sua vez é construída pela artesã, também sorridente, que exhibe com felicidade seu trabalho artístico, um jarro de barro, objeto que marca esse lugar de produção artístico-cultural, que recai sobre uma das temáticas do evento, “a economia criativa”. Inferidas essas informações a partir das imagens, entendemos que o “eu” enunciador busca produzir efeitos de sentido de que esse lugar é passível de produtividade, não mais

pobre, nem triste ou mesmo miserável, tendo em vista que a proposta do evento é fazer com que o sertão se torne um “mar de negócios”.

Tal como a região Nordeste nos discursos generalizadores, nos gêneros analisados, o lugar está caracterizado como um espaço de tradições artístico-culturais e, por isso, se faz necessário para o “eu” enunciador buscar imagens que retomem um passado rural, de produção artesanal e pré-capitalista. A figura da artesã, nesse sentido, traz uma ideia de proximidade com a verdade do seu espaço, da sua terra. No entanto, embora a figura da artesã sertaneja expresse felicidade por sua produção artística fazer parte da economia da região alagoana/sertaneja, me parece que tal produção não se afasta do antimoderno, pois não se vê nenhum elemento que mostre a figura do moderno, do avanço tecnológico, por exemplo. Nesse sentido, o sertão, a cidade de Delmiro Gouveia, ainda é imaginado como um lugar paralisado no tempo. A artesã emerge como elo entre o passado e o presente (ALBUQUERQUE JR., 2011).

Logo, a escolha da imagem e das cores busca reproduzir e manter o sentido do “Norte paraíso”, período em que antes das secas todos os sertanejos e nordestinos eram felizes, pois o que se plantava se colhia, que por diversas vezes foi idealizado na música, nos cordéis, na literatura, entre outras artes, reforçando no imaginário dos próprios sertanejos a imagem da seca como causadora de todos os males. Nesse sentido, tais imagens vão sendo construídas por toda uma produção cultural.

Em ambos os enunciados, a presença da imagem do “sol” também é bem marcada, reafirmando esse lugar de grandes temperaturas. Nesses, o sol do sertão é incessante, aquele que por vezes castigou o sertanejo, refletindo, assim, a seca, que tira a vida da vegetação, dos animais, do homem. Desse modo, podemos perceber a seca como elemento discursivo que aparece como um instrumento das estratégias enunciativas, dentro de operações sistêmicas, que atuam para a manutenção do poder de um grupo dominante (empresários, políticos), que, por séculos, utiliza-se do discurso repetitivo da seca para caracterizar a região nordestina/sertaneja.

Outra observação a ser feita diz respeito às formas das figuras que compõem esses enunciados em análise, já que, tanto em primeiro plano como em segundo plano, essas figuras, que por sua vez constroem os sertanejos(a), logo alagoanos(a)/delmirenses, aparecerem em forma de xilogravura, recurso tipográfico do século XIX que foi “[...] incorporado pela editoração popular nordestina como ilustração das capas de literatura de folhetos”, de acordo com Carvalho (1995, p. 143). Nesse sentido, podemos nos questionar por que tais escolhas foram feitas e não outras? Inferimos que tais escolhas são trazidas para o

enunciado por já fazerem parte da cultura nordestina/sertaneja, por compor um gênero literário muito popular na região, o gênero cordel, texto literário escrito frequentemente na forma rimada, originado em relatos orais e depois impresso em folhetos, sendo comercializado em locais públicos. Logo o “eu” na tentativa de causar determinados efeitos de sentido no “outro” do discurso busca a partir dessas escolhas fazer com que o “outro” se reconheça nesses discursos a partir das imagens que ali estão situadas.

A escolha de cores também possibilita a produção de sentidos/efeitos de sentido que resgatam/ou renovam o discurso sobre a invenção do Nordeste, do sertão, da seca, tal como estudado por Albuquerque Jr (2011). As cores amarela e marrom em ambos os gêneros contribuem para a construção imagética do semiárido como região da seca, do sertão paralisado e desértico, desolado por um sol que castiga. É interessante observar que o enunciado “o Sertão vai virar um mar de negócios” ganha destaque com a cor verde e a fonte maior, que, além de contrastar com o amarelo e marrom, pode estar servindo como lembrança da vegetação verde que revive com a água e que é sinônimo de fartura, oposta ao tempo/espaço seco, sem vida, improdutivo. Outra inferência importante a ser feita é que a cor marrom aparece em um tipo de placa de madeira seca que compõe tanto o *outdoor* como o *folder* (neste em ambas as faces), tal recurso semiótico comporta enunciado **Seminário de Oportunidades do Semiárido Alagoano**.

É possível pensar na constituição da cena veiculada no *outdoor* e *folder* por antíteses. Dessa maneira, são colocadas figuras na composição do texto em segundo plano, a figura cacto (que se localiza a esquerda nos gêneros) e a figura da árvore seca, sem folhas, sem vida (que está localizada à direita). É importante ressaltar que essas se configuram como recursos que aparecem nos dois gêneros, em que essas são construídas a partir do discurso da seca, em que a natureza desse espaço sempre aparece nesses como segregada, hostil e morta, ou seja, como o espaço da seca. Tais construções parecem ser indispensáveis ao se falar de sertão.

Essas imagens do Sertão/Nordeste, logo, de Delmiro Gouveia, são cristalizadas, construídas no e sob o imaginário do sertanejo, e são trazidas para lembrar a vegetação do semiárido, a Caatinga, resistente à seca, ao sol escaldante e à terra seca e infértil. Esses recursos semióticos fazem ressurgir ideias de um sertão sofrido; evoca imagens de um sertão construído enunciativa e discursivamente sob estereótipos da terra seca, sem vegetação, sem vida. Partindo disso, o efeito de sentido que pode ser construído é que se torna possível, ao investir em negócios no semiárido, crescer economicamente, ainda que o cenário seja de seca e desolação, tendo em vista que o seminário traz propostas de políticas de convivência com o semiárido, como, por exemplo, a melhoria do ambiente de inovação, que visa negócios

sustentáveis e inovadores, pensando possíveis propostas de negócios no agronegócio para o sertão/semiárido alagoano, como enunciado na proposta de programa no verso do *folder*.

Uma indagação pertinente recai sobre o ônibus que parece ir em direção ao que pode ser a figura do Canal do Sertão. Parece não ter coerência. No entanto, considerando a necessidade do “eu” de projetar numa imagem elementos essenciais para a construção enunciativo-discursiva de um sertão produtivo, é bem articulada a estratégia de focalizar o ônibus com uma palavra-chave para indicar uma das principais atividades econômicas da região Nordeste, qual seja, o “TURISMO”, tendo em vista que o SEBRAE vê no turismo uma importante oportunidade para o desenvolvimento econômico local.

Mediante à análise, podemos inferir que os discursos referentes ao Nordeste/sertão, assim como aos nordestinos/as sertanejos/as ainda partem da estereotipia, pois mostra ainda um Nordeste paralisado, sem movimento, incorporando imagens que dialogam com enunciados anteriores que reforçam a ideia de um lugar de seca, de tristeza e de morte, que ganham forma nos enunciados não verbais. Percebemos, dessa maneira, que os enunciados nos gêneros discursivos *outdoor* e *folder* interessam à camada econômica, que sempre visa os investimentos financeiros e a manutenção do poder econômico, na qual o discurso da seca entra em um ciclo tradicional do mecanismo de poder como um negócio capitalista.

Embora se perceba nos enunciados dos gêneros *outdoor* e *folder* uma proposta de desenvolvimento e melhora para o Sertão/semiárido alagoano, logo para a cidade de Delmiro Gouveia, o “eu” enunciador, SEBRAE, parte ainda de um discurso tradicionalista e generalizador, que constrói essa região como um espaço da seca, quente e parado no tempo/espaço, espaço do não desenvolvimento econômico, da não produtividade, tomando esse lugar como o espaço da tradição, dada as escolhas dos recursos semióticos, fazendo com que os sujeitos dessas regiões se reconheçam em fatos do passado, como menciona Albuquerque Jr. (2011). O que se percebe é que para se falar de Nordeste/Sertão/semiárido se faz necessário um discurso vinculado a tudo que se construiu em torno da seca, mais precisamente a de 1877-79. Nesse sentido, os enunciados que são construídos, reconstruídos e repetidos por meio da língua(gem) vão se tornando como naturais, mas não o são.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, intitulado “A construção enunciativo-discursiva da seca e do sertão alagoano em *outdoor* e *folder*”, tivemos como objetivo analisar os discursos sobre a “seca” e o “sertão” presentes em dois gêneros discursivos da esfera publicitária, o *outdoor* e o *folder*, aqui entendidos como enunciados concretos. Visamos compreender como os sentidos sobre a “seca” e o “sertão” são construídos e enunciados nos respectivos gêneros, observando se tais discursos partem de uma visão estereotipada acerca do Nordeste/sertão/semiárido. Sendo assim, é importante lembrar que tais gêneros foram utilizados na ocasião em que acontecia o evento “Seminário de Oportunidades do Semiárido Alagoano”, que teve como tema central “O sertão vai virar um mar de negócios”, proposto pelo *Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas* (SEBRAE), com realização nos dias 25 e 26 de maio de 2017, na Universidade Federal de Alagoas-Campus Sertão, no município de Delmiro Gouveia-AL.

Como evidenciado no quarto capítulo deste estudo, nesse contexto histórico em que acontecia o seminário, o Nordeste, o sertão alagoano, logo a cidade de Delmiro Gouveia-AL, passava por uma seca plurianual, considerada uma das maiores dos últimos anos, indo de 2010-2012 a 2015-2017 em seus níveis mais elevados, se comparada as do século XIX. Logo, esse período se fez favorável para a proposta do seminário e para que o “eu” enunciadador, SEBRAE, a partir da construção dos enunciados pudessem produzir sentidos sobre o sertão, o semiárido alagoano e sobre os habitantes dessa região, a fim de persuadi-los com as propostas do evento, tendo em vista que essa é uma das características do discurso publicitário.

Desse modo, diante do que foi analisado, podemos afirmar que o sertão e o semiárido alagoano, especificamente o município de Delmiro Gouveia, nos gêneros *outdoor* e *folder* foram e continuam sendo construídos a partir do discurso da seca, aquele que construiu a região Nordeste como uma região do atraso, da improdutividade e do não desenvolvimento econômico, no qual a ideia que se tem do sujeito dessa região, o(a) sertanejo(a), é a de um sujeito pobre, castigado e infeliz, que por séculos sofreria com a seca. Nesse sentido, é necessário que propostas de mudança social e econômica sejam ofertadas no/para semiárido alagoano, para que este possa vir a ser um “mar de negócios”.

Para que pudessemos alcançar nossos objetivos e analisar nosso objeto de forma qualitativa se fez necessário em nossa pesquisa, por meio do paradigma interpretativista, analisar, interpretar e entender os discursos presentes em nosso *corpus*, para que assim pudessemos identificar quem era o “eu” que enunciava, o “outro” para quem se enunciava,

qual veículo de comunicação em que tais enunciações estavam sendo mobilizadas, qual sua função social e onde esses circulavam. Foram realizados estudos sob a ótica da Linguística Aplicada de caráter indisciplinar, inter e transdisciplinar, campo do saber que nos possibilitou seguir a concepção da “etnolinguística da fala viva”, proposta por Bakhtin/Volochínov ([1929] 2012), pois, assim como esses filósofos, entendemos que a língua(gem) se dá nos processos interativos entres os sujeitos que estão situados em um determinado contexto histórico, social, cultural, político e ideológico. Nesta, entendemos que quando utilizamos a língua(gem) construímos a nós, o outro e o mundo.

Durante a nossa pesquisa, mobilizamos também estudos a partir da ótica de Bakhtin (2011), Abaurre et al. (2013) e Brait (2016) sobre os “gêneros discursivos” e as “esferas da atividade humana”. Esse estudo se fez necessário para que pudéssemos compreender que os gêneros discursivos não são inertes, podendo estes mudar em função de determinadas necessidades e, assim, entendermos que as práticas discursivas, as práticas sociais e as atuações humanas acontecem na sociedade de forma organizada e diversificada, em esferas da atividade humana diferenciadas. Foi necessário também estudarmos acerca dos textos multimodais, tendo em vista que os discursos analisados foram construídos por vários recursos semióticos, como o uso de cores, figuras, formas, entre outros, que compõem a linguagem não-verbal.

Para tratar do discurso da seca e do sertão alagoano nos gêneros discursivos *outdoor* e *folder* foi imprescindível para nossa pesquisa estudar sobre o discurso da seca. Para isso, trouxemos para a nossa análise conhecimentos de outros campos do saber, como, por exemplo, da História, para entendermos como se deu ao longo do tempo a construção imagético-discursiva da região Nordeste/sertão, bem como a construção do sujeito nordestino/sertanejo, para que, dessa maneira, compreendêssemos com quais discursos anteriores dialogam os que foram aqui enunciados nos gêneros discursivos *outdoor* e *folder*. Também agenciamos conhecimentos do campo da Geografia, para que pudéssemos compreender um pouco sobre o Nordeste/sertão/semiárido enquanto territorialidade, clima, vegetação, entre outros aspectos geográficos.

Em nossa pesquisa, além do nosso *corpus* de análise, também analisamos outros discursos construídos no e sobre o Nordeste/Sertão/semiárido, como, por exemplo, a reportagem do programa de TV, Câmera Record (2017) que enunciou “A estrada da Seca”, e a propaganda de TV do governo de Alagoas, exibida em 2018, que enunciou que mais do que obras, o governo está levando água e dignidade para o sertão alagoano. Como vimos, em ambos os gêneros discursivos, a seca é tida como a causadora de todos os males, o flagelo da

região Nordeste/sertão e dos(a) nordestinos(a)/sertanejos(a), não sendo entendida como uma característica do semiárido, mas como um problema que maltrata, empobrece e destrói essa região e seus habitantes.

No entanto, sabemos que a seca não é algo ocasional e recente, mas histórica, estando situada em um dado momento histórico, social, político e ideológico, mais especificamente nos anos de 1877-79 quando ocorreu a grande seca, momento a partir do qual o Nordeste e sua população foram construídos via estereótipos. Como vimos, tais construções ocorreram mediante discursos de poder por aqueles que detinham grande capital econômico na região, a elite nortista. Nesse contexto social, o Norte passava por um declínio econômico que se refletia nas mudanças sociais na época. Logo, começou-se a produzir discursos sobre a seca para que essa região fosse entendida como um lugar inferior, principalmente nos níveis político, econômico e social, para que assim pudesse angariar verbas governamentais, que serviriam para o aumento e a manutenção de seus bens. Assim, o Norte, depois o Nordeste/sertão/semiárido/, passou a ser visto como o lugar da seca, do sofrimento, da tristeza, das mazelas, da falta de chuva, da pobreza, compreendendo os habitantes dessa região como sujeitos tristes, sofredores, pobres e castigados, já que esses sofreriam com a falta de água, que era reflexo da falta de chuva. Com a incombustível seca!

O que podemos perceber com a análise do nosso *corpus* é que apesar de cada enunciado ter sido produzido em contextos histórico-sociais específicos, em gêneros discursivos diferentes e de esferas da atividade humana diversificada, há um diálogo entres os discursos anteriores e os que foram produzidos pelo “eu” enunciador SEBRAE, nos quais a seca é quem define como a região nordestina/sertaneja e sua população devem ser caracterizadas, representadas, construída. Embora durante a análise do nosso *corpus* não tenhamos visto se falar sobre a “seca” de maneira direta, isso não significa dizer que os discursos sobre a seca e o sertão não estavam presentes, pois vimos nos gêneros discursivos que a região semiárida, o sertão alagoano, a cidade de Delmiro Gouveia, foi construída como um lugar parado no tempo, sem perspectivas; um lugar seco de vegetação morta, sem vida, em que nós, nordestinos(a)/sertanejos(a), alagoanos(a)/delmirenses, fomos construídos ainda pela figura do jagunço, do cangaceiro, do retrógrado, dentre outras características que construíram o nordestino/sertanejo de forma abstrata e generalizada.

Desse modo, trata-se de um discurso político que por séculos foi sendo construído, reconstruído, significado e ressignificado, objetivando sempre o lucro. Compreendemos que todo discurso produzido e reproduzido é sempre estratégia e tentativa do “eu” de causar efeitos de sentido sobre o “outro”, afim de alcançar determinados objetivos a partir do uso da

língua(gem), pois essa não é neutra, nem imutável, pois é por meio dela que construímos a nós, o outro, a sociedade, as coisas, o mundo e a própria língua.

Sendo assim, cabe aqui ressaltar a importância dessa pesquisa como contribuição ao curso de Letras-Língua Portuguesa, bem como a outros trabalhos que possam ser produzidos sobre essa mesma problemática, tendo em vista que esse possibilitou a mim um novo olhar para o Nordeste, o sertão e o semiárido e para os nordestinos(a)/sertanejos(a). Espero que este ao ser estudado também possibilite um novo olhar para essa região e para os modos de se compreender a língua(gem). Esta pesquisa é importante também porque ela nos proporciona enquanto pesquisadoras e pesquisadores em Linguística Aplicada e professoras e professores de Língua portuguesa ver além da semântica dos “nomes”, percebendo a língua(gem) em seus usos efetivos, entendendo que cada discurso produzido sobre o sertão alagoano dentro dessa linha de raciocínio deve ser refutado, analisado, interpretado e entendido como discurso carregado de ideologias.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. A poesia do sol: o discurso popular sobre a seca. In.: SILVA, Gian Carlo de Melo; GOMES, Gustavo Manoel da. **Memória, história e cordel em Alagoas: teorias, práticas e experiências**. Maceió: EDUFAL. 2014. P 62-88

_____. In. **Húmus Cultural. Café filosófico com Durval Muniz**. 2017a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_nGHeVZZmHM>. Acesso em: 29 de Dezembro de 2017.

_____. In. TVafiada. **Durval: é preciso dissolver esse Nordeste– Parte 1**. 2017b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t_Z_e-EK19Y>. Acesso em: 29 de Dezembro de 2017.

_____. In. TVafiada. Durval: o elogio da mestiçagem preserva a Casa Grande- Parte 2. 2017b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J6eKUTetU58>>. Acesso em: 29 de Dezembro de 2017.

_____. In.: TVafiada. Durval: o sertanejo é antes de tudo... um animal! A baleia!- Parte 3. 2017b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HaibBbb0FeA>> . Acesso em: 29 de Dezembro de 2017.

A estrada da seca. **Câmera Record**. TV Record, 19 de Novembro de 2017. Programa jornalístico temático de TV. Acesso em 21 de Novembro de 2017. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/camera-record/videos/camera-record-19112017-bloco-1-20022018>>.

ABAURRE, M. L. M.; ABAURRE, M. B. M.; PONTARA, M. A interlocução e o contexto. In.: **Português: contexto, interlocução e sentido**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2013.

_____. Os gêneros do discurso. In.: **Português: contexto, interlocução e sentido**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2013.

BARBOSA, Lirane dos Santos. O sertão dicionarizado. In. SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos (Org). **Nordeste/sertão/semiárido: a manutenção discursiva da estereotopia um estudo em linguística aplicada**. 2017.

BASTOS, Paulo. Impactos da seca e análise de custos para o Nordeste do Brasil. In. NYS, E de.; ENGLE, N. L.; MAGALHÃES, A. R. (Org). **Secas no Brasil: política e gestão proativas**. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE); Banco Mundial. Coronário Editora, 2016.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailoitch. **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BRAIT, Beth. O texto nas reflexões de Bakhtin e do círculo. In.: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola, 2016 (p. 13-30).

BAZERMAN, Charles. Enunciados e seus significados. In.: _____ **Teoria da ação letrada**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015 (p. 163-180).

CALAZANS, Rejane. **Ambivalências**: o Nordeste nas obras de Gilberto Freyre e Celso Furtado. Revista Brasileira de ciências Sociais (RBCS). Vol. 22 nº 64. 2007.

CAMPOS, José Nilson B. **Secas e políticas públicas no semiárido**: ideias, pensadores e períodos. Estud. av. vol.28 nº.82. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142014000300005>. Acesso em: 25 de março de 2018.

CARVALHO, Gilmar de. **Xilogravura**: os percursos da criação popular. Rev. Inst. Est.Bras., SP, 39: p. 143-148, 1995. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/72075>>. Acesso em: 30 de Julho de 2019.

CASTRO, Rodrigo. Ineficiência de políticas públicas em uma Caatinga cada vez mais árida. In: IHU- Revista do Instituto Humanista Unisinos. **Biomás brasileiros e a teia da vida**, v. 17, n. 500, p. 42-44, 13 Mar. 2017. Entrevista concedida a IHU On-line.

COSTA, Alexandre Araújo. Mudanças climáticas e água: de crise a colapso. In. BARDAWIL, A.; LIMA, I.; TUPINAMBÁ, S. (Org). **Revista água para quem precisa**: direito humano e suporte à vida. (p.7-14).

COSTA, A. A.; TUPINAMBÁ, S.V.; ROSENO, R. O quinze 2.0: crise hídrica no Ceará. In. BARDAWIL, A.; LIMA, I.; TUPINAMBÁ, S. (Org). **Revista água para quem precisa**: direito humano e suporte à vida. (p. 15-24).

Costa, Sérgio Roberto. Gêneros discursivos e textuais: uma pequena síntese teórica. **Recorte revista de linguagem, cultura e discurso**. n. 5, Ano 3, Dez 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/Daiana/Desktop/TCC/Capitulo%203%20TCC/2104-6157-1-PB.pdf>. Acesso em: 15 de Julho de 2018.

CONIDIS.Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido. Semiárido: aprender o semiárido, no semiárido e com o semiárido, I., 2016, Campina Grande-PB. **Os paradigmas da seca no semiárido brasileiro**: das políticas de combate à concepção de convivência com o fenômeno. Campina Grande-PB, SILVA, B. C. O.; SOARES, A. M. J.; NÓBREGA, R. S., 2016. 13 p.

DIONISIO, Angela Paiva. Multimodalidades e leituras: funcionamentos cognitivos, recursos semióticos, convenções visuais. _____ (Org.). Recife: Pipa comunicação, 2014.

FILHO, F. de A. de S.; ABICALIL, M. T. A.; OLIVEIRA, P. P. de F. de.; BRAGA, C. F. C. Gestão e abastecimento hídrico: planos de preparação para a seca. In. NYS, E de.; ENGLE, N. L.; MAGALHÃES, A. R. (Org). **Secas no Brasil**: política e gestão proativas. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE); Banco Mundial. Coronário Editora, 2016.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: _____; MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 (p. 45-65).

FARACO, Carlos Alberto. **Pesquisa Aplicada em Linguagens**: alguns desafios para o novo milênio. Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. D.E.L.T.A., 17: Especial, 2001 (p. 1-9).

LIMA, Paulo de Freitas; SANTAELLA, Sandra Tédde. Crise hídrica e saneamento. In. BARDAWIL, A.; LIMA, I.; TUPINAMBÁ, S. (Org). **Revista água para quem precisa**: direito humano e suporte à vida, 2017. (p. 25-38). Disponível em: <<https://docplayer.com.br/37438898-Agua-precisa-para-quem-suporte-a-vida-direito-humano-e-e-tempo-de-resistencia-renato-rosono-1.html>>.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Fala e escrita**. 1 ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MAGALHÃES, Antonio Rocha. Vida e seca no Brasil. In. NYS, E de.; ENGLE, N. L.; MAGALHÃES, A. R. (Org). **Secas no Brasil**: política e gestão proativas. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE); Banco Mundial. Coronário Editora, 2016.

MARTINS, E. S. P. R.; TEIXEIRA, F. J. C.; CONEJO, J. G. L.; MACHADO, J.; MOURA, A. D. A crise, a oportunidade e a liderança. In. NYS, E de.; ENGLE, N. L.; MAGALHÃES, A. R. (Org). **Secas no Brasil**: política e gestão proativas. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE); Banco Mundial. Coronário Editora, 2016.

MARTINS, E. S. P. R.; QUINTANA, C. M.; DIAS, M. A. F. S.; SILVA, R. F. V.; BIAZETO, B.; FORATTINI, G. D.; MARTINS, J. C. O caso técnico e institucional: Monitor de Secas do Nordeste como âncora e facilitador da colaboração. In. NYS, E de.; ENGLE, N. L.; MAGALHÃES, A. R. (Org). **Secas no Brasil**: política e gestão proativas. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE); Banco Mundial. Coronário Editora, 2016.

MARTINS, E.S.P.R; MAGALHÃES, A. R; FONTENELE, D. **A seca plurianual de 2010 2017 no Nordeste e seus impactos**. Parc. Estrat. Brasília- DF. v. 22. n. 44. p. 17- 40. Jan./jun., 2017.

MARTINS, Eduardo Sávio Passos Rodrigue; MAGALHÃES, Antonio Rocha. A seca de 2012-2015 no Nordeste e seus impactos. **Políticas nacionais da seca**. Parc. Estrat. Ed. Esp. Brasília- DF. v. 20. n. 41. p. 107-128. Jul./dez., 2015.

MOLION, Luiz Carlos. In. TVE Alagoas: Programa Pauta Especial. **A seca em Alagoas**: Parte 1 (BL 1). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?time_continue=611&v=gfP-UQ8ie_s>. Acesso em 20 de abril de 2017.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de Linguística Aplicada**: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas, SP: Mercado das letras, 1996 (p. 17-25).

_____(Baynham). **Meaning maliling in periphery**. 2017

_____. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 (p. 13-27).

_____. **Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar**. 2010 (p. 11-24). Disponível em: <<https://ufscdeutsch2010.files.wordpress.com/2010/10/nps156.pdf>> . Acesso em: 25 de março de 2018

_____. **Linguística Aplicada indisciplinar**. [2015]. Grau Zero- Revista de Crítica Cultural. Entrevista concedida a Cláudia Zilmar da Silva Conceição (p. 332-340). Acesso em: 30 de março de 2018.

_____. **Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos linguísticos**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 159-171, 1º sem. 2004. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12552>>. Acesso em: 30 de 2018.

_____. **Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política**. Gragoatá, Niterói, n. 27, p. 33-50, 2. sem. 2009. Disponível em: <<http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/viewFile/195/180>>. Acesso em: 30 de março de 2018.

_____. **Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução**. Universidade do Rio de Janeiro, D.E.L.T., Vol.10, Nº 2,1994 (p. 329-338). Acesso em: 30 de março de 2018.

_____. Pesquisa em Linguística Aplicada: entre lugares/margens, discursos emergentes e política. In.: **II Ciclo de diálogos em linguística aplicada**. Unicamp-instituto de estudos da linguagem (IEL), 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bWFAkLwTMM8>>. Acesso em: 14 de Abril de 2017.

MUSSALIM, Fernanda. **Os estudos da linguagem e a constituição do campo da Linguística**. Curitiba: IESDE Brasil. S.A., 2008 (p. 17- 26).

NASCIMENTO, Maria da Saúde Barros. **A notícia on-line da “situação de emergência” provocada pela seca em alagoas: realidade criada e aspectos silenciados**. Delmiro Gouveia, 2019.

NYS, Erwin de. et al (Orgs). **Secas no Brasil: política e gestão proativas**. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE); Banco Mundial. Coronário Editora, 2016.

NYS, E de.; ENGLE, N. L.; MAGALHÃES, A. R. Marco e poder de mobilização. In. NYS, E de.; ENGLE, N. L.; MAGALHÃES, A. R. (Org). **Secas no Brasil: política e gestão proativas**. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE); Banco Mundial. Coronário Editora, 2016.

OLIVEIRA, C. S. de. SOUZA, L. R. dos S. de. SANTOS FILHO, I. I. dos. **Imagens do sertão em construções enunciativo-discursivas**. Revista científica da FASETE. 2017.2.

OLIVEIRA, Cristiana Soares de. **Sertão em outdoor: discurso político e relações de poder**. Delmiro Gouveia, 2016.

PASSADOR, C. S.; PASSADOR, J. L.; ARRAES, A. M. D.; ARRAES, H. F. L. **Políticas Públicas de Combate a Seca no Brasil e a Utilização das Cisternas nas Condições de**

Vida de Famílias da região do Baixo Salitre (Juazeiro - BA): Uma Dádiva de Deus. XXXI EnANPAD – XXXI Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro / RJ – 22 a 26 de setembro de 2007. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/APS-C1521.pdf>>. Acesso em: 20 de Novembro de 2017.

PINHO, V. N.; LIMA, L. L.; MARQUES, I. R. M. Secretária do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos. **Monitor de secas no Nordeste: informativo para alagoas**. Alagoas, 2018. Acesso em: 20 de Junho de 2018. Disponível em: <<http://www.semarh.al.gov.br/tempo-e-clima/boletins-e-analises-tecnicas/monitor-de-secas/relatorios/2017>>.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A linguística Aplicada e a necessidade de uma nova abordagem. In.: _____ **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003 (p. 77-80).

_____. Linguística aplicada: uma subdisciplina em plena ebulição no Brasil. In.: JORDÃO, Clarissa Menezes (orgs). **Linguística Aplicada no Brasil: rumos e passagens**. Campinas, SP: Editores, 2016.

_____. Designação: a arma concreta, porém incrivelmente poderosa, da mídia em conflitos internacionais. In.: **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. Os gêneros integram práticas sociais situadas. In.: _____ **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015 (p. 53-83).

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. A crítica ao estruturalismo e ao formalismo, a enunciação concreta: Bakhtin/Volochinov. In.: _____ **Fundamentos da Linguística II**. Maceió, 2012 (p. 40-54).

_____. **Do dialogismo Bakhtiniano: interdiscurso e intertextualidade**. Arapiraca, UNEAL, 2012.

_____. Fala II: modos de uso da língua – multimodalidade. In.: _____ **Leitura e produção de texto IV**. Natal, RN: EDUFRN, 2016 (p. 93-128).

SCHMITZ, John Robert. **Linguística aplicada e o ensino de línguas estrangeiras no Brasil**. Alfa, Campinas, São Paulo: Departamento de Linguística Aplicada - Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP, 1992 (p. 215-237). Acesso em: 30 de março de 2018.

SCHISTEK, Haroldo. O desconhecimento da Caatinga e o mito da seca. IHU- Revista do Instituto Humanista Unisinos. **Biomás brasileiros e a teia da vida**, v. 17, n. 500, p. 42-44, 13 Mar. 2017. Entrevista concedida a IHU On-line.

SIGNORINI, Inês. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em linguística aplicada. In.: _____; CAVALCANTI, Marilda (orgs.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998 (p. 99-110).

TRINDADE, Eneus. A publicidade e a modernidade-mundo: as representações de pessoa, espaço e tempo. In.: BARBOSA, Ivan Santo (orgs.). **Os sentidos da publicidade**: estudos interdisciplinares. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.